

OSVALDO POLIDORO

Reencarnação de Allan Kardec



UMA VISÃO
DO CRISTO

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

Uma Visão do Cristo

1ª Edição



Instituto Divinista
São Paulo
2021

www.divinismo.org

Copyright desta edição



INSTITUTO DIVINISTA
C.N.P.J.: 09.344.266/0001-26
Rua Professor Artur Ramos, 404 – Térreo – Jardim Paulistano
www.divinismo.org
CEP: 01454010 – São Paulo – SP
Todos os direitos reservados
Tiragem: 1.000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Polidoro, Osvaldo
Uma Visão do Cristo / Osvaldo Polidoro
(reencarnação de Allan Kardec). — São Paulo :
Instituto Divinista, 2021.

ISBN 978-65-993307-1-1

1. Doutrina espírita 2. Espiritismo I. Título.

21-62653

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo : Doutrina espírita 133.901
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Produção Gráfica: Assahi Gráfica e Editora Ltda.
Capa: A. Sergio Grell
(ilustração feita a partir de arte de Gustave Doré).
Diagramação: Rodolpho Vasconcellos

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, Sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde, pois, a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruíreis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos cresceréis, para Minhas Glórias terdes.

Eu Não Venho e não Vou, Eu Sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

ÍNDICE

Deus	3
Índice	5
Nota ao leitor	7
Uma Visão do Cristo.....	11
2 ^o Parte - Amor e Sabedoria	115
A Série do Céu	225
Livros Indispensáveis	229

NOTA AO LEITOR

Caro amigo, se você se interessou por *Uma Visão do Cristo* é porque já está em busca do verdadeiro caminho...

A primeira edição, da presente obra, saiu do prelo em 1953, fazendo parte da “Série do Céu um conjunto de livros de Osvaldo Polidoro que trata da continuidade da vida além do túmulo”. Na verdade, a narrativa feita na primeira pessoa pelo personagem central, serve de fundo ou pretexto para que o autor trate de questões fundamentais da vida humana, que na maioria das vezes pareceu sem respostas satisfatórias. Sempre andou o homem em busca da sua origem, da finalidade da sua vida, do porquê dos seus sofrimentos, ou se quiser o tão propalado “de onde vim?, por que vim?, para onde vou?”

Nesta obra, através do caso individual de Palmério, o nosso herói, o grande mestre Osvaldo Polidoro leva-nos não só as respostas dessas perguntas básicas, fundamentais, mas também fala-nos a respeito de outros assuntos correlatos e de suma importância para a compreensão de nossa existência. Atenção, por exemplo, ao que foi ensinado sobre a

dor. O leitor atento, que procura a Verdade, encontrará, no decorrer da leitura “um retrato fiel... vivo e amplo das verdades astrais”.

Quem já não se perguntou:- “Que é o Céu?”, - “Qual a estrutura da vida além do túmulo?”, - “Como agem as falanges socorristas?”. Leia com cuidado, e encontrará nesta extraordinária obra respostas às suas indagações mais íntimas.

Oswaldo Polidoro, o autor, em todos seus escritos tem evidente preocupação de focalizar problemas de ordem doutrinária, pois, afinal foi para isso que reencarnou: completar a obra iniciada no século dezenove como Allan Kardec. Este espírito, é bom que se diga, assim como Jesus, cristificou-se em outros mundos e entre nós, teve várias encarnações historicamente conhecidas, tais como: Zoroastro, Platão, Elias, João Batista, Francisco de Assis... e dele disse Jesus: “Quando Elias vier de novo, restaurará todas as coisas”. Assim é que cumprindo-se a profecia nasceu ele em São Paulo a 5 de junho de 1910. Quem lhe conhece a vida sabe que desde menino tinha excelsos contatos com o mundo espiritual; era sem dúvidas dotado de extraordinários dons mediúnicos. Já adolescente, começou a escrever sobre a Doutrina Divinista e foi logo considerado um fenômeno, dada a rapidez com que o fazia

(30 obras num período de 5 anos). E não parou mais... Agora, decorrido quase um século de vida, considera sua tarefa de Término da Restauração, finalmente concluída.

Desse modo, leitor amigo, que você possa através de Uma Visão do Cristo, dar um passo a frente no Caminho da Verdade, pois como verá, não se deve estacionar, a evolução tem de ser contínua e ela é sem sombra de dúvidas, pessoal e intransferível.
Boa caminhada!

Lucy Pinheiro
Abril - 2000

Antes de iniciar minha narrativa, através da qual terei oportunidade de expor eventos de minha vida, e comentar acontecimentos, e focalizar o problema de ordem doutrinária; digo, antes de cogitar de meus problemas, quero fazer um breve estacato, e, assim acometido de poderoso fervor espiritual, deixá-lo dominar a minha pobre estrutura intelectual, a fim de, em suas asas místicas, mas de um teor místico positivo, levantar em mim mesmo, em minha consciência, um altar onde poder erigir um culto, oferecer a oblata do meu devotamento à Causa de Nosso Senhor, o Cristo Planetário.

Por que?

Porque eu, que agora me apresento no torvelino das transações interplanos, do câmbio de ideias e influências entre os dois hemisférios espirituais, por menos compreender um dia, um vasto dia, uma

grande etapa de minha vida de espírito, tive a ousadia, o topete infeliz de levantar contra a Causa do Senhor, que é a nossa Causa, todo o poder influencial de que era senhor e capaz movimentador, desfazendo nas almas irmãs, nos irmãos de jornada, nos herdeiros da mesma sagrada finalidade, aquele gérmen sacrossanto, aquela semente que o Senhor, com a Sua Magnitude, um dia lançara e regara com o Seu próprio sangue.

Tecendo agora a minha própria coroa de vitória, por ter vivido e sofrido minhas profundas desditas, e experimentado um dia o sabor feliz de uma prolongada entabulagem doutrinária, quero também assinalar o meu agradecimento àqueles que, de mais alto, por terem vivido e aprendido mais, desceram até o meu triste fadário, a fim de se constituírem a voz da mais oportuna advertência.

— Palmério, — disseram-me, — que pretendes fazer das glórias que a vida encerra? Onde queres dar com o sagrado direito de autodeterminação?

Dos fundões de minhas borrascas espirituais, tornado quase um monstro em fundo e em forma, porque de mal pensar e sentir me havia restituído a uma forma animal antanho vivida, respondi, com uma voz que devera ser cavernosa:

— Não entendo de glórias e direitos! Não quero entender! Que esse Deus, que esse tal de Jesus Cristo, ou quem quer que seja, venha conversar comigo de outras coisas... Quero dinheiro! Quero poder! Quero mulheres! Quero a vida cheia! O já e o agora é que me interessam!

Enquanto me revolia num turbilhão de homens e mulheres em promiscuidade, vendo a terra porrejar vinhos e o céu envolver-se em nuvens que tomavam as formas femininas, e se apresentavam em sensuais meneios e sinuosidades, a mesma voz ressoava, conclamando:

— Palmério, olha que atingiste um grau lamentável de retrogradação. Daqui em diante, se continuares nessa ronda infeliz, sabes onde irás parar e o que te custará o caminho de volta?

— Que me importa! — respondi — Por que Deus não me advertiu antes?

A voz tornou, complacente:

— A advertência de Deus sempre esteve contigo; a consciência individual e as Revelações que representam? Tu, entretanto, nunca deste crédito a nenhum valor interno ou externo. O homem carnal

avassalou o homem espiritual e o tornou miserando escravo. Tudo o que cheira animalismo te convém e arrebatava. No entanto, Palmério, estás nas divisas de um plano vibratório. Ou te arrependes ou te darás com os costados na mais tremenda dor. Falo como irmão e amigo, falo como emissário de Jesus Cristo, que por sua vez o é da Divina Essência — Deus.

— Sofrimento! Sofrimento! Dor! É só do que sabem falar esses místicos. . . A vida já não é uma onda de dor? Não poder ter tudo quanto se quer já não é um imenso e contínuo sofrimento? Porventura vocês não sofrem? São senis?

Senti em mim um repelão, e ouvi aquela voz como se estivesse dentro de mim:

— Existem alegrias e alegrias, assim como dores e dores, Palmério. Para ti é chegada a hora de melhor compreensão das sagradas finalidades da vida; e para os homens em geral é chegada a hora de melhor discernimento sobre o fenômeno dor. A dor, como tudo o mais, ou como todas as verdades fundamentais, é um todo que se fraciona ao infinito. Deixemos os misticismos supersticiosos, vividos por ignaros ou por sábios, e convenhamos em que é preciso penetrar o âmago dos fenômenos e captá-los a razão direta. Portanto, não basta que se fale

em dor ou dores, e sim que se saiba conhecer o sentido moral e judicial de suas possíveis manifestações na criatura. Genericamente, a dor pode ser acidental, de prova, de expiação e de missão. Ninguém pode, em sã razão, confundir a dor sofrida pelo Cristo, que foi moral e judicialmente missionária, com a dor do Judas, em seguida ao reconhecimento da falta, que foi moral e judicialmente dor de culpa.

— E que tenho eu com isso? — respondi, gritando, mesmo sabendo que a voz estava dentro de mim, como se fosse uma ruidosa duplicata de minha consciência.

Docemente, mas sempre grave, a voz advertia e elucidava:

— Todos somos um em face das leis fundamentais. É por isso que convém saber cada vez mais e melhor. Até hoje, de muitos anos para cá, tens ofendido a Lei no teu próprio íntimo... Tens descido vibratoriamente... Estás esbarrando numa fronteira, e numa divisa que, uma vez transposta, muito te irá custar! Palmério, é a Lei que te fala, não sou eu. Vim em seu nome, porque todos somos advertidos antes de darmos certos passos.

— Por que não o fui antes?

— Não tens falado contra Deus e contra o Cristo?

— Tanto mais razão tenho de queixa; deviam advertir-me duramente.

— Assim o foste. Quem quer falar mal dos Supremos Poderes precisa lembrar-se deles. Quem lembra para blasfemar podia lembrar também para obedecer. Não é justo que existam diferentes lembranças, mas sim uma só para todos os efeitos, isto é, para que seja usada a gosto do seu cultor. És, portanto, integral responsável pelo que tens feito.

— Irei pensar nisso... E nas diferentes categorias de sofrimento ou dor. Deixem-me em paz. Quando penso em Deus aumenta o meu sofrimento.

E a voz me rebateu, num tom brando e convidativo:

— A tua dor é dor-culpa. O Cristo, entretanto, pensando em Deus vencia o mundo e seus horrores. Pergunta, a ti mesmo, que categoria de dor é a tua. Consulta a tua consciência, mesmo que a não tenhas preparado para uma pergunta dessa ordem.

— Vivi como vivi.

— Começas a convencer-te de que és o único

responsável. Continua.

— Tenho vontade de outras coisas... Poder, vinho, mulheres...

— Mais dor-culpa?

— Não sei. Quero isso. O Céu é muito difícil.

— Fica-te, infeliz. Um dia, quando te lembrares da Lei, pensa em mim.

— Não pensarei na Lei.

— Palmério, tu pensarás na Lei, mesmo que seja para blasfemar contra ela.

— E então?

— Não perguntes. Vê que sentes um fogo no íntimo?

— É que me estou pondo neurastênico. Tu me fazes mal! Vai-te daqui!...

A voz emudeceu e eu descí até não sei que abismos. Dezenas de anos se passaram. Fui aleijado, monstrengo, débil mental; vivi ou vegetei a valer,

Oswaldo Polidoro

sugando o veneno dos infernos, quer na carne,
quer nos abismos astrais.

Eu disse, de início, que desejava prestar a minha humilde homenagem ao Cristo Planetário. Não Lhe agradeço a dor que colhi por ter sido eu mesmo o seu infeliz cultivador. Nem a mim agradeço o ter sofrido, porque se Ele sofreu a Sua dor, foi ela consagrada pela Lei, por ser dor-missão, e não como a por mim sofrida, que foi dor-expição, auto-expição, auto-imposta, filha de culpas acumuladas, mãe de outras blasfêmias, consequência de outras e mais perigosas quedas. É necessário ponderar sobre tão importante questão, para que não continue no mundo religioso a haver confusão em torno de fenômeno de tão amplos alcances o quão infinitas aplicações. Deve-se falar na dor, simplesmente? Não, que isso é ignorar muito. O que se deve fazer é medir-lhe as extensões, principalmente no sentido moral.

Em que, então, cingirei minha homenagem ao Cristo?

É simples expô-lo.

Um dia no curso do século dezenove, sendo um francês, e estando a gemer o produto de minhas obras, na forma de um rastejante cidadão do mundo, um estropiado físico, vim a conhecer uma senhora espiritista, admiradora da obra de Allan Kardec, por quem me apeguei de amizade, e a quem agora lembro, enviando-lhe os mais felizes augúrios. Esta senhora, devotada serva da doutrina consoladora, olhou para mim, franziu o cenho, derramou lágrimas e disse-me coisas de espantar.

— Meu irmão, — começou a dizer, — vejo em tua aura uma procissão de ações menos felizes. Tem ferido a Lei no seu interior, e se devia ela, por bem servida, garantir-lhe paz e ventura, por ter sido ofendida, faz o contrário. Nós, meu irmão, é que acionamos a Lei, dentro de nós mesmos. E assim colhemos, em nós mesmos, tal como semeamos. O Céu não vem de graça, por favor, por mistérios quaisquer. Ele deve ser erigido dentro de nós mesmos e por nós mesmos. Você, porém, no curso de algumas vidas tem ferido a Lei no mais íntimo...

Soltei um longo gemido; ela cessou a fala por alguns segundos. Depois, sempre a me fitar de maneira penetrante, continuou:

— Tem vivido dolorosamente. E não deve favorecer a si mesmo pelo que tem feito, porque nem sequer teve inteligência para se aproveitar da dor. Ela, que compreendida podia ter sido bem-aventurada, foi por si lançada no rumo da blasfêmia, da rebeldia, do embrutecimento. Teve que cair na inconsciência. Necessitou dormir para a razão. Foi projetado automaticamente para vidas as mais rudes. Perdeu as melhores oportunidades de avançamento. É um grande inimigo de si próprio.

Assustado, perguntei:

— Que espécie de esmola me dá a senhora? Eu pedi uma esmola pelo amor de Deus e a senhora me diz palavras tão duras?

Olhou-me com ternura e disse-me:

— Filho, não é o teu corpo que carece de esmola, mas sim a tua alma que necessita de esclarecimento. É fácil vestir o corpo e fornecer o estômago, mas é trabalhoso revestir o espírito de valores gloriosos. A dor jamais te curará, porque arrastas contigo

tremenda aversão por certos conceitos. Necessitas de usar bem a inteligência, para que o pensamento, sendo bem dirigido, force o teu poder-ação no sentido conveniente e tuas obras tornem-se dignas. Lembra-te, filho, de que é mais decente evitar erros, do que pedir desculpas depois de tê-los cometido. És capaz de te lembrares disto?

— Não sei, senhora. Não poderia auxiliar-me? Peço esmolas ali na porta da igreja... Não poderia, de quando em quando, falar comigo? Vejo que sabe muitas coisas.

Ela olhou-me com piedade e advertiu-me:

— Sou velha demais para prometer-te isso. Entretanto, filho, sê inteligente, aproveita a sujeição, pensa na Lei, dá bom rumo a ti mesmo, pois de muitos séculos vens alimentando mal o teu foro íntimo. Pedes esmolas pelo amor de Deus... E no entanto és contra Deus. Vives como um réptil e sustentas vícios de variada ordem. Quando irás compreender o que vale a inteligência?

— Minha mãe me chamava “cínico”, senhora; eu acho que sou mesmo cínico. Tudo me faz rir, pouca coisa ou nada me faz pensar sério. Eu queria gozar a vida, ter muito dinheiro, ser autorida-

de, possuir... Ora, possuir. . . Mas que mulher se casaria comigo?

— O Céu está dentro de ti mesmo. Entretanto, quanto estás longe do Céu! Os prudentes e os covardes, os tímidos e os místicos, de um modo ou de outro, valem-se da dor, ao menos da dor, e de tanto valorizá-la conseguem alguma coisa, ou até mesmo muita coisa. Mas tu, filho, nem da falta de lógica consegues valer-te, nem sequer transformas a dor em veículo de restauração. Ela te fez blasfemar e a tua inteligência não bastou para compreender os poderes da vida. Estás rastejando de corpo, e tua alma rasteja mais ainda. Onde irás parar, repito, sendo forte para não curvar em face da dor, e sendo fraco a ponto de não respeitar os valores do espírito?

— Eu não estou sofrendo, senhora. Vivo a minha vida. Cada coisa, cada ser, só vive a vida que pode viver. A senhora tem certeza de que olha para baixo, para cima, para os lados, e observa o que se passa? Muita gente bem intencionada vive pior do que eu, não acha? Meu vizinho é milionário e tem um câncer na perna. Ele cheira mal, quase ninguém quer visitá-lo. Conheço também muitos outros que sofrem e fazem sofrer. Eu não sofro, sou apenas um aleijado. Nada, entretanto, me dói. Por isso,

posso garantir-lhe, sinto-me feliz... Eu sou feliz, compreende?

Ela sorriu, um sorriso que era a expressão da bondade e aparteceu:

— Inconsciência dos sagrados desígnios da vida não é felicidade.

— Se a alma é imortal, senhora, aprenderei o suficiente depois da morte. Afinal, para alguma coisa deve servir a imortalidade. E se tiver de sofrer, por não fazer de mim uso condigno, sofrerei. Se tantos sofrem, por que eu não posso sofrer? Todavia, saliento, tenho repugnância por essa gente que vive fazendo cantilenas à dor. Ou são covardes, ou são simplórios, ou são apenas tardos de entendimento. Porque em nenhum Livro Sagrado está escrito que se deve procurar a dor, mas quando muito suportá-la, quando se faz intransferível.

Seu semblante iluminou-se e inquiriu-me:

— Tens lido, rapaz?

— Tudo quanto trata de religião, senhora. Gasto o meu dinheiro como posso. O meu prazer seria outro, bem outro... Mas, como cada um vive o que

vive, de acordo com a natureza que tem, eu fico bem comigo mesmo vivendo assim.

— Quem te ensinou a ler?

— Minha mãe. Ela dizia que ser analfabeto era ser pobre duas vezes, mesmo que possuindo grande fortuna. Depois de saber ler, punha-me nas mãos os livros que julgava capazes de me soerguer o ânimo. E como alguns vizinhos me ofertaram livros, fui organizando uma biblioteca, podendo dizer que possuo uma e bem vasta, constituída quase toda de obras filosóficas e religiosas. As pessoas têm a mania de querer dos outros, pelo menos daqueles que julgam infelizes, que se façam crentes por temor ao sofrimento. Eu deploro os que adulam a Deus por medo ao sofrimento, bem assim como os que se curvam ao sofrimento por temor a Deus. Minha teoria é a do homem objetivo, prático, racional, completamente livre de peias religiosistas. Os donos de religiões muito lucram com tais absurdos, e por seus lucros responde hoje uma humanidade de supersticiosos e decrépitos mentais, uma gentilha que não pode conceber um Deus que não seja maldoso, carniceiro, praguento e traiçoeiro.

— Entre as leis fundamentais e os conceitos humanos, paira mesmo uma grande diferença. Toda-

via, há um Supremo Determinismo, que percute de dentro do ser, facilitando-lhe subir ou descer, sofrer ou gozar, assim como se dê a proceder. O Deus que é, segundo a Doutrina do Consolador, não particulariza indivíduos e nem leis. Tudo é geral. O indivíduo, em qualquer tempo e local, é livre para tomar ação contra ou a favor da Lei Suprema, vindo por isso a lavrar dentro de si mesmo, sentença de paz ou de tormenta. Você, que leu muito sobre religião, nunca apanhou nas mãos uma obra de Kardec?

— Já ouvi falar... Mas estou farto de tais leituras. A humanidade, e falo nela pensando nos seus vultos proeminentes, por mais que engendre programas filosóficos de escol, vive mal, muito mal, sempre em triste expectativa. Por mais que a cabeça funcione a bem do Céu, vive com os pés no lodo da terra. O cérebro e o coração não conseguem prescindir de contributos do bolso e do estômago. O espírito, se é que há, tem podido menos do que o corpo, porque enquanto ele aspira o Céu subjetivo e distante, o corpo, a carne, necessita e se regala com o que é presente e fácil. Eu já lhe disse, minha senhora, que o Céu custa muito caro. E o que é pior, tanto mais caro quanto hipotético.

— E se houver provas de que não é hipotético?

— Ainda assim, senhora, resta saber se convém a troca. Muitas coisas existentes não são convenientes. O bem futuro pode não valer o sofrimento presente. Eu estou duvidoso de quase tudo quanto se propala a muitos respeitos. E a culpa não é minha...

— E se for, em parte, sua?

— Eu não fiz e nem sou a humanidade inteira, senhora.

Ela abanou a cabeça negativamente e afirmou:

— Fê-la Deus, por extraí-la de si, conferindo a cada elemento a devida dose de poderes auto-determinísticos. Por esses poderes, entenda, todo aquele que procede mal é culpado das faltas alheias. Pela lei das incidências, todos influímos sobre alguém, marcando num próximo qualquer a nossa característica, o nosso modo de ser, certo ou errado. E é você quem diz, que é isento de culpas? Como é, então, que ao seu redor bailam monstruosas ações do passado? Que desmandos você andou cometendo em outras vidas? Que vícios são esses que o envolvem? Que sanhas são essas que o assaltam? Onde foi arranjar companhias astrais tão repugnantes? E por que razão pede o espírito de sua mãe para que o leve a uma sessão?

— Minha mãe? Que diz minha mãe?

— Que é um grande devedor do passado, contra quem nem a dor malfadada pôde, isto é, que não cedeu nem mesmo à dor-expição. Diz, também, que vive a filtrar o modo de pensar e sentir de seus companheiros de outrora, enquanto pensa estar sendo senhor de seus pensamentos.

— Onde está minha mãe?

Ela apontou e disse:

— Ali. Não se aproxima, porque tais elementos não lhe permitem.

— Que mais diz ela?

— Nada. Está silenciosa. Espere... Vai dizer, está fazendo sinal... Diz que o seu irmão está à morte, que deve ir vê-lo. Chama-se F... Está certo?

Apanhei-me de espanto e quis sair, como pude, arrastando-me pela calçada. A senhora chamou-me e perguntou-me o nome e o endereço, tendo anotado em um caderninho. Quando eu ia a uns metros, disse-me:

— Se quiser, irei visitá-lo.

Volvi e disse-lhe que sim. Em boa hora o fiz. Por essa hora feliz, porta de entrada ao conhecimento, rendo meu humilde preito de gratidão ao Divino Mestre. E já o disse, não é por favor algum que me tenha prestado, como Ele mesmo me asseverou, mas sim por ter, daí em diante, podido compreender a vastidão de vantagens que o Seu batismo de Espírito me prodigalizou.

Meu irmão trabalhava numa estrada de ferro e, ali, entre dois vagões, a morte o apanhou. Deixara mulher e cinco filhos. Em face do seu cadáver, e daquela mulher que pranteava, e daquelas crianças que ficavam órfãs, sem arrimo, fiz mil e uma cogitações a respeito da Justiça Divina. Hoje, sei muito mais e afirmo que tudo veio a tempo. Pelo menos a tempo de eu começar a minha escalada pelas sendas do bem, porque me fiz o arrimo, e tutor o quanto possível, daquelas criaturas sem marido e sem pai.

Posso dizer, entretanto, que por inteligência e bondade venci. Direi que aquela mulher veio ao meu encontro, numa hora marcada pelo Céu, quando tudo estava em ordem para tomar novo rumo. Francamente, não sei dizer o que teria acontecido, se ao invés dela outra pessoa tivesse atravessado o meu

caminho, inculcando-me outras ideias, referindo-me a conceitos de que o país então andava saturado.

À noite, aí pelas nove horas, estando ainda o cadáver presente, aquela senhora entrou e nos pediu para fazer uma sessão. Vinha acompanhada de cinco ou seis outras pessoas, que nos apresentou, estando no meio delas Allan Kardec, um homem que se destacava pela simplicidade, deixando os circunstâncias à vontade, e por qualquer coisa que em si havia, uma absorvente simpatia pessoal.

— Querem fazer a sessão aqui? — perguntei-lhes.

— Não é necessário ser aqui, mas em qualquer parte. — respondeu ela.

— A casa é muito pequena... Só a cozinha está vazia...

Allan Kardec interveio, fazendo um gesto de assentimento:

— Jesus Cristo fez nas ruas da Palestina; os cristãos dos três primeiros séculos fizeram nos porões e nas catacumbas. Nós podemos, também, fazer na cozinha.

Minutos depois, onze pessoas reunidas em torno

de uma mesa, na cozinha da casa de meu irmão, faziam uma sessão espírita. Foi para mim como que abrir as portas de um novo mundo. Falaram espíritos, conclamaram ao bem, desentronizaram a morte do seu pedestal temeroso. Falaram comigo, concitaram-me ao dever, lembraram-me sagrados compromissos. Ouvei uma sentença feliz, pois um deles disse, textualmente — “É mais aquele que pela inteligência vence a dor, do que aquele que só pela dor faz funcionar a inteligência”.

Quando de saída, aí pela meia noite, aquela senhora deixara uma quantia em dinheiro e Allan Kardec prometera mandar-me buscar para algumas sessões.

— Eu quero ser espírita. Os senhores foram muito bondosos e os espíritos disseram palavras consoladoras e inteligentes. Agradeço e aceito a oferta. Deus, um dia, lhes dará o pago.

Allan Kardec disse, enquanto me apertava a mão:

— Mais uma vez, no curso da história, o Cristo procura facilitar ao homem o conhecimento da Verdade, através da Revelação. O que fazemos é dar curso ao restabelecimento da Doutrina do Cristo. Temos de nos esforçar, porque o tempo é chegado e os recursos são poucos. O Cristo necessita de colaboradores fiéis.

O seu semblante, no momento, era de muita preocupação.

Há uma normalidade para toda e qualquer situação. Dias depois, embora os prantos e as queixas, tudo se encaminhava e tomava ordem. Minhas esmolos redobram, muita gente nos visitava, e com as idas ao Centro nossos corações se enchem de conforto e esperanças. Nalguns momentos vivíamos verdadeiros êxtases, nossas almas antegozavam o Céu, pairavam num mundo ideal e deslumbrante. A vida, então, não era um viveiro de prantos, como diziam minha cunhada e meus sobrinhos, cujas inteligências despertavam para a vida, cujos corações se voltavam para a mística do amor.

Sempre que se podia, ouviam-se palestras do missionário da restauração. Tudo para ele era fácil, ele se transfigurava quando começava a falar, seus olhos, de comum serenos, passavam a ostentar um brilho sublime, de fulgor místico, como se das brumas da Terra antevisse as claridades do Céu.

Vinte e dois anos depois, casados os sobrinhos, e minha cunhada sendo por todos bem quista, fechei os olhos para o mundo terrícola. Não sofri lapso algum, entre a visão de um e outro plano. Não havia bem cerrado os olhos

para a Terra e já o Céu se fazia representar a meus olhos; eram familiares e amigos, espíritos servidores, que sorriam e convidavam. Do meio daquela multidão, revestida de luz e transbordante de alegria, minha mãe afluíra. Corri para seus braços, rastejante ainda, e me senti livre da carne mais densa, leve qual pluma, gozando uma inebriante sensação, um indefinível prazer espiritual. Vieram uns, aproximaram-se outros, cada qual dizendo palavras de conforto e louvor, de estímulo e de agradecimentos.

— Que me felicitem, muito bem. Mas ao que vêm os seus agradecimentos? — inquiri de um deles.

— As preces que fez por mim... Eu sou M..., aquele que lhe pediu esmolas aos pobres em seu nome. E você orou por mim, dando esmolas e pensando em mim. Que o Céu lhe seja propício, porque suas dádivas muito bem me fizeram.

— Vamos embora. — disse minha mãe, tomando-me pelo braço.

— Vou continuar assim, mamãe?

Ela olhou-me com profundo enternecimento, meditou e concitou:

— Espera, meu filho, que tudo vem a tempo. Deus sabe o que faz. E é notório compreender uma verdade: não basta receber, é preciso saber como se recebe. Não existem milagres e nem mistérios em Deus, e devemos conhecer as leis que regem os fenômenos da vida, sejam os agradáveis, sejam os dolorosos.

— Confio em Deus, confio em todos. Sinto-me muito feliz.

— Confiar em Deus é um modo indireto de confiança própria, assim como a confiança própria é um modo indireto de confiar em Deus. O normal, para a melhor eficiência, é cultivar o dialetismo — cultivar as duas confianças. Isto, porque determinismo e livre-arbítrio sempre marcharão paralelamente, na vida e nas necessidades de todas as criaturas.

— Então, confio em tudo e em todos.

— Mas sempre procurando discernir os fatores, não é assim? O Universo total é ação, e ação demanda inteligência e ordem. Não pode haver caos integral; é impossível que haja automatismo cem por cento; logo, não só devemos conhecer as forças regentes, como devemos aprender a ser forças determinadoras. Os espíritos são os agentes de Deus. O Universo e tudo quanto ele comporta é movimen-

tado por espíritos. Ninguém tem, portanto, direito a negligenciar. Com apenas agentes negligentes, como conduziria Deus o Universo manifesto?

— Estou sentindo um sono, uma vontade de dormir...

— Logo estarás à vontade.

Num abrir e fechar de olhos, eis-me em uma terra muito mais bela!

—Aqui vais ficar, por algum tempo, até que te cures de todo.

Entrar por um enorme portal, atravessar uns corredores, penetrar um cômodo e ser convidado a deitar, tudo foi obra de segundos, me pareceu.

Quando acordei, isto é, depois de estar acordado, mas quando me dispus a abrir os olhos, vi que um irmão, pessoa de mim não conhecida, aplicava-me passes aspersivos. Era um homem jovem, de rosto alegre, de modos familiares, sorridente e feliz, que na primeira oportunidade forçou diálogo:

— Sabe quantas horas dormiu, senhor Palmério?

— Não. Creio que algumas horas. Não é isso?

Entressorrindo, disse:

— Alguns dias... Necessitava um longo sono.

— Sei. Sinto-me leve como uma pluma. Mas... Ainda sou um aleijado, não?

Deu uma encolhida de ombros e opinou:

— Acho que deve confiar na Suprema Justiça. Afinal, está em paz de consciência e nada lhe dói. Não sei muita coisa a seu respeito, nada lhe posso dizer de certo, nem mesmo de cogitativo, mas tenho certeza de que lucrou muito com a última passagem pela carne. Deve sentir-se feliz, porque havendo resgatado culpas e acumulado valores construtivos, a cura corporal ou física, a nosso modo, terá de vir como consequência lógica. Se comigo tivesse acontecido assim, ainda que necessitando andar de rastos ficaria contente...

— Que aconteceu consigo?

Fez aquela fisionomia característica de quem projeta o pensamento ao longe, investiu-se de ares tristes e numa surda frase dedilhou a explicação:

— Eu falhei em tudo, senhor.

Calei-me, pois senti que não devia esgaravatar suas chagas espirituais. Ele, entretanto, passados uns segundos, e fazendo um gesto de alerta, comentou:

— Bem! Mas não devo pensar assim. As ordens são para trabalhar, pensar bem, aprender cada vez

mais e ser o mais alegre possível. Devo reconstruir o meu mundo através da criação de uma psicologia favorável. O Céu interior, como aprendi e ainda estou aprendendo, não se levantará jamais sobre o inferno; o lugar ocupado por um, deve ficar vago, para logo ser habitado por outro. Eu hei de fazer isso! Por que não devo fazê-lo, se eu sinto que posso? O senhor não acha?

Francamente, julguei estar na presença de algum doente mental, ali chegado casualmente, aplicando-se aventurosamente ao passe. Fiquei aborrecido, pois acima de meus próprios males, cogitei, teria ainda de atuar algum desequilibrado? O que me tirou do apuro foi a chegada de minha mãe, cuja primeira ação foi apresentá-lo.

— Salmo fê-lo acordar, porque a ele incumbi dessa função. É um recuperado, um filho de Deus que abusou de certos poderes mediúnicos, mantendo colação com agentes astrais inferiores e lançando-se desbragadamente pela feitiçaria. Envolvido por uma falange infernalmente animada de sádicos propósitos, cultivou o mal pelo gosto do mal, descendo a mais não poder. Depois de dois séculos e meio de martírios, foi aparecendo na fronteira de socorros, atraído pela relativa claridade, vindo a ser recolhido, não sem antes fazer a sua profissão de

propósitos ressarcitivos. Agora, cinco anos depois, começa a usar bem daqueles mesmos dotes que tão desastradamente aplicara.

— Dois séculos e meio! — exclamei, admirado, assustado.

— Sofrendo o cerne das zonas infernais. — informou minha mãe.

— Perdendo tempo! Perdendo tempo! — repetiu ele, todo convulso.

— Sim, empatando tempo em não progredir e tudo sofrer. Quem poderia, em sã consciência, endossar aí a filosofia da flagelação como bem-aventurada? Um sofrimento culposo é nódoa e não virtude.

— O pior, — disse-me ele, — é que eu tinha a impressão do sem fim... Tudo em mim era uma infusão de eternidade e maldição! Que estado, meu Deus!... Eu...

— Pensemos em outras coisas. — convidou minha mãe, percebendo-o muito mal.

— É um favor. — concordou ele.

Aproveitando a oportunidade do vazio em maté-

ria de assunto, indaguei:

— Quando poderei andar como os outros, ou como um ser humano?

Minha mãe fez uma fisionomia de piedade e concitou-me:

— Tenha paciência, meu filho. E nunca mais pergunte isso, compreendeu? Cumpre-lhe saber, como cultor da doutrina do Consolador, ou do Batismo de Espírito, que na Justiça Divina não existe falha. Espere, portanto, que em tempo tudo chegará a ter.

— E minha família?

— Logo sentirá o quanto fizeram por si, amigos e familiares. Posso dizer que as preces foram reservadas para logo mais... Você não sabe como, talvez que eu mesma desconheça o mecanismo da fenomenologia, mas a verdade é essa mesma. Sua vida, seus feitos, sua personalidade, foram citados como exemplos de regeneração, de fé, de trabalho.

— Mas foi o povo quem deu tudo! Eu, recebendo o dinheiro e as ofertas, cuidei do quê? Fiz o que qualquer um faria, não é exato?

Ela abanou a cabeça e ventilou:

— Se está registrado que recebeu o dinheiro e os bens do povo, também está registrado que, depois de aprender Espiritismo, começou a distribuir a outros, deu-se a pensar sério no problema da dor alheia. Tivesse ficado no campo restrito da família, não houvesse ampliado o seu campo de visitas e ofertas, e pouco teria conquistado em face do Céu. Por isso, muita gente faz preces por si. E aquele que no mundo trabalha para organizar o alicerce científico-filosófico-religioso da Doutrina do Batismo de Espírito, em obras fundamentais, muito instou junto a irmãos deste lado, a fim de que não lhe faltasse todo o apoio possível, no âmbito da Suprema Justiça. E você sabe o quanto ele é estimado pelas falanges do Senhor.

— Merecerei tudo isso, mamãe?

— O bom senso nos indica o dever de simplicidade. Logo, se se julga pouco merecedor, faça questão de sê-lo mais. É a regra infalível, meu filho.

— Saberei esperar, procurando, também, ao receber alguma coisa, ser merecedor da oferta e dos ofertantes.

Depois de pensar algum tempo, ponderou ela, em tom circunspecto:

— Convém observar bem o seguinte: ninguém se faz de um salto. A história de um santo, de qualquer forma é uma história de altos e baixos, de avanços e de recuos, de quedas e de soerguimentos. Devemos traçar diretrizes, conforme a ordem superior, ou o plano geral, e partir daí, com vontade e esforços aplicados, mas compreendendo que a vida deve ser vivida. Nada de obcecações. Nenhuma ideia fixa. Saber que na vida tudo cabe, o bem e o mal, o alto e o baixo, a paz e a tormenta, a sabedoria e a ignorância, porque o espírito é um centro de poderes e está em sua natureza movimentar esses mesmos poderes para onde quiser. Portanto, boa religião é cultivar a ciência e o amor, porque esses fatores são básicos, e formam ou constituem a chave que abre para o Céu as portas do próprio espírito. O método a ser aplicado, portanto, é o da serenidade, é o da ponderação. Quem não fizer assim, por certo corre o risco de esbarrar em sérios percalços, cair em contradição e chafurdar no regime de aberrações e dores. A dor é uma consequência da anormalidade e deve ser evitada. Só a dor missionária é que é bem-aventurada. A dor acidental, a dor expiatória, essas não podem ser bem-aventuradas. Até mesmo a dor prova é menos recomendável, pois havendo meios para realizar

o Céu através da ciência e do amor, por que fazê-lo segundo os liames torturantes, que são um princípio de rebeldia e um intróito aos infernos?

Notando-lhe a gravidade ao encarar o assunto, perguntei:

— Por que faz essa observação, mamãe?

— Quero lembrar-lhe os prejuízos do excesso de entusiasmo. Sempre aparecem aqueles momentos deslumbrantes, à custa dos quais a criatura pensa atingir a plenitude espiritual de um salto. É um fenômeno psicológico corriqueiro, e que tem enganado muita gente, no plano carnal e por aqui. Um momento de êxtase não deve ser tomado como uma definitiva conquista hierárquica. Faço questão de lembrar esta ordem de fenômeno, pois foram muitos os que se apanharam, quando devolvidos ao tom médio ou à normalidade vibratória, de constrangedoras apatias, verdadeiros estados de prostração moral.

— É muito útil saber isso. — Interveio Salmo, que a ouvia atentamente.

Prosseguiu ela:

— Não basta confiar no Céu; é necessário conhecer os estorvos do caminho e saber evitá-los, ou pelo menos contorná-los. O espírito sempre está enquadrado no seu grau ótimo, ou tom hierárquico normal, que é aquele alcançado através da vida e seus feitos. E este, por natureza, oferece, porque comporta, um campo de flexão, uma possibilidade para aumentar ou diminuir. Assim, em si mesmo pode o indivíduo subir ou descer na escala vibratória que lhe é ordinária ou comum. Quando o indivíduo é inexperiente, e por um forçamento alcança o êxtase, pode muito bem confundir o que é passageiro com o que é perene. Julga ser possuidor do Céu à vontade, quando apenas vislumbrou-o de bem longe. Depois, ao cair na ordem normal, ao voltar ao estado ordinário, julga ter sido barrado, traído, apartado, vindo o seu estado a ser muito pior que aquele anterior.

— Então, o Céu também pode ser instrumento de conturbação?

— O Céu, não; mas a inconsciência do indivíduo, sim. Por isso recomendo atenção contra o excesso de entusiasmo. Bem-aventurada a criatura que usa corretamente da inteligência, compreende? Não se compromete, nem pelos devaneios, nem pela instância do êxtase, e muito menos escandaliza a Jus-

tiça Divina por cantar ladainhas à dor punitiva, ao sofrimento expiatório.

Salmo interveio, opinando:

— Uma verdade deve ser posta em discussão, por tornar-se tese. Se é mais respeitável a atitude daquele, que por errar se lança aos tentáculos da dor, ou a atitude daquele que, por inteligência, suplanta o erro e vence a dor. Eu acho o seguinte, de acordo com os ensinamentos que estamos recebendo, cujo fim é por termo ao conceituísmo dolorista multi-milênar, generalizado e conseqüentemente errado; eu acho que, em se tratando de tese inteligente, por ser da alçada de criaturas racionais, é comprometedor que um ser humano encontre, na teoria da flagelação, melhor modo de honrar a Deus, e Sua Justiça, do que por meio da ciência e do amor, que em si consubstanciam o poder da inteligência. Demais, sendo Deus a Suprema Inteligência, e sendo nós seus filhos ou emanações, como conceber a inversão da ordem ou medida respeitável? Ao que é Inteligente se honra com inteligência; ao que é Amor se honra com amor; ao que é Justo se honra com justiça. Só à dor missionária respeito como sendo bem-aventurada, porque ela encerra o germe da abnegação, eleva-se aos páramos da renúncia e se concretiza na su-

prema fraternidade. Quanto à dor expiatória, ou punitiva, embora lembrada como advertência ou aviso, ainda que conceituada como alertante, ela sabe a opróbrio, ela cheira a crime, ela encerra o germe do erro e significa a marca da transgressão. Em nome do bom senso, creio se deveria mesmo iniciar uma nova ordem interpretativa sobre o fenômeno dor, colocando pingos nos ii. Os altos mentores que nos visitam, e nos ensinam, repetem sempre que não é da Vontade de Deus que Seus filhos sofram, mas sim que é da Vontade Dele, que galguem às supremas glórias. Logo, por ter eu, por exemplo, sofrido tanto, por errar tremendamente, com isso não honrei o meu Deus! Apenas, simplesmente, escandalizei a minha condição de ser inteligente! E que melhor testemunho daria eu, em prol da tese anti-dolorista generalizada, do que pelo fato de estar aqui, agora, em paz e normalidade de consciência, sabendo e sentindo a importância dos fatores ciência e amor, à custa dos quais erigimos o edifício da paz?

Eu sentia, dentro de mim, convulsões tremendas. Minha alma, direi assim, estava acabrunhada, comprimida, constrangida. E não sabia ao certo o porquê. Dei-me por feliz quando chegaram outros, convidando minha mãe e Salmo para um serviço urgente.

Antes de sair, disse-me Salmo:

— Fique aí, deitado, e vá lendo este livrinho.

Minha mãe, antes de partir, lembrou-me:

— Na Terra ou onde quer que seja, toda sorte de tonalidades vibratórias são presentes. E é comum o fato de, pelo pensamento, podermos estabelecer contato com qualquer delas. Tudo é questão de identidade, de afinidade. Como se sabe que a afinidade deve ser procurada e forçada, assim se valoriza uma boa leitura. Afinal, meu filho, o bem e o mal estão sempre ao nosso dispor, seja através de criaturas, seja por meio de penetrações ondulatórias. Esse livrinho é muito bom, serve para fazer colher, no ambiente onde se esteja, os melhores elementos energéticos. Você irá saber, por ele, muita coisa sobre correntes energéticas e variações fluídicas. Aproveite o tempo, procurando saber o motivo daquela advertência do Apóstolo dos Gentios, de si tão querido — “As más conversações corrompem os bons costumes”.

— Está certo, pois uma péssima conversação é o produto de contatos mentais comprometedores. Eu sei um pouco sobre ordens vibratórias e variações fluídicas, sabendo também que, pelos elos

mentais, podemos dar entrada às que curam e às que matam, às que elevam e às que deprimem. É uma grande coisa saber isso, sendo muito melhor aplicar bem esse conhecimento, torná-lo realidade prática.

Por oito dias permaneci no leito, lendo e refletindo, sobre Deus e Sua manifestação. Como ESSÊNCIA FUNDAMENTAL, presente sempre e sempre a razão-de-ser de tudo, por ser tudo em tudo e todos. Nada de um Deus antropomórfico, à margem da Criação! Nada de uma Terra separada do Céu! Monismo puro, a Causa fundamentalmente ligada ao Efeito! E lá vieram os grandes Mestres das Revelações primeiras, os Vedas, os Budas, Crisna; depois outros, muitos filósofos, e o Cristo, que segundo o texto foi muito deturpado, traído nos Seus ensinamentos. Giordano Bruno aparece com a sua interpretação, essencialmente monística, marcando um grande avanço no rumo dos conhecimentos fundamentais.

Uma obra tão pequenina por fora o quão grande por dentro. Uma síntese engolfando a tese e a an-

títese. A dialética perfeita apresentada sob a forma de uma lição sem os entraves da costumeira terminologia técnica dos terrícolas, que pensam com isso estar fazendo melhor obra de verdade, quando, na realidade, as Verdades de Deus independem de seus termos empolados e de seus cálculos complicados.

Resumindo o aprendizado feito, ficou-se sabendo que a Chave do Reino, por natureza, está em cada indivíduo. Em si mesmo é que cada qual tem o poder e os elementos de realização do Céu. Do Céu e do inferno, é claro, porque afinal são dois extremos ligados por uma só lei. De posse desse conhecimento, do qual trazia alguns elementos do plano carnal, por ler bastante e ouvir muitas palestras, tornei-me de ânimo forte, voluntarioso por consciência da realidade. Marcava fronteira entre o Céu e o inferno, de ordem interior está claro, minha própria conduta, acionando a lei de Causa e Efeito.

Encarando minha condição de aleijado, antevia seus motivos. Haviam me dito, mais de uma vez, espíritos servidores do bem, que muitas e graves falhas tinha eu cometido no passado, e que aquela condição de rastejante correspondia à corrupção lavrada no corpo perispiritual; isto é, que eu havia revolvido em mim as formas físicas inferiores, ou das espécies antanho vividas. Que não podendo

tomar a forma inferior integral, em virtude da influência dos genes humanos, vinha, contudo, deformado e rastejante. Que arrastava, comigo, as marcas físicas dos erros de ordem moral cometidos e recalçados. E isso fazia-me pensar muito, porque aquele livrinho ensinava muito bem a discernir entre os direitos e os deveres da criatura. Antes da consciência individual prevalecem automatismo e instinto, não há culpa. Depois, por avançamento, prevalecem ainda automatismo, instinto e razão. E ainda por avançamento ou evolução, ganhando em razão é que vai perdendo em aqueles outros dois fatores primitivos. Quando a inteligência está altamente desenvolvida, capaz de sintonizar com a Suprema Inteligência, então pode-se dizer que a criatura ultrapassou os limites daquelas embrionárias manifestações de leis. É ao que se chama grau crístico. Importa em saber o que determina a Suprema Inteligência, a fim de realizá-la, de dar-lhe cumprimento. Não é uma questão de convencionalismo humano, de títulos adquiridos aos estatutos religiosos do mundo, ou decorrentes de filiações sectárias. A santidade feita pelos homens não voga nas plagas do Céu! Os graus adquiridos aos conclaves de ordem sectária ficam na órbita tumular!

A princípio cheguei a me julgar liberto de toda e qualquer mácula; mas, lendo e meditando, com-

preendi que se o meu corpo de espírito rastejava ainda, era porque o espírito ainda era culposo. Fiz-me, por isso, meio triste. E quando minha mãe tornou a visitar-me, falei-lhe a respeito:

— Estou bem desiludido de mim mesmo... Devo ser ainda um grande devedor.

Fez ela um ar de tristeza e disse-me:

— A paz de Deus é o Reino do Céu... E cada um pode tê-la de acordo com a sua evolução. É medida de prudência manter a consciência alerta e vigiar o que se adquiriu à custa de esforços. Se acha que está de posse de algum bem, por tê-lo adquirido através de cultivos sérios nos campos do amor e da ciência, mantenha-se em paz. Ótimo postulado a ser posto em vigência é o da serenidade de conduta. Os que não duvidam da Suprema Justiça agem assim. E você, meu filho, tem muito por que agradecer a Deus, pelo quanto conseguiu na última passagem pela Terra, tomando parte nos trabalhos restauradores da Doutrina Excelsa, fazendo excelentes amizades, aliando-se a criaturas dignas de profundo respeito. Demais, compreenda, é do seu interesse ler o próprio relatório, a documentação de seus últimos cinco mil anos de vida. O que fizemos, até aqui, foi prepará-lo...

— Compreendo, compreendo, mamãe...

— Foi prepará-lo, meu rapaz, para essa grande auto-revelação. Sei que irá passar sérios bocados, mas sei que muito se alegrará ao término da leitura. Deve entrar na posse do direito de escolher as futuras reencarnações. E só conseguirá isso, lembre-se bem, depois de conhecer bem os seus feitos e de propor-se conscientemente ao culto do bem fazer. Você, que conheceu bem de perto a dor expiatória, que é a dor malfadada, terá que, por amor ao amor, ou por elevação íntima, dar-se ao emprego da dor prova, e, por subir na escala do bem, penetrar mais tarde no plano da dor missionária, que é verdadeiramente a dor bem-aventurada, por ser filha diletta da renúncia.

— Como o Céu é difícil, mamãe! Mas como é belo pensar assim! ...

— Belo é resolver assim e assim viver. Por que julga você que o Cristo fez aquela observação - “Deus é Espírito e Verdade; e quer que assim sejam aqueles que o adoram?”

— Bem, quis dizer com isso que somos por natureza votados às glórias espirituais. E que em nós estão essas glórias, aguardando o despertar.

— Isso mesmo. O Cristo não pediu adorações a quem quer, porque Sua função natural constituiu-se de avisar aos irmãos comandados, sobre o dever dos verdadeiros crentes, que é no sentido de ampliação dos poderes íntimos. Tudo quanto se levantou no mundo, de formalismos e de contemplativismos, de clerezias e de dogmas, tudo isso é revelia ao ensino do Cristo. Por adorar seres exteriores, em bases formais, ninguém se eleva em amor e em ciência. Mas, por subir nessas virtudes, e aplicá-las a bem do próximo, então sim se eleva a criatura. Como você já leu, o Cristo foi muito deturpado em Seus ensinamentos. Por isso que, no mundo, quase todos os cristãos, a respeito da fé, pensam e creem de um modo, e procedem de outro, muito diferente, muito ao contrário. O Cristo deu vigência aos poderes internos, para lembrá-los aos irmãos. Os que se dizem cristãos, falam no Cristo, e em Seu nome sujeitam-se a certos rituais, pensando que ser cristão é isso. Abandonam o Cristo interno, que está aguardando despertar, distraídos pela idolatria. E é por isso que, vistas as questões do nosso plano, o maior número de espiritualistas deixa a carne em péssimas condições psíquicas, enquanto aqueles que se dizem céticos passam para estas bandas armazenados de elevados quinhões espirituais. Há, sem dúvida, uma grande falsa interpretação a respeito do que o Cristo ensinou. Jamais

lhe ocorreu ministrar formalismos, porque Sua doutrina era firmada nos alicerces do amor e da justiça. A tese advogada pelos cifrões religiosistas, que se consubstancia no falar em Deus e flagelar o próximo, essa não saiu jamais dos arcanos orientadores do Divino Mestre. Aquilo que Ele, tantas vezes repetiu nas ruas e nas praças de Jerusalém, afirmando que só se honra a Deus pelo amor ao próximo e pela reverência às verdades básicas, isso foi subtraído aos Evangelhos. Resta, apenas, aquilo que serve de ancoradouro às convenções clericais, por estarem ligados a elas várias ordens economicamente temporais e imediatistas. Já não é o Céu de espírito que torna vigente a verdade evangélica; é a fraude sobre o Evangelho que torna garantida a vigência do imediatismo temporal.

— Verdadeiramente, através do livrinho compreendi uma grande divergência entre o que Cristo ensinou e aquilo que fazem os cleros, e forçam a fazer, à guisa de Cristianismo. Tudo quanto o Modelo Divino, por ser Modelo, exerceu, como ponto de doutrina, tudo isso foi subtraído — os poderes de variada ordem, decorrentes da elevação moral e dos conhecimentos fundamentais. Em troca disso, inventaram clerezias, criaram um quadro hierárquico, levantaram pompas e liturgias, deram-se quando muito ao culto da mística contemplativa. E como

tudo isso sabe a sectarismo, claro que, por injunção dessa corrupção, não se respeita nos semelhantes os méritos de ordem moral e as realizações no campo das ciências. Perguntar hoje, a alguém, se é cristão, não importa em querer saber se cultiva o amor e vive régia campanha em busca dos conhecimentos de leis da vida; implica, isso sim, em querer saber se hospeda no seu campo de viciosidade mental-moral, o mesmo ronceirismo sectário, a mesma tendência para a idolatria, seja de ordem conceptual, teórica ou simbólica, seja ela em forma de vivência social eivada de preconceitos. Enquanto o Cristo, fazendo referência à ordem comum, e à finalidade também comum, traçou uma só linha de ação para todos os homens, e linha que se consubstancia no culto do amor e da ciência, os cleros nada mais fizeram do que criar formalismos separatistas, convencionalmente profissionais, explorações da fé e sujeições supersticiosas. Isso, muito bem se entende lendo aquela obrinha. E agora, que estou lendo sobre os poderes latentes do espírito, poderes que resumem o Cristo por despertar, muito mais me lamento de ter concebido tão mal a questão espiritual.

Minha mãe pediu-me licença e indagou-me:

— Que diferença existe entre as questões “religião” e “espiritual”?

— A religião deve fomentar a espiritualidade; o culto religioso de fato é aquele que encerra um curso de psiquização. Eu penso assim.

— Muito bem. Religião é o caminho da edificação íntima, o processo de desdobramento do Cristo interno, ou dos poderes latentes. E que coisa é, isso em que converteram os ensinamentos do Cristo? Ponha reparo numa verdade — enquanto o Cristo deu vigência aos Seus poderes desdobrados, ou manifestos, e que são os dotes divinos dos filhos de Deus, e com isso curou, expeliu maus espíritos, manteve colóquios com os espíritos do bem, enfrentou o mundo e venceu a morte, retornou como espírito e guiou os Apóstolos, enquanto, digo, o Modelo praticou essas lições em face dos irmãos, que fazem os representantes dos sectarismos, das igrejas, dos estatutos de homens?

— Fazem sectarismos, organizam-se em igrejinhas, forjam estatutos. Pesam e medem as quitandas do culto exterior, especificam cheiros, levantam questões de mérito e de ordem a respeito dos horários e das maquilagens. Isso é ao que chamam de Cristianismo! E matariam se lhes fossem concedidas...

Salmo chegou. Vinha com o meu dossier, um amontoado de cadernos. E tão a par estava do

que falávamos, que de início comentou, ressaltando sua condição de pecador penitente e cético em matéria religiosa:

— Naturalmente que é assim... Para ser espírito não se faz necessário acreditar em coisa alguma. Porque somos aquilo que somos, em essência e em vigência, à custa de um Supremo Poder. Logo, para se fazer o serviço interno de edificação, em pureza e em sabedoria, não se faz necessário atender a um vício religioso ou sectário. Basta dar crédito ao Cristo, que recomendou o culto da Verdade, isto é, das leis da vida e do amor entre irmãos.

— E se uma religião ensinasse isso? — perguntou-lhe minha mãe.

— Então, sim, seria uma religião... Seria, em verdade, a religião. Mas teria de ser acima de formas e de explorações humanas. Tudo nela seria respeito à virtude e aos saberes de fato, aos méritos fundamentais do homem. E isso é muito difícil... O Divino Mestre, para viver assim, deixou os templos e seus homens, infiltrou-se pelas casas, pelas praças, pelos campos, vindo a ser por fim, massacrado pelos homens donos de templos, de estatutos, e detentores de tiaras e bugigangas formais. Ele, o revelador do culto do amor e das leis da vida, teve de

enfrentar uma cruz, um instrumento de martírio, que Lhe fora preparado e ofertado pela clerezia então em função dita religiosa. Eu, pelo que fiz, tenho horror por essa palavra... Onde a Verdade não está, ou de onde é subtraída, ela entra. E ao entrar, tudo corrompe, desde que a prudência faleça nos homens, desde que os homens se deixem vencer pelo egoísmo e pelo orgulho. Porque, afinal, orgulho e egoísmo é que verdadeiramente perdem o homem.

— Orgulho e egoísmo são filhos da ignorância, não acha? — aparteei.

— Claro que sim.

— Então, que se instrua a humanidade.

— E quem quer se instruir? Pelo menos a esse respeito, quem quer se instruir? O Céu é longínquo, é hipotético, enquanto o bolso, o estômago e as veleidades do mundo são bens imediatamente reclamantes e confortantes. Adiar os problemas do Céu, interior ou exterior, como quer seja concebido pela criatura é medida ordinária; outrotanto não se passa com os interesses do mundo, sejam de ordem social ou econômica, sejam os de ordem puramente física. Depois de muitos séculos, de falatórios e de monumentos escritos

acumulados, o mundo religioso está saturado de criaturas que trocam a primogenitura do espírito pelo célebre prato de lentilhas... E vá discutir isso com os donos de credos e de templos.

Minha mãe, intervindo, lembrou:

— É fácil compreender o porquê de ter ido o Diretor Planetário ao plano carnal, a fim de solver a promessa do Batismo de Espírito. A Revelação ostensiva dará cabo, no mundo, das falsas interpretações religiosas.

— Quanto tempo durou aquele culto exposto pelo Cristo no Pentecoste? Que é que fizeram os homens com o culto apostolar, tão bem ensinado por Paulo na primeira Carta aos Coríntios, capítulo quatorze, todo ele fundamentado no mediunismo? Observem que, para batizar no Espírito, foi preciso o Mestre morrer na cruz e retornar como espírito. Isso dá-Lhe foros de autoridade espiritual acima de todas as cogitações, por ter sido o único da história terrícola a assim proceder, ou poder assim dispor das leis da vida. E que fizeram os homens dessa tremenda prova do Céu?

— Não importa, Salmo, — obtemperou ela; — não importa. Jesus acentuou muito bem, que seria

preciso, um dia, repor as coisas no lugar. E nós sabemos que missionários dão, no mundo, nesta época, vigência à profecia do Cristo. O Consolador está sendo restaurado e virá a ser a fonte de informes. Dentro em pouco o plano carnal, e também as zonas inferiores do Céu, hão de ser comovidas pelas instruções dos espíritos do bem, servos do Senhor.

Salmo replicou, entristecido:

— Pode-se adivinhar o que acontecerá. A carne falará mais alto do que o espírito, e, depois de um pouco, a corrupção medrará, seja lá de que modo for. Está na massa psicológica do homem fazer isso. O homem histórico faz curvar sempre o homem contemporâneo, obrigando-o a não aceitar a lição nova e a lapidar o seu veiculador. Se não puderem liquidar com o mediunismo, pelo menos hão de tentar, no seu âmbito, a pior das aplicações, que é o intercâmbio com as zonas astrais inferiores, passando a receber instruções daqueles a quem lhes cumpriria dá-las. E a emenda, como lembra o refrão, sairá pior do que o soneto.

Minha mãe disse que a estavam reclamando, tendo partido. Salmo saiu em sua companhia, havendo feito observação a respeito do meu relatório. Eu sairia do leito depois de lê-lo, a fim de ser curado, onde e como

nem ele o sabia. Para o meu bem, devia encarar tudo com simplicidade e alguma fleuma.

— Depois de tudo, — afirmou ele, — que adiantaria dar-se a extremos de tristeza e lassidão? Que conduta humana comoveria os fundamentos do Universo?

De fato, comecei naquela hora a leitura, prevenido em mim mesmo contra qualquer espécie de impressão, que me viesse querer assaltar, depondo contra o meu estado emotivo, que julgava então ser normal, e que o era, pois para cada situação haverá, sem dúvida, um estado de ânimo compatível ou um modo emotivo de estar.

Digam o que bem entenderem os discutidores do Céu, mas a vida se caracteriza sempre de um teor puramente racional. Assim sendo, um dos piores erros da teologia é o conceito de um Céu fantasioso ou hiperbólico. Realmente, a vida surge da normalidade de uma condição, da sua condição embrionária, do seu automatismo genérico, e em suas asas sobe, evolve, galga píncaros consciencionais, mas sempre fundamentada no racionalismo, numa divisa inteligente que, para falar com inteireza de propriedade, é a Suprema Inteligência — Deus!

E por ser assim, por ser essencialmente racional, há disciplina para tudo e para todos os fenômenos. Sistemas se levantam sobre princípios e métodos dão guarida específica aos sistemas.

Nesse rol mecânico, então, seres e coisas são e se movem, comprovam sua origem, agem no âmbito de planos definidos e rumam aos fins previstos pela Suprema Causa — Deus!

Eu fui encontrar minha história, que, segundo o prólogo, vinha de outros capítulos históricos, de menor significação, porque dizendo respeito ao tempo em que mal despertara do mais acendrado automatismo passivo. O dossier em mãos, agora, era a minha história teórica, o conteúdo teórico de minha vivência através dos últimos milhares de anos, a contar da entrada no automatismo ativo, isto é, de quando comecei a dar certa direção à função de vivente. Saliento bem — começa-se completamente passivo e termina-se completamente ativo, ressalvada a condição de perene ligação com o Supremo Automatismo ou Divino Determinismo.

Esta questão de determinismo e livre-arbítrio, bem pode ser definida por aquela velha figuração — “O espírito é livre para agir, no seio da Ordem Universal, assim como o pássaro é livre para fazer o que queira, no espaço da gaiola”.

Realmente, determinismo é a sujeição às leis básicas, ao plano geral; depois dessa sujeição basilar, ergue-se o livre-arbítrio, a vontade pessoal,

comportante de responsabilidade. Sempre que a vontade pessoal corroborar com o determinismo, a consequência será feliz; sempre que a vontade pessoal ferir o determinismo ou plano geral, a consequência será nefasta. Na gaiola da vida, portanto, o plano geral é a Lei. Querer sair dessa circunscrição é ferir-se!

Minha história catalogada provou-me muitos atritos com a Lei Geral. Muitas e muitas vezes divergi do determinismo, caindo em falta e penando as consequências. Caí na dor por trair a inteligência! Desci aos abismos por troçar contra o Céu! O tempo que podia ter empregado em obras de aumento espiritual, e em estado de paz, gastei-o gemendo e rastejando por vielas e abismos, por aleijumes e blasfêmias! Não sofri a dor bem-aventurada dos missionários, a dor renúncia; sofri a dor malfadada, que é a dor culposa.

Todavia, ali estava, eu mesmo, integralmente eu, em face de minha história, em face do Plano Divino, da Ordem Geral, do Determinismo. Depois de tantos altos e baixos, de tanto rastejar, de pensar e repensar, contra Deus e contra tudo, nada havia mudado na Ordem Geral, no Plano Divino. Hoje, armazenado de experiências, penso no ridículo de minhas ações pretendendo poder criticar a Lei!

Não sei de um átimo que se tivesse comovido à custa de minhas prepotências... Sei, porém, o quanto me custou ser contra a Ordem Divina.

Chegando ao término do calhamaço, estava consciente de minhas ações e tangido por uma boa dose de tristeza; mas, lembrando das advertências amigas, considerei a nulidade de qualquer outro pensamento, que não fosse o de prudência e confiança. Tivesse feito antes, pior ou melhor, e eu seria sempre eu. Viesse a pensar, portanto, melhor ou piormente, e a minha situação em relação ao Plano Geral seria sempre a mesma. Como, porém, tinha em mãos a prova dos cadastros direcionais, só me cumpria optar pela melhor conduta, que era observar a regra justa ou a sujeição à Ordem Divina. Racionalmente, portanto, e não por pieguismo qualquer, ou por temer o sofrimento, concordei em que fora de Deus não pode haver progresso. E de então para cá, tudo tem sido assim, em pensares, sentires e agires. Ainda hoje, confesso, tenho horror pelos que bajulam a Deus por temor do sofrimento, bem assim como por aqueles que bendizem a dor por temer a Deus. Para mim, na consciência de que somos centelhas divinas, integralmente enquadrados nos princípios legislativos do TODO, e por natureza prepostos à organização do caráter, ou edificação em

pureza e sabedoria, creio que a conduta decente é compreender, amar e executar o plano divino, na parte que nos esteja afeta, isto é, naquilo que cumpra ao ser relativo. Os minérios, as plantas, os animais e os infindos mundos o que fazem? Para se desempenharem naturalmente de suas funções, criam regimes, levantam superstições à guisa de fé, ou constroem estatutos a título de religião? E se isso não fazem, por que o faz o homem, a centelha evoluída, e de modos os mais idólatras, os menos racionais? O que fazem os inferiores sendo naturais, ou observando um automatismo puro, compete ao homem fazer por compreensão, por inteligência, viver uma dialética racional, um misto de automatismo e livre-arbítrio, sem pieguismos bobos, sem superstições, sem idolatrias e até mesmo sem capciosidades e sem covardias.

O homem tradicional está viciado nas formas inferiores ou lesivas de contribuição religiosa. Essa é a verdade. Tem saído da carne e habitado planos inferiores. Tem voltado à baila carnal em situações deprimentes. Eis o círculo vicioso em que há ele deambulado através dos milênios e das vidas. Ser religioso não é, para ele, procurar compreender e amar; pelo contrário, muito ao contrário, é fazer salamaleques, é comprar idolatrias, é fanatizar-se pela letra dos textos, é levantar cle-

rezias e parasitismos. Em suma, é fazer fetichismo! Fetichismo mental, fetichismo moral, tudo aquilo que representa e significa a escandalização da inteligência, o opróbrio da fé pura e a afronta ao ideal supremo! Sem dúvida que os elementos inferiores, por não terem sido viciados pelos tristes conceitos e preconceitos humanos, portam-se muito melhor e desobrigam-se decentemente.

Eu me vi, amigos, embrenhado nas mais complicadas e falsas concepções espirituais, ou religiosas; lendo a história de minhas vidas, fui encontrar-me perdido e vagante pelos meandros conceptivos os mais rebeldes, os mais falsos, os perfeitamente à revelia da Ordem Divina. E ainda hoje é assim, e muito assim, porque, afinal, todos os dias desencarnam milhares de irmãos, que embora exercitantes de uma fé, ou praticantes de um culto religioso, o fazem em trevas e destinados à esterilidade espiritual! Onde o erro? É muito fácil de se descobrir. Em lugar de se fazerem centros de edificação em pureza e em sabedoria, procuraram acumular, formalismos, idolatrias mentais de toda ordem. Desviados pelos cultos exteriores, pela viciosidade mental multi-milenar, esqueceram-se da luz interna, do olho de que tão divinamente tratou o Cristo.

Eu passei muitas vidas fazendo isso, e quando não acumulava males, também não adquiria méritos. Cumpre atender para esta chave — não basta evitar o mal; faz-se necessário amealhar bens! E os chamados credos do mundo, estruturados sobre artigos, parágrafos e itens estatucionais, obcecaram as criaturas. Não deixam vaza e nem tempo para os deveres espirituais de fato. Uns obrigam aos rituais materialmente ofuscantes, essencialmente idólatras, porque atrás deles estão os interesses dos respectivos cleros, da sua política, do seu bolso e do seu estômago, da sua vaidade e de suas veleidades temporais. Quando o pseudo crente pensa que está, por aquelas formalidades, adorando a Deus, verdadeiramente está sustentando uma porção de indivíduos parasitas e que bem poderiam viver de outro modo, sendo úteis, agindo decentemente. Outros, ainda, de tal maneira se lançam ao culto das letras, ou das mais tacanhas interpretações, fazendo por isso o triste trabalho de, à custa da Verdade, à custa até da mais santa boa vontade, atirarem Deus contra Deus, o Cristo contra o Cristo, a Lei contra a Lei, os homens contra os homens. É o prejuízo que decorre do forçamento estático, da não evolução.

Tudo isso eu fiz; quem me poderia obrigar a não confessar? Para fazer arder o lume exterior,

fiz bruxulear e por fim extinguir o lume interno! Depois, então, lancei-me ao próprio descrédito. No fundo, estava animado de uma respeitável revolta contra os conceitos religiosos do mundo. Como não acertasse o caminho de acesso, permaneci revoltado contra tudo e contra todos. Perdi, por injunção de agentes do Senhor, a consciência de mim e de tudo. Ingressei, vezes e vezes na carne, não para sofrendo purgar faltas, mas sim para aprender a lição da simplicidade, que havia perdido à custa dos cultos formais e das revoltas íntimas. Eu sentia, então, ao término da leitura, que havia encontrado o caminho do Céu, e que ele era feito de simplicidade, porque se levantava sobre o amor e a ciência.

Durante o dia, por algumas horas, mantivemos boa conversação, eu, minha mãe e Salmo. E antes de saírem deixaram patente, que durante a noite eu teria um sonho instrutivo. Embora dentro de mim fermentasse o desejo de sair do leito, e de forçar a cura, ou de reparar o aleijão, fiz o possível de nada deixar transparecer. Eles costumavam descobrir meus pensamentos, até os mínimos detalhes. Eu sabia que eles me analisavam, e que deviam conhecer minhas intenções. Mas, como tudo em mim era espontâneo, e eles nada diziam, eu me calava. A hora devia soar, e minha mãe já havia dito que não mais falasse sobre a questão. Obedecer às leis é fazer boa religião. E eu fazia, não porque o campo sentimental assim desejasse, mas porque a razão assim determinava. Cérebro e coração estavam bem distanciados, porém

se mantinham em mútua política de tolerância e expectativa. Um mundo esperançoso me acenava pela frente, e isso me fazia de certo modo cor-dato e feliz. A leitura do relatório me informara de que o pior já havia passado. Devia, portanto, saber aguardar os acontecimentos. Demais, desde o desencarne, que dia havia passado sem o que fa-zer, sem uma novidade, sem uma lição aprendida?

Durante a noite tive uma deslumbrante visão. Todos aqueles, que comigo haviam trocado ideias, eram concordes em que as mais sublimes visões eram aquelas em que o Cristo tomasse parte. Isto, porque a Sua presença marcava de modo supe-rior a significação moral da mesma — valia por uma revelação da própria Lei, de quem o Cristo é a representação inteligente. Isto aprendi, então, de um modo integral: que o Cristo é a síntese de todas as verdades, por ser a representação inteli-gente das leis básicas. Logo, não vale apenas por um espírito e sim pela própria Lei. É o símbolo da vigência legislativa universal no planeta; isto é, desde o que é material até o que seja mais espiri-tual. A começar do centro do planeta sólido até os páramos interestelares.

Não vi o Cristo resplendente de luz e glória, como diziam que de quando em quando alguns

O viam; eu O vi como um homem, encarnado, passando por entre multidões, falando a uns, atendendo a outros, aplicando passes em outros, acompanhado de um pugilo de homens.

Quando Ele tomou certo rumo, por uma estrada poeirenta, alguém disse, ao meu lado, que iria certamente descansar um pouco, despedindo as gentes. Pouco depois a previsão tinha-se realizado, pois Ele dissera estar cansado e ter que fazer orações a sós, para readquirir forças. A turba afastou-se e Ele deixou a estrada, entrando por um bosque. Não sei porque, mas tive incontrollável vontade de dar a volta pelo valezinho à direita e ir esperá-Lo à saída, se porventura fosse Seu intento sair.

Não venci o desejo e fui. Corri e sentei-me na beira do bosque, aguardando o que desse e viesse. Fez-se noite e uma lua em quarto crescente começou a diluir-se pela paisagem desértica. Era um encanto. Tudo era sonho e gozo. O Céu e a Terra, parece, se haviam consorciado, a fim de que uma paz sem limites atingisse aquele local e suas criaturas.

Pouco depois ouvi vozes. Elas se aproximavam cada vez mais e por fim o Mestre apareceu, marchando à frente de Seus discípulos. Cumprimen-tei-O, explicando-Lhe o motivo de minha deso-

bediência à Sua ordem, para que cada um fosse rumo a seu domicílio.

— Eu sei, — disse Ele, falando com uma brandura absorvente; — eu sei e assim o desejei. Necessitava falar-te, porque não foi para mim que vim ao mundo, e sim pelos meus irmãos e comandados. Trago um mandato que encerra uma lição, uma advertência e uma oferta.

— Mestre, serei todo ouvidos e respeito.

— A lição, — continuou Ele, — constitui-se de informar aos homens a respeito do Cristo interno, do Cristo esquecido, do Cristo desconhecido. Poucos fazem caso desse dever, que é o dever de fato. Os cultos tradicionais deturparam nos homens o sentido inato de respeito a um Deus que é Amor e Justiça, levantando em seu lugar os mais contraditórios e chocantes conceitos, de onde se originam preconceitos os mais deprimentes à criatura. Afirmam Deus para assim poderem afastar de Deus. Eu venho dizer aos homens que Deus não quer sacrifícios e sim amor; que em Deus não há acepção de pessoas, de raças, de cores, de castas, de posses, de fronteiras. E que a adoração deve ser feita no templo interior, sendo as ofertas, as únicas aceitáveis, aquelas que se estribam no amor e na sa-

bedoria. Eu, o que sou, é aquilo mesmo que tendes obrigação de procurar ser. Não vim procurar, não vim buscar o amor das criaturas para mim. Não necessito disso. Quero que vos ameis uns aos outros, porque esse é o caminho da glorificação interna. Aqueles que dizem, e são muitos, que eu procuro ser amado como Deus, enganam-se; eu não tenho necessidade disso, porque o Pai sabe como sou e como Lhe obedeco. Do homem quero a compreensão para os deveres íntimos, a iluminação interna, o desabrochamento do Cristo. Porque cada um encerra um Cristo a despertar, e, infelizmente, esquece-o.

Quando Sua voz cessou, a natureza parecia repeti-la. Depois de um pouco, continuou:

— A advertência é esta: a humanidade está às portas de uma nova era, e, isso coloca seus indivíduos em dura expectativa. É lastimável que haja tanta inconsciência do homem a respeito do destino do mundo e do seu próprio destino. As religiões têm desvirtuado o sentido da fé, que é, em natureza, encaminhar o homem para o conhecimento das leis da vida. Sem saber, como pode o homem aplicar-se bem? É urgente que se compenetre do dever de amar a Deus com toda a força do coração e de toda a inteligência. Ai de quem

olvidar esta obrigação. Infeliz daquele que não atender a esta minha advertência.

Fez um brevíssimo silêncio e acrescentou:

— A oferta é o cumprimento da promessa antiga, o derrame de Espírito sobre a carne. O mundo me irá supliciar e tirar a vida. Mas eu voltarei, como espírito, e completarei minha obra. Essa autoridade eu a tenho, delegada por meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. Assim se dará, porque aquilo que é de Deus não cessa em virtude dos erros e desmandos de homens. Para Deus não existe um agora ou nunca, porque para Deus tudo é sempre e presente, e Sua Lei é imutável e eterna. Os homens, quando souberem o que vim fazer, compreenderão que lhes vim lembrar os mais sagrados deveres — amarem-se mutuamente e procurarem saber o quanto possível das leis da vida.

Cessando a fala, pôs-me a destra sobre o ombro e disse-me:

— Vai e não te esqueças disto. Vive esta lição, que é do Céu, e procura passá-la aos irmãos. O mundo precisa de verdadeiros apóstolos, a humanidade necessita de obreiros do bem. Procura

dar dignos frutos pelo exemplo, e um dia, quando menos pensares, estaremos juntos no regaço de Deus. Vai... Vai...

Ele ia dizendo vai, e eu me afastava, olhando para trás e derramando copiosas lágrimas. Que misto vivi, de dor e alegria! Que estado de mágoa, meu Deus!

Quando acordei, tinha as minhas faces de espírito banhadas e os olhos num ardor delicioso, bem-aventurado. Eu todo, fremia de uma intensa alegria.

Pela manhã fui visitado por Salmo, relatando-lhe o ocorrido. À tarde veio minha mãe, trazendo consigo três outras mulheres, às quais fui apresentado. Eram servas do bem e trabalhavam nos círculos espíritas, arrebanhando criaturas e encaminhando-as às sessões.

— Fazem, — informou minha mãe, — um duplo serviço; concorrem para o esclarecimento de uns e para a bem-aventurança de outros. Esse é, verdadeiramente, o serviço que cabe ao Consolador.

— Tenho muito prazer em conhecê-las, senhoras.

Elas sorriram e uma adiantou-se:

— De muito que nos conhecemos, irmão Palmério. Trabalhamos nos grupos de estudos, onde

missionários encarnados, de vós conhecidos, preparam a obra que ficará como marco fundamental da doutrina organizada. Apenas, como os trabalhos são complexos, de várias ordens de serviços há mister. Enquanto uns agem no campo intelectual, outros procuram curar, outros arrebanham sofrendores nos planos inferiores do astral e na própria crosta, agindo outros, ainda, em muitos outros departamentos de ação. Você irá ver, e compreender, o quanto a restauração do Cristianismo importa em comoções de ordem geral. Tudo será abalado, com o advento da era do Consolador, podendo-se dizer que nada ficará no lugar, pois onde quer esteja um homem, ali estará a ideia de renovação.

— Dou graças a Deus de ter pertencido aos quadros da nova ordem espiritual.

— De ter pertencido? E não vai continuar a obra? Que lhe foi encomendada pelo Mestre? Ou pensa tenha sido aquilo apenas um sonho?

— E teria eu merecido uma visita do Senhor?

— Não importa saber como a lição do Senhor tenha vindo a si; o que importa é saber que ela veio do Mestre e pelos altos recursos do Mestre. Na Terra e nas esferas astrais, milhares de criaturas,

diariamente, têm contatos assim com o Mestre e Dele recebem instruções. Que julga você, de Seus poderes e do mecanismo de que dispõe para estar sempre a par de tudo, amparando e assistindo?

— Eu pouco ou nada sei. Mas tenho presente a contínua advertência de um irmão, instrutor de um grupo, que repete sempre aquela sentença da Sabedoria Antiga, ou como a chamam — “Quando o discípulo está pronto o Mestre aparece”.

— É realmente assim. Conhecemos esse instrutor e cedo o terá como companheiro de serviços. Ele foi, na última encarnação, um estudioso das ciências orientalistas. É um profundo conhecedor de cultos e doutrinas, que agora estuda o esquema da nova ordem espiritual, que compreende a restauração do Cristianismo e seus avanços. Um fim de ciclo bate às portas da humanidade e tremendas convulsões vão assaltá-la, sendo por isso mesmo necessário esclarecê-la, a fim de que o desmoronamento seja apenas de ordem material. Isto é, que não se percam grandes valores adquiridos através de milênios. Porque perdas, e muitas perdas, hão de se dar. A lavratura do Consolador não é com o fim de eliminar da Terra o que ela atraiu, está atraindo e decididamente provocará; é apenas para amenizar o choque, pois há necessidade de choque para o

rompimento do coscorão tradicional, dos conceitos e preconceitos que tanto a prendem à involução, que tão acirradamente a envolvem nas tramas do ronceirismo divisionista e comprometedor.

A conversa desandou por múltiplos ângulos do conhecimento e a tarde tombou sobre a região, entregando-a aos embalos de suavíssimo êxtase. Quando o crepúsculo assomou às fronteiras da noite encantada, minha mãe convidou:

— Filho, vamos à crosta. Temos muito o que fazer.

— Eu?!...

— Sim, é hora.

— Que maravilha, mamãe!... Eu vou andar?

— Sim, vai entrar aleijado e sair curado. Deus o quer.

Senti em mim, então, tremendas convulsões íntimas. Parece que o não lembrado sistema magnético, veio à tona de minha constituição e reclamou toda uma soma de considerações. Correntes elétricas, assim se me afigurava, varriam-me dos pés à cabeça e vice-versa. Um pranto feliz inundou-me o rosto de lágrimas, e fui sentindo, aos poucos, aquele

êxtase que havia sentido durante a visão do Mestre. Era um estado de gozo, era um deslumbramento.

Desci do leito, como rastejante; mas minha alma estava de pé. Acompanhei aquelas quatro mulheres até o pátio ajardinado daquela mansão recuperadora, sendo em seguida convidado a pensar em Jesus Cristo, a fim de auxiliá-las no serviço de transporte até a crosta. Foi pensar, querer e realizar. Numa fração de minuto estávamos na crosta, fazendo companhia, num recinto familiar, a um elevado número de irmãos destas plagas, e de cinco irmãos encarnados, inclusive Allan Kardec.

Observei com atenção o ambiente em geral, principalmente o espiritual, notando que eram muitos os que ali estavam, como eu, necessitando de cura. Alguns irmãos eram verdadeiramente de notável elevação. Ou porque suas vestes fossem brilhantes, ou porque tivessem suas cabeças envoltas em auras fulgurantes, ou porque seus traços fossem distintíssimos, eles revelavam majestade e força moral.

Tendo eu feito referência a eles, disse-me minha mãe:

— Eles estão reduzidos em si mesmos, pela vontade, a fim de se tornarem suportáveis pelo meio em que se acham. Se quisessem se apresentar, tal

qual como são e podem, quem os olharia? Você sabe que este trabalho resume, enfim, a restauração do Cristianismo do Cristo, do Batismo de Espírito, estando a intervir, portanto, a vontade e autoridade do Divino Mestre, bem assim como o trabalho de Seus mais imediatos colaboradores. Faz-se, de um modo geral, a restauração e a síntese das Revelações. Do Cristo Planetário partiram os Grandes Mestres da antiguidade, e no Seu Batismo de Espírito se encerram todas as verdades fundamentais, uma vez que a Moral é a mesma e a Revelação também. Apenas, o propósito é, agora, levar o conhecimento dessa verdade a todos os recantos do Planeta, na crosta e nos seus domínios espirituais. Depois, com o amadurecimento das ideias, e o evolver dos tempos, começarão os trabalhos de minúcia, os detalhes, a penetração nos matizes da Verdade. Primeiro, porém, cumpre apresentar a plataforma básica.

De quando em quando chegavam agrupamentos de elementos espirituais; alguns vinham como flechas de luzes multicores, outros davam entrada lentamente, conversando, tratando de assuntos vários.

Chamou-me a atenção, em dado momento, alguém que se postou ao nosso lado, bem afastado da mesa, e que era um senhor, um espírito, deveras en-

canecido, de cabelos brancos como a neve, todo encurvado, rosto espichado para a frente, com toda a característica do puro sofista. Ele olhava, sorria com desdém, sacudia a branca e pontuda cabeça, resmungava não sei o que. Suas mãos nervosas, postas para trás, tinham os dedos em movimentação contínua. Via-se que tinha em mente um plano qualquer.

Em dado momento, parece que ignorando a presença de outros e mais categorizados irmãos, foi para o redor da mesa, onde estavam os encarnados e alguns mentores, dando-se a girar para um lado e outro, sempre nervoso, cada vez mais nervoso, até que começou a perguntar, em voz alta, pensando que o haviam de escutar:

— E então? Como é isso? Respondem ou não? Existe alguma verdade fora dos Livros Sagrados? E são mesmo Sagrados esses Livros? Quem poderia provar que o são?

Como ainda não tivessem dado início à sessão, não lhe deu acesso uma senhora, muito respeitável médium, em quem se encostou, fazendo-a ressentir-se de sua aproximação. Ele, bem se via, era um inconsciente de seu estado.

Como ninguém lhe respondesse, continuou:

— Errados! Quereis responder-me ou não? Se não merece resposta o homem, respeitai ao menos aquilo que chamais a Verdade! A vossa Verdade... Porque eu acredito na Natureza e em mim, eu que sou parte dela.

Punha-se nervoso, berrava suas razões, gesticulava. E foi nessa hora, que um dos mentores dele se aproximou, tocou-lhe no ombro e disse-lhe:

— De que lhe vale esse nervosismo todo? Não sabe que são encarnados, que o não podem ouvir?

Olhou-o bem, sacudiu os braços e reclamou:

— Outro com a mania dos desencarnados!... Aqui só disso se ouve falar! Os que aceitam as conversas são encarnados e são razoáveis; os que não aceitam e nem aturam as patacoadas que apregoam são desencarnados e tolos... Muito bem! E o senhor o que é?

— Eu sou um desencarnado, e você também. E não se trata de ser encarnado ou desencarnado, quando se faz alusão ao que é Verdade, isto é, ao que é verdade genérica ou fundamental. A Verdade é uma só para todos; nem todos, porém, são os mesmos para com a Verdade. Uns lhe estão mais

próximos, outros mais distantes. O de que você carece, irmão, é de uma boa orientação.

Precipitadamente, advertiu ele:

— Boa orientação? Mas à vossa moda? Eu quero é outra coisa...

— O que? — perguntou-lhe o mentor.

Ele mediu-o muito bem e respondeu:

— Eu quero que vocês se convençam de que tudo isso que pregam é imaginação. É a quinta vez que aqui venho e ninguém me permite falar a todos e livremente. Que significa isso? Ao que é que chamam de Verdade? Todos aqui falam na Verdade e ninguém me quer ouvir!... Tenho ou não o direito de falar?...

Olhou e apontou para Allan Kardec e disse, revoltado:

— O mandalhão! Ali está quem fala e vale sempre! Por que não me responde, se vive a dizer que todas as questões atinentes à Verdade devem ser livremente discutíveis?

O mentor observou-o:

— A sua vez chegará, eu prometo. Mas agora vá lá para trás. Muitas criaturas mais estão aqui a quem não pode ver. Do contrário, é claro, havia de se portar de modo mais recomendável.

Ele soltou uma gargalhada e resmungou:

— Pronto! Pronto! Volte para trás. . .

Não sei o que lhe tenham feito, nem como, mas sei que o homenzinho, num repente, calou e foi para o seu cantinho, lá permanecendo até ser convidado. Isto, depois de ter eu passado pela minha reforma geral, graças a Deus. Eu necessitava de cura para o meu corpo de espírito; ele tinha carência de outras e mais profundas curas. A minha entrada foi anunciada antes, tendo eu recebido jatos luminosos de todos os presentes. Depois de falar, apresentando-me, Allan Kardec pediu preces em meu favor. Tudo, então, em mim se comoveu! Minha mente, ela só, ficou de pé, permaneceu intacta, o restante passou por uma reviravolta, sofreu um tremendo abalo, teve de amolgar-se de novo.

Depois de curado, disse-me um mentor:

— Conserve a mente em harmonia, para que seu corpo também possa estar em ordem. O homem

cuja mente se corrompe, conseqüentemente terá seu organismo exterior deformado. O espírito age sobre as gamas mais íntimas da estrutura magnética, passando daí para as mais grosseiras ou densas. E assim mesmo, por escala, vem atravessando os gases, os vapores, os líquidos, atingindo os sólidos. Não há pensamento que não atinja, pouco ou muito, mais ou menos depressa, todo o corpo humano, na carne ou aqui. É de notar, também, a presteza com que certas glândulas reagem aos impulsos das ondas mentais, variando imediatamente a qualidade de suas secreções. Daí, portanto, poder-se a criatura, na carne como aqui, curar-se ou envenenar-se pelo pensamento.

Sorriu amigavelmente e finalizou:

— Você foi, em certa época, o seu maior algoz. Pensou tão revoltadamente, e tão continuamente, que volveu, como espírito, cujo corpo é mais sensível às ordens mentais, a uma forma inferior, dando azo a que seu corpo tenha sofrido tamanha deformação, na última encarnação. Ainda bem que conservou a forma humana, pois muitos chegam a nascer com pronunciadas formas animais inferiores, vindo a morrer em seguida ao nascimento ou pouco tempo depois. A teratologia demonstra, não apenas os efeitos das taras hereditárias, mas também a in-

fluência das corrupções e deformações perispirituais. E se não fosse o controle de irmãos prepostos, zelando o quanto possível pelas reencarnações, monstruosidades tais teriam acesso ao plano carnal, como ninguém por lá seria capaz de conceber.

— Li o meu relatório e sei o quanto me prejudiquei, descendo em geral, em perda de tempo, em dores inúteis, em atrofias físicas. Não foi Deus a me castigar, nem tampouco foi bem-aventurada a dor que sofri, pois foi ela o produto de minhas corrupções em geral. Como para tudo é necessário haver classificação, certamente pelos motivos devem ser classificadas as dores. E a minha foi, então, por demais estúpida para ser qualificada melhor. A dor pelo próximo é bem-aventurada; é a dor missionária. A dor como prova também pode ser assim designada, pois não sabe a culpa e resgate. Mas a dor expiatorial ou purgativa é malfadada, porque em si é afrontosa. Eu não sofri e aprendi muito, nesta última encarnação, embora tenha sido um aleijado ou deformado, porque não tinha dores, porque nada me podia deter. E tenho certeza que há de aparecer, um dia, quem faça o mundo compreender a necessidade de especificação a respeito da dor. Esse conceituismo generalizado e doentio, que vaga pelo mundo, não pode ficar para sempre, por ser falho demais. O espírito que louva a dor em

detrimento da razão, por certo que blasfema. Eu já não suporto tais melopeias. Que acha o irmão?

Ele meditou algum tempo e a seguir teceu comentários ponderosos.

— O mundo vive ainda em período de generalização. O tempo das especificações está por vir. Portanto, assim como a respeito de outros fenômenos, também a respeito do fenômeno dor há que haver melhor conhecimento e outras classificações. O que mais me faz pensar, é o fato de tanto servir ela para tornar submisso como revoltado. Você, por exemplo, tornou-se um revoltado, desceu mais, atrofiou-se, perdeu muito tempo. Agora, como aleijão, mas sem dor, pôde aprender e servir, resgatando por inteligência e trabalhos úteis. É de se pensar bem na questão...

Fez silêncio, fitou-me bem e considerou:

— O espírito vem subindo das gamas inferiores, vem atravessando os reinos e as espécies. Quando entra no reino hominal, chamamos de um reino à parte à espécie humana, por atingir o grau da razoabilidade e da consciência individual; ao atingir o reino hominal, portanto, passa a ter em mãos, diremos ao seu alcance, o poder de fazer-se feliz ou

infeliz, segundo as obras, assim como queira dispor de seus poderes de raciocínio, de vontade e de ação. De Deus tem os poderes; e de si o direito de aplicá-los. Tudo é, ou passa a ser, daí em avante, uma questão de elaboração de poderes e liberdades.

— Isso mesmo. Como, então, chamar bem-aventurada a dor, de um modo geral, sem distinção, sem observar e respeitar a ordem motivadora? Como julgar, em identidade de condições, a dor de um Cristo e a dor de um grande culpado?

Chegou-se para junto de nós um senhor, pedindo para intervir e opinando:

— Ainda bem que se procura discutir questão de tamanha significação. Já ouvi comentários a respeito e confesso que se levanta entre os diferentes conceitos uma questão de mérito e de ordem. Eu, acima de tudo, fico do lado deste irmão, pois prefiro honrar a inteligência, sem o que nada de valoroso e sublime se consegue, do que honrar a dor, pelo menos a dor expiativa, aquela que é em si mesma a testemunha da falta, podendo vir a ser a mãe da pior revolta.

No lapso feito a seguir, apontou este senhor para mim e para o ex-sofista, articulando a questão pelo prisma seguinte:

— Eu não tive uma vida carnal infeliz e não vim para este lado em condições agravantes. Minha vida na carne foi a de um simples operário, embebida nos altos e baixos comuns. Gente nascia e vivia, outros morriam, outros passavam por transes mais ou menos felizes. Eu e minha família, tendo a nossa fé, íamos avançando nos dias e vencendo o quanto possível as conjunturas que se fossem apresentando. Um dia, é claro, perdi minha esposa. Foi um golpe cruel, tive que curvar-me a ele, não havia outro remédio. Eu não era espiritista, mas havia lido muito sobre os Grandes Iniciados. Franca-mente, lia e relia de contínuo as obras que tratavam dos Vedas, de Rama, de Crisna, dos Budas, de Zoroastro, de Hermes. Que mundo de maravilhas eu descobria em mim mesmo, que gozo me subia dos recônditos da alma!

Os olhos do homem se faziam brilhantes, sua cabeça irradiava um quê esplendoroso, enquanto falava, por identificar-se mentalmente com os planos elevados da vida. Demais, sua fala era muito magnética, causava felizes impressões.

Estando com o assunto em voga e domínio prosseguiu, sempre com entusiasmo:

— Eu sentia em mim, com inteireza de razão, a

veracidade do ensino iniciático, ao afirmar que o espírito é uma potência em virtudes latentes, e que a iniciação as faz emergir. Meus sonhos eram belos e inteligentes! Cheguei a ver com toda e lucidez possível!... Que maravilha!...

Num repente franziu o sobrolho, abanou a cabeça negativamente e amuado confidenciou:

— Mas num ponto toda a Sabedoria Antiga deixa muito a desejar: é que nada diz sobre a vida neste lado... Afirma, e com plenitude de certeza, que a UNIDADE é a marca da VERDADE. A Sabedoria Antiga é monista, sem dúvida, mas fica muito à distância a respeito da vida na erraticidade. Quando diz alguma coisa, é muito vaga e, pode-se afirmar, é completamente falha. Este lado da vida é por demais complexo, e talvez por isso não tenha podido falar.

Minha mãe interveio e afirmou:

— Sabemos que não havia ordem superior para tanto. Chegaria o tempo, com o advento de outra Era. E tudo está chegando, não está? Roma deu fim no Batismo de Espírito, implantou a clerezia mais errada de toda a História, fez crimes tremendos, sujeitou os povos à idolatria em nome da Verda-

de; mas, eis aí que a Cristo ninguém pode oprimir, e tudo vem à tona, os protestos se levantam em tempo, a Revelação força o mundo dos encarnados e sacode violentamente nossos rincões. Quem irá deter a marcha do Consolador que se está de novo infiltrando pela humanidade? Quem dominará o Cristo? A quem foi conferida outorga a fim de impedir a marcha dos ciclos evolutivos? Não tenhamos dúvida, pois o Cristo está na dianteira dos acontecimentos que se estão vendo e observando. Há quem diga, elementos de mais alto, que Ele mesmo se faz como um pequenino e vem, comunicando-se e instruindo de conformidade com a época. Eu creio nisso, pois quem está trabalhando para a restauração por Ele profetizada é o espírito por Ele indicado. Se Elias trabalha no plano carnal, pela reposição das coisas no lugar, naturalmente que o Divino Mestre o guia, direta ou indiretamente, no rumo devido. Entretanto, mantenhamos vigilância, pois querer muito é precipitar, e precipitar é violar. Segundo o que dizem certos mentores, a Era do Consolador significa a Era da eclosão espiritualista mais intensa, por constituir o resumo de tudo quanto há sido dito e feito no curso dos tempos. O fenômeno abrange, num amplexo total, a síntese e a análise, a parte se revelando ao infinito na imensidão do TODO inefável. É o que temos, o que estamos vendo e aprendendo, apenas uma fagulha

do que aí pela frente vem. O passado é rico em sínteses, em linhas gerais. O presente forja, para um futuro próximo, bem próximo, a exposição analítica mais intensa possível. O mundo dos detalhes vai projetar-se sobre a mentalidade dos homens. Os matizes da Verdade hão de se tornar o prato comum de todas as criaturas de boa vontade. Tudo quanto foi e ainda paira no campo dos Mistérios vai ser exposto, deve tornar-se do conhecimento geral. O Consolador dirá, dos cimos dos telhados, em altas vozes, tudo quanto foi oculto até ao presente, passando à frente, avançando, dilatando, aumentando os conhecimentos. Mas, como já disse, tenhamos um pouco de paciência.

Os elementos já estão coordenados e dispostos. Saibamos aguardar.

Ela calou-se e aquele senhor emendou, continuando sua peroração:

— Eu desejava saber, pelo menos era meu intento, da parte destes dois irmãos, que aqui vieram rastejantes, de um modo ou de outro, o que julgam sobre a dor e seus conceitos. Que falem os sofridos. Eles são a autoridade.

Silenciou, olhou para mim e indagou:

— Que me diz?

Fiquei comovido, por estar na presença de seres muito superiores, mas senti a importância de ser independente pela Soberana Vontade de Deus. Isto é, que sendo independente para sofrer, também podia e devia sê-lo para ter ideias próprias. E respondi, interpretando minha alma:

— Para mim, confesso, a dor, seja ela de que ordem for, é insuportável. Não tenho com que sofrê-la pacientemente, e muito me revolta que lhe dêem o caráter de regeneradora. O próprio Cristo pediu a transferência do cálice amargo, tendo dito de Judas, que seria o entregador, que melhor fora não tivesse nascido. E a Sua dor foi missionária, tinha a sanção do imenso poder moral que encerrava. Que dizer, então da dor que se origina do erro, das faltas cometidas, daquela dor que se apresenta com características de infernal eternidade? Depois de tudo, pelo que tenho observado, a dor dura o tempo de renovação intelectual harmonizadora. Sem adoção intelectual moralizante nenhuma dor cessa. Logo, quem faz da dor o agente de emancipação trai a finalidade do esquema celeste. As virtudes latentes não possuem características de dor, e sim de glória! Para despertá-las se faz necessário crescer em inteligência e pureza, e não em tormentas e blasfêmias!

O ex-sofista, intervindo, exclamou:

— Querem saber de uma coisa? A dor é bem-aventurada enquanto está no próximo ou depois de ter passado. O resto depende do grau de sinceridade de quem discute sobre ela, para ser o que bem entenda de conceituá-la, principalmente se for um alguém que costuma usar das tribunas ou das colunas literárias a fim de comentá-la. Porque a verdade é que, mesmo aquele que melhor a cante em melopeias inócuas, esse mesmo, e talvez mais do que outros, não mede meios e modos de se livrar dela, quando praticamente tenha de encará-la. A dor e o amor tem sido motivos para discussões sem fim nem conta, por serem os dois pólos que comprimem e impelem o mundo sem fim das emoções, o campo vasto da sensibilidade individual. Idealisticamente, tanto uma como outro se equiparam; mas a verdade é que são fatores antagônicos. O fim do amor é eliminar a dor, assim como a finalidade da luz é liquidar com o império da treva! E se a dor não cessa enquanto o amor não aparece, então é porque, todos quantos teceram melopeias à dor, o fizeram doentivamente! O que fizeram, ou foi por uma covardia qualquer, ou foi por erro próprio de cálculo, ou foi por indução, por dar crédito a conceitos antigos e doentios. Eu fico com Jesus Cristo, que procurou fugir à dor e quando muito concitou a tolerá-la, quando impossí-

vel de ser liquidada. Basta dizer que ela é o produto da inversão da ordem, para se saber que é repelente. Curvo-me, isso sim, ao ter que defrontar a dor missionária. Esta é imensamente bela, porque encerra o lume do amor pelo próximo. É a dor missionária um impulso do Céu por entre as trevas do mundo! O espírito que se propõe a sofrer pelo próximo, ou é um Cristo ou Dele se aproxima celeremente...

Uma estrela desceu do Céu, digo assim, para se comunicar por uma senhorita e dizer certas coisas a Allan Kardec. Diante daquela excelsitude, todos nos fizemos silêncio e veneração. Quando o ser brilhante terminou, e fazendo gracioso sinal de despedida deixou a jovem, era hora de encerramento dos trabalhos. Kardec fez uma prece, deu por encerrada a sessão, e houve debandada geral.

Chegou a hora das separações, pois o ex-sofista foi em companhia de outros, o mesmo tendo acontecido com aquele senhor que pedira para entrar na discussão. Eu, minha mãe e aquelas outras mulheres, rumamos para a zona de onde tínhamos vindo. Meu estado emocional era deslumbrante. Minha alma pairava nas alturas celestiais, minha inteligência recitava uma prece contínua. Sentindo, por ingressar em plano vibratório superior, aumentar aquele estado de êxtase, fui obrigado a dizer:

— Não sei como agradecer a Deus e a quantos me fizeram bem. O que sinto de paz e ventura em mim, faz a soma de tudo quanto devo a Deus e às almas carinhosas, que em tempo me vieram amar e servir. Como pagarei?

Uma daquelas mulheres, avançando, e trazendo no semblante a marca de sua elevação espiritual, sentenciou:

— Querido irmão, pague com a mesma moeda — amando e servindo!

— É exato, senhora. Amor com amor se paga. Jesus Cristo pediu fé, recomendou amor e prometeu o Batismo de Espírito. Entretanto, se para haver contacto é preciso a ingerência da fé, e se para haver Revelação se faz necessário a contribuição das faculdades mediúnicas, o certo é que, para honrar a qualquer ação, e consagrar a qualquer feito, faz-se mister a sanção do amor!

Ela emendou, envolvendo-me com a sua aura agora luminosa:

— Irmão e amigo, a inteligência esclarecida ilumina o teu caráter em geral. É a premissa de uma Nova Era para ti. Oxalá não voltes atrás. O poder

da luz é dialético, é duplo — assim como afugenta a treva com a sua chegada, assim mesmo a atrai com a sua partida. Vê bem, não tornes atrás. Eu voltarei um dia, quando estiveres pronto... Adeus.

Ela se fez luz, ou luzes argentinas, rasgando o lindo céu azulado que nos servia de firmamento. Meus olhos derramavam quentíssimas lágrimas, minha mente parece que invadiu as profundezas de mim mesmo, indo confinar com Deus, bem lá nos confins de minha consciência. Eu queria falar e não podia, queria gesticular e não sabia como. Apenas pude, levantei os olhos, olhei para o espaço e vi que estava normal. Estrelas pipiscantes ornavam o fundo azul da imensidão cósmica.

— Vê, filho, como agentes do Senhor aparecem em forma de simples trabalhadores? Isso é para nos ensinar humildade, ou para nos fazer entender o quanto pode o amor posto a serviço do bem alheio.

Suas últimas palavras foram seguidas de uma voz, que era a mesma daquela mulher, a quem não pudemos ver. Ela disse:

— Sobre doutrinas e conceitos, irmãos queridos, muito haverá ainda por aparecer e por se fazer; en-

tretanto, crede, o amor pode muito mais do que os ramerrões estipulados pelas páginas da História, e escalonados ao longo das conceituismos sectários. O homem pode dar crédito a quantos conceitos quiser, e pode até dogmatizar sobre eles, pretendendo, para si, que sejam imutáveis, por dá-los como verdades fundamentais. Porém, só o amor eleva de fato as criaturas. A própria ciência pode trair. O amor, vivido por amor, nunca trai!

É impossível descrever o que se passou comigo, por mais este acréscimo que o Céu debruçara sobre mim. Em minha mente vagavam, sem esforço, ideias que vinham da UNIDADE SAGRADA, da ORIGEM, de Deus! Por isso, naquele momento, eu era como o TODO e a parte, o de dentro e o de fora. Eis o melhor que posso dizer, para expor uma tão feliz vivência da glória então vivida.

Quando tudo findara, minha mãe convidou-me:

— Vamos para casa, meu filho. Não tornarás ao centro de recuperação.

As outras mulheres se despediram e nós fomos. Minha mãe morava nos arredores da cidade, num planalto, e como toda a cidade era ajardinada, ali o que se podia ver era uma imensa plantação de ár-

vores frutíferas. No dia seguinte, saindo para apreciar o que havia nas redondezas, fi-lo a pé e por volição, tendo sabido que os frutos eram colhidos e transformados em sucos. Enfim, para alimentação dos cidadãos da zona astral. Cumpre dizer, entretanto, que muitos gostariam de comer alimentos mais a par dos da Terra, com os quais estavam acostumados. Embora nenhuma carne entrasse no menu local, comidas mais grosseiras eram facultadas, até que se fossem acostumando. Os mais avançados em psiquismo, alimentavam-se de frutos, de sucos e de absorções fluídicas. Poucos conseguiam isto, e por muito tempo, mas havia os que conseguiam bastante. Estes, em certas experiências, conseguiam demonstrar a força de seus pensamentos, ou o poder da vontade sublimizada.

Fiz estudos vários, teóricos e práticos, principalmente a respeito do emprego do poder mental, de sua aplicação como poder elaborador. Em outros tempos diríamos criador. E como cheguei a sensibilizar-me suficientemente, por cultivos mentais e orações, e acima de tudo pela alimentação reduzida e frugal, consegui atingir elevado teor de capacidade determinadora, impondo vontade ao fluido cósmico.

Assim é que, sem grandes esforços elaborava uma casa, um móvel, uma árvore. Ao estar bem exercitado nesse ramo, fui enviado a uma cidade vizinha, a fim de tomar parte num agrupamento de espíritos socorristas, que, por intermédio de outro grupo, também estavam articulados com os trabalhos de Allan Kardec. Devo aqui salientar, que a unidade direcional vinha de muito alto, sendo que

no plano inferior era admissível a ramificação por grupos. Os chefes superiores eram sempre os mesmos e visitavam todos os núcleos. Embora se fizessem trabalhos de doutrinação, de orientação, de curas, de variantes ordens, o centro de gravidade, com relação ao codificador, era por excelência intelectual. Cumpria-lhe organizar doutrinariamente, e isso lhe punham em mãos, por muitas formas e modos, sendo comum o seu ingresso no plano astral, a fim de que a sua mente pudesse contar com os elementos informativos à vontade. Pode-se dizer, portanto, que as horas de sono do codificador eram ocupadas em estudos e saturações intelectivas, a fim de que os seus escritos pudessem filtrar, quando acordado, as verdades que o mundo espiritual tinha por objetivo transmitir aos encarnados. A codificação resume, perfeitamente, uma síntese doutrinária elaborada à custa de colações sublimes entre os dois planos.

Um dia, quando os grandes mentores enviaram recado ao codificador, encarecendo a necessidade de ir deitar bem cedo, e com o propósito de tomar parte em reunião de suma importância e gravidade, fui convidado, não só a tomar parte, mas a ser o feliz transmissor do aviso. Nunca mais, até ao presente, vi e assisti uma reunião de tamanha monta. Desceram até a minha zona-moradia altos dirigen-

tes, tendo os serviços mais íntimos, ou de ligação imediata, conduzido até ali Allan Kardec, a fim de tomar parte no conclave.

Deu-se a reunião num dos grandes salões de conferência e estudos, estando presentes os elementos do governo e os chefes de alguns departamentos. Vieram, também, convidados especiais de regiões próximas. E dizer que foi uma apoteose de glórias é obrigação. Estiveram presentes, naturalmente reduzidos em seus esplendores psíquicos, todos os Grandes Reveladores da História da Terra. Assim mesmo, porém, o recinto fremia a instâncias de uma vigorosidade psíquica que eu não podia e não posso calcular.

Foram dispostas duas mesas ao centro do vasto salão, para que todos os convidados especiais pudessem tomar parte direta nos trabalhos. Não, é claro, porque suas opiniões pudessem ter importância na resolução a tomar, mas sim para lhes servir de estímulo, e quiçá por prêmio. Eu penso que foi por prêmio, pois nenhum deles ousaria dizer palavra naquele ambiente seletíssimo, onde tudo podia ser resolvido sem a articulação de uma simples palavra entre seus componentes. O meio formado, o ambiente que se produziu, revelava por si só a inteligência das questões por debater e decidir. Nós, que ficamos nas

galerias, éramos atingidos imediatamente pelas ondas mentais que alicerçavam os seus pensamentos.

Aqueles grandes mentores, altos chefes de regiões e povos, que em conjunto e sob a égide do Mestre conduzem a Humanidade, ou as Humanidades, isto é, a encarnada e a desencarnada, a começar dos profundos baixios até aos cimos interestelares, resumiam ali todas as Revelações, tudo o que até então havia sido dito aos homens. Dali em diante, segundo aquele que falou em nome do Mestre, todos os esforços seriam enviados em prol da unificação religiosa, tendo por base o Consolador, a promessa do Cristo, o órgão instrutivo das gentes. Que maravilha a palavra desse glorioso mentor! O poder de sua mentalização parece que fazia tremer o edifício todo. A firmeza, a certeza, a autoridade de seus pensamentos nos atravessavam como se fossem potentíssimas descargas elétricas!

Num pensamento explicou a obra do Cristo :

“TODOS OS REVELADORES ANTERIORES AO CRISTO, MENORES OU MAIORES, TENDERAM COM OS SEUS ENSINOS PARA O SECRETISMO, EVITANDO A DISSEMINAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PELO POVO, PELO MAIOR NÚMERO. FIZERAM O ESOTERISMO, EDIFICARAM OU ENDOS-

SARAM A INICIAÇÃO OCULTA. JESUS DESCEU AO MEIO DOS SEUS TUTELADOS, PRECISAMENTE PARA RASGAR O VÉU DO TEMPO, PARA FAZER O INVERSO, PARA BATIZAR NO ESPÍRITO, A FIM DE LEGAR A TODOS O DIREITO DE, PELO CONSOLADOR, QUE É O MEDIUNISMO, ATINGIR O CONHECIMENTO DAS QUESTÕES ESPIRITUAIS, PENETRAR OS ARCANOS DA VIDA UNIVERSAL. POR ISSO É QUE NA HORA CÍCLICA, VIMOS, DE SUA ORDEM, RESTAURAR O CONSOLADOR E FORÇAR SUA DISSEMINAÇÃO ENTRE TODOS OS POVOS. PORQUE, IRMÃOS, NO BATISMO DE ESPÍRITO ESTÁ A CHAVE DA UNIFICAÇÃO RELIGIOSA”.

Salientou, a seguir, a obra que cumpria a todos, pondo em evidência o serviço a ser feito por Allan Kardec e seus mentores, equipando elevadíssimo número de servidores do Senhor. Embora, bem se percebia, fazia ele por manter suas glórias hierárquicas em anonimato, dado ter que falar no Divino Mestre, cada vez que Lhe repetia o nome, emitia um brilho ofuscante ou se envolvia em aura multicolor esplendorosa, feita dos matizes mais sublimes das ultra-cores. Talvez que os mais subidos poetas pudessem relatar melhor o visto e vivido. Eu, pequenino servo, e recém-saído das gamas inferiores, dou por graça de Deus conservar viva em mim a grandeza intelecto-moral daquele maravilhoso

acontecimento de minha história. Isto porque, tendo reencarnado a seguir, poucos anos depois, cumpri regularmente o mandato, merecendo a entrada imediata no rol histórico. E, quando não seja para lembrar aos meus irmãos a vantagem de um recolhimento sublime, faço por reverência aos planos diretores, afirmar o quanto aquele acontecimento me tem valido. Nas minhas lutas, nos meus lances de empenho, trabalhando muitas vezes junto de irmãos tristemente sofridos, ou violentamente arredios ao bem, a simples concentração mental, a rememoração imediata daqueles Altos Guias da Humanidade, muito me auxilia, conferindo-me um poder que eu sinto ainda não ter de fato, não ser íntimo, mas sim adventício, que se derrama sobre mim como uma bênção celestial.

2ª PARTE

Amor e Sabedoria

Aquele menino nascera sob maus auspícios. Viera ao mundo com certo defeito físico, uma perna retorcida, mais curta, e que nunca pudera ser ajeitada. Depois, um ano e meio se passara, dezoito longos meses de dor, de agonias, de vai-não-vai. E, agora, ali estava de novo, gemente, contorcido, arrastando após de si toda a família.

Naquela hora, quando a tarde cor de ouro se envolvia no manto lânguido que o crepúsculo espargia pela natureza escampa, embebendo seres e coisas numa saudade triste, dera ele o seu último suspiro na Terra dos encarnados, e um suspiro de alívio, bem se percebeu, uma nota final de “adeus”, parece que uma despedida vinda dos confins da vida, e dos motivos que a impellem a ser.

Ao lado dele, naquela hora estávamos eu, seu pai, minha mulher e dois irmãozinhos. Tanto o víramos sofrer, que apesar do lance doloroso, um sentimento de graça nos envolvera o coração, por achar que no seio de Deus, encontraria mais ventura e menos cruezas.

Lá ficaram, a chorar, sua mãe e seus irmãozinhos. Eu saí à porta, e como desse ela de frente para uma camparia imensa, fitando aquela majestade agreste, fiz considerações em torno da pequenez humana. Pensei no homem, é claro, mas no homem matéria, no homem somático, não no homem espírito, no homem transcendente, no ser eterno e herdeiro de divinos bens. Todavia, naquele momento e para aquela conjuntura, pois eu não sabia de melhores verdades — e a situação era de angústia — o homem em questão era aquele que passava, deixando o mundo, suas campinas, seus mares e suas fantásticas belezas telúricas. Que miséria o ser humano! Quanta pobreza na inteligência!

Vieram amigos. Velou-se o corpinho defeituoso, tenro e inerte. A noite tépida e a lua tardia corroboraram a fim de que um certo encanto de todos se apossasse e as horas aparentemente se tornassem menos longas e cansativas. O palor lunar emoldurava a natureza e contaminava as criaturas com um suave magnetismo. Diante do pequenino morto, e em face

da beleza natural, sentia-se, ora Deus muito longe, ora Deus muito perto, até mesmo no imo de tudo e todos. Frente à vida e frente à morte, a alma humana e pouco educada, não pode manter-se fiel a um princípio. Crê e descrê a um só tempo, ou pelo menos, num vai-e-vem de tempo que quase não pode ser contado. Entretanto, hoje, o nosso conceito de vida implica no de morte, por ser o fenômeno apenas irreal e transitório. Isto é, é real, sendo transitório. Pela transição do que é exterior, força o envolvimento do agente interior, e nisso é que reside a grandeza moral do fenômeno. Menos essa razão, abstenção feita desse acordo entre as partes, a passageira e a estável, e acordo pela Suprema Inteligência, de que valeria a morte? Antes seria um escândalo do que uma lei!

Poucos serão, porém, os espíritos que, nas graves horas, conseguem raciocinar a contento da Causa Fundamental. Quase todos caem vencidos pela dolorosa rudeza do impacto, alguns poucos encontram, em si mesmos, valores adquiridos com que defrontar o choque e avançar, de porte hirto, em busca da meta final. Eu, por aqueles dias, pertencia à falange dos últimos... Os meus conhecimentos eram parcos e, conseqüentemente, a minha fé, de periclitante, flutuava ao sabor de negações as mais obsoletas. Se piores coisas não disse, foi porque a minha filosofia de matuto me informara de que tudo era pela natu-

reza liquidado e de nada adiantaria brandir a mente contra o seu incomensurável poderio.

Tive a alma em contradição, a mente em torpor e as esperanças abaladas. Vi-me ao léu da vida, de olhos fechados e inteligência entorpecida, frente àquela morte. Realmente, embora a morte compreenda apenas um resumido episódio da vida, há momentos em que a suplanta, chega a hora em que assume o posto de ordem e faz se abalem e caduquem os mais exatos, sólidos e estabelecidos princípios. Foi assim que me senti naquelas horas, foi naquelas horas que o Universo e seus valores se tornaram, por premissa vácuos e por epílogo inócuos.

À hora de saída do féretro, fui apanhado de uma comoção profunda, caindo em letargia. Quando voltei à consciência, quase duas horas depois, estava febril e atacado de tremenda fraqueza orgânica. Ao lado estava o médico, que haviam chamado, o Dr. Ribeiro, que me fez umas prescrições, afirmando que havia estado em coma e que devia evitar comoções nervosas, se não quisesse deixar, no mundo, viúva e órfãos. Naquela hora, para mim, toda e qualquer conversação seria incômoda. Por isso, dei graças a Deus quando ouvi dizer:

— Vou dar-lhe uma boa dose de sedativo, para que durma algumas horas. Não o interrompam, por favor.

Minha esposa, que foi um anjo feito mulher, veio banhar-me com suas lágrimas, misturando as de mãe aflita com as de esposa sobressaltada. Tendo-a rente a mim, naquela hora de infortúnio e lassidão geral, senti um profundo arrependimento, um remorso terrível, pelo que lhe havia causado. Eu devia, por ela, ter sido mais forte, muito mais capaz de vencer a crueza do transe. Todavia, suas palavras de carinho me pareceram de perdão.

— Maria, você é um anjo... Sempre foi e será, não é assim?

Com a cabeça reclinada em meu peito, ela balbuciava:

— Nunca morreu ninguém em nossa casa... Teófano foi o primeiro... E é muito triste perder alguém...

Chorando gemia, e arrazoava:

— Mas eu penso em você, penso nos outros. É necessário vencer, não acha?

Ela prosseguiu, terna, torturada e gemente, enquanto eu cedia ao império do sedativo. Dentro em pouco, não podia impor minha vontade contra o assédio artificial de Morfeu, caindo em cheio e pleno no mundo da inconsciência.

Acordei quando a tarde caía, dolente e saudosa, no regaço triste do crepúsculo. Tive vontade de me levantar e o fiz, indo parar debaixo de um caramanchão, onde me vieram encontrar, para reclamar carinho, os dois meninos. Estavam aflitos, penalizados, de olhares longos e rostinhos confrangidos. Olhando-os, fui tomado de imensa compaixão, pelo que os tomei ao colo, acariciando-os com a alma em pena. Senti vontade de lhes pedir desculpas, mas pensei que era inútil, que de nada adiantaria, além de marcar desagradável impressão em suas mentes. Eu sabia, tanto quanto eles, sobre ligações remotas e apegos históricos. Eles sabiam, tanto quanto eu, a respeito de sentimentalismos extremados, doentios, deprimentes. Por isso, reprimi meus sentires e desviei o rumo do assunto. O mais velhinho, entretanto, queria saber:

— O Téo foi para o Céu, não foi, papai?

Téo era a abreviatura de Teófano, assim como Teófano fora um nome lembrado pelo padrinho, que era um tanto versado em coisas teístas. Disse-lhe, então, da conveniência de não falar no maninho, para o não molestar, estivesse onde quer estivesse. Foi quando o outro, com os seus olhinhos vivos, quis saber:

— Papai, o que se faz no Céu?

Eu não conhecia, a tal respeito, mais do que ele. O meu compadre, padrinho de Teófano, sabia muitas coisas, ou julgava sabê-las, mas sobre esse assunto nunca abria a boca. Que lhe podia eu responder? O recurso, no momento, foi repetir-lhe que não desejava falar no maninho. E foi uma boa saída.

Começamos a falar num carrinho, instrumento que vinha sendo cogitado de há muito, para que brincassem os três, quando Teófano sarasse, se fosse da Vontade de Deus. Prometi o carrinho e fui ao enalço de tábuas, serrote, martelo, pregos, etc. Foi quando chegou-se um vizinho, um velho amigo de infância, propondo a compra de alguns bois, pois era eu, na ocasião, fazendeiro criador. Chamei um rapazinho, filho de um empregado, passando-lhe a incumbência da feitura do carrinho, a fim de sair ao negócio.

Por essa altura, o azul profundo do céu cobria-se de tênue nevoeiro, fazendo ver fugidamente algumas estrelas, dentre as quais Vênus se excedia em grandeza e formosura. O mugido de alguns bois, ao longe, emprestava um tom nostálgico ao ambiente em geral. A impressão que se tinha, era de que o mundo inteiro ali estava presente, reunido e resumido. O amigo, cujo nome era Justino, convidou a fazer silêncio, pois queria ouvir, o cântico da noite sertaneja.

— Ouçamos a voz da boca da noite. Já reparou como é encantadora?

— É e não é, Justino.

— Por que, não? Repare como uns lamentam o fim do dia, enquanto outros saúdam a entronização da noite. Uns se aprontam para dormir, outros despertam a fim de viver da vida mais uma etapa. Olhe bem, e aguçe os ouvidos, porque a natureza tem sempre hinos próprios para todas as horas e todas as circunstâncias.

— Sei... Uma eterna luta de vida e morte entre uns e outros representantes da mesma natureza. Entredevoram-se os animais, os insetos, os homens. Até os vegetais travam entre si lutas titânicas. Pode haver

cânticos, mas não da parte de todos... Creio que os cânticos de uns representam apenas os prantos de outros. A Terra, digam lá o que bem quiserem, aqueles que se julgam aptos a decifrar as leis de Deus, não pode ser a melhor coisa feita pelo Criador. Se é, que Deus me desculpe, me perdoe, mas tudo está errado... Isto não é coisa de Deus!... Ou então, foi para outros fins que Deus fez isto.

— Você, Flávio, tem hoje razão de sobra para estar amargurado. Compreendo.

— Justino, a minha razão de hoje existe desde os confins da história. A natureza vive em luta de morte desde sempre. Você está vendo essa camparia sem fim? Esses ares cheios de curiangos e morcegos? Essas matas onde vivem animais sem conta? Pois tudo isso quer dizer lutas, entredevoramentos, crueldades! Essa é a mesma natureza que canta, que ergue a Deus sua sinfonia...

— Você está contra Deus, Flávio?...

— Não. Eu pretendo que sejam outros os objetivos de Deus. Uma explicação há, e, sem dúvida, à altura da inteligência humana. Nós somos partes integrantes de Deus, logo o somos de Sua Obra, que é a natureza, e podemos vir a saber sobre os

porquê de tudo isso. Eu nunca dei para ser religioso, você sabe muito bem, mas se tivesse que ser, por certo não havia de ser contemplativo ou supersticioso. Ou há inteligência nisso ou isso está tudo errado! Eu penso assim e sou sincero. E se Deus estiver contra mim, por pensar livremente, e com sinceridade, é porque mais erros existem ainda. Que vou fazer? Cada qual com o seu bestunto, não é lá como diz o refrão?

O nevoeiro tênue transformou-se em sereno grosso e logo mais em garoa. Um sudário espesso e gotejante envolveu a natureza, pelo que saímos do tempo e fomos nos abrigar em casa, onde discutimos o preço dos bois. Dalí a pouco Justino saiu, levando um guarda-chuva emprestado.

— É muito bom levá-lo, Flávio. Assim, amanhã poderei voltar, para mais um bocado de prosa. E quero trazer a Lourdes, sabe? Anda muito triste desde que perdeu a mãe... Faz pena vê-la. Precisa de um pouco de distração... Mas nem filhos pode ter...

— Então, não tenho razão quando digo que a natureza canta e chora ao mesmo tempo?

— Pelo menos, de tudo chega a hora, neste mundo de Cristo.

— E não adianta suspirar fundo... É assim mesmo. Disse o seu ‘boa noite’ e perdeu-se na bruma úmida, quietante e envolvente.

O dia seguinte veio, cinzento e frio, apesar de ser outono. Todavia, não havendo chuvisqueiro, mandei separar os bois comprados por Justino, pois pretendia levá-los à tarde, quando por outra razão não fosse, pelo menos para distrair as ideias tristes e recalçadas, que me bailavam na mente, que me torturavam o ânimo e me compeliavam a uma apatia impertinente. Eu pensava ser assim, julgava aquela apatia um produto das contingências sofridas, do campo emotivo abalado, túrgido e lesado pela crueza do golpe. Cedo compreendi, entretanto, que outros motivos a ocasionavam, que alguém mais, no rol de minha vida, fosse Deus ou fosse algum agente a Seu mando, havia de estar tramando outros rumos para o meu pensamento e diferentes atividades para os meus sentimentos.

É que, amigos, aquela caminhada conduzindo bois não fez surtir efeito benéfico qualquer. Não que o céu fosse de chumbo, não que os animais marchassem dolentemente, não que matas e campinas se mostrassem já esmaecidas, com as características outonais, amarelecidas e desfolhadas. Não, que disso sabíamos, pois havíamos nascido e atravessado os dias de toda a vida no sertão, sabendo compreender e sentir as épocas.

Não vi o que me causasse, já não digo satisfação, mas ao menos um momento de indelével esparecimento. Foram quase cinco quilômetros de marcha, ouvindo o canto de um vaqueiro e o mugir do gado, o latido dos cães e alguma corrida de galheiros assustadiços, o que era comum. Minha alma estava mergulhada em agonia, meus pensamentos, que não eram maus, pairavam no campo estéril de indomável tristeza. Eu tinha a sensação de que, para bem ser e estar, conviria não ser e não estar, ou, se possível fosse, experimentar o prazer de nada!

— Patrão, — lembrou-me um vaqueiro, — levante a cabeça e enfrente a vida. O senhor tem mulher e dois filhinhos para tratar. Perder alguém é muito triste, lá isso é, mas Deus manda e servo bom aceita a ordem. Depois, como dizem, a gente não morre, vive sempre, torna a nascer, continua subindo...

— Você acredita nisso? — interrompi-o.

— Eu não acredito, patrão, porque eu sei. Quem sabe não precisa andar crendo, que crença ou descrença é para quem cogita, é para quem pode dizer hoje que sim, amanhã que não, assim como lhe andem bem ou mal as coisas.

Admirado do alcance intelectual do vaqueiro, indaguei-o:

— Como sabe você discutir essa questão? Onde aprendeu essas lições?

Ele sorriu, olhou de banda, deu uma torcidela de pescoço e explicou:

— Eu venho da Bahia, patrão... E em Bahia não há quem não saiba, pelo menos um pouco, de certas verdades... Também sei ler um bocado, para o gasto que mal chega, compreende o senhor?

— Muito bem, Gumercindo. Assim é que deve ser. Um homem deve saber o quanto possa de tudo aquilo que o cerca. Eu tenho minhas crenças em Deus, mas desconfio dos programas do homem. Acho que andam contradições entre o que é de Deus e o que calculam e preceituam os credos do

mundo. Meu pai começou muito bem, ia ser padre, já estava bem avançado no seminário, depois, um dia sumiu, andou mundo, padeceu, até que resolveu parar e constituir família. Sempre dizia, e olhe que era homem de uma palavra só, que entre o mundo da Verdade e o mundo dos homem havia mais léguas do que distância há entre a Terra e o Sol. Nunca explicou nada para os filhos, porque dizia que um Deus existe, e que as almas não morrem, mas também nunca fez cara lisa para os que se dizem... Bem, vá lá, cada um arranja de viver como pode, gosta e quer. Eu não sei bem como pensar, mas acho que em Deus tudo é certo e justo, sendo que os homens não podem atingir a profundidade das leis. Você já viu alguma alma? Como é que vocês faziam?

— Patrão, — consertou ele, — a alma é a centelha divina... Ninguém vê a alma, mas sim o seu revestimento, o seu corpo astral ou fluídico. Isso eu já vi, tenho visto, porque assim quer Deus. Hoje mesmo, bem cedo, pouco antes de levantar, em frente de minha cama, de pé, sorrindo, e com o menino ao colo, estava uma senhora, toda de branco, acenando com a mão, para que eu a visse. O menino era o seu, o Téo, que parecia estar feliz, muito feliz, bem agarradinho no pescoço da senhora. Eu não sei quem seja ela, nem palavra ela me disse, mas bem pode ser alguém da família, quem sabe a avó do menino, quem sabe algum espírito amigo...

— Gumercendo, isso foi mesmo assim? Você não estaria inventando?

Cravou-me ele os seus olhos pardos, fez uma terrível carranca e disse, num tom seco, áspero o quanto podia sê-lo:

— Patrão, desta boca não sai basófia a respeito dessas coisas. Pobreza sim, mas pobreza do mundo, porque de Deus me tenho como rico, bem rico, para não mangar com a Verdade e nem trair quem em mim confia. Se é intenção sua descrer, porque não consegue saber, e nem é possível que eu saiba para si, vamos então calar, nem fazer pio, porque eu com essas coisas não brinco. Minha mãe me fez, dizia ela, e com todo o tamanho de alma que tinha, votado a São Jorge! E veja o senhor, que é homem de bem, chefe de família e...

Como a descompostura fosse prolongada, intervi:

— Ora! Ora! Vamos, que isso basta, Gumercendo. Eu não sei mesmo, e não tenho obrigação de saber. Mas não quero ser tapeado... Você é sério, eu aceito o que me diz, mas fico de pé com o meu direito de não confiar em todos. Você sabe como o mundo é. Demais, se uns padres enganam de um modo, outros podem enganar de ou-

tro, porque, afinal, todos são padres. Eu penso que sim... E você?

Deu-se por satisfeito e acrescentou:

— Também pode ser, patrão. Mas eu sei, que há gente séria no mundo. Conheço quem sabe, e sabendo age como servo de Deus, vivendo para o próximo, não medindo esforços e nem tempo. E eu aprendi um pouco... Quando outra coisa não faça, porque não posso, pelo menos procuro ser verdadeiro. Meu mestre dessas coisas, tinha lá seu modo pessoal de interpretar certas escritas, afirmando que Jesus, em primeiro lugar, mandou ser verdadeiro. Ora, veja o senhor, o verdadeirismo ainda está por ser vivido na Terra. E quem sabe quando virá a sê-lo?

— Vê como eu tenho razão, Gumercindo?

— Concordo, patrão.

— Mas estamos chegando. E continuo sentindo uma tristeza imensa na alma... É mesmo da alma que me vem esta tristeza. Que será? Por que será?

Olhou-me de banda, como era seu natural quando queria significar mais do que aquilo que a palavra proferida podia valer, e emendou:

— Antes, para que será? Notemos que os incidentes da vida podem nos trazer grandes doses de experiências e variantes modalidades de ensino. Quando a criatura é dócil aos desígnios de Deus, mesmo que não se prenda a culto exterior qualquer, ou que não tenha religião, envia-lhe Ele, pelos acontecimentos da vida, mensagens de sabedoria e advertência. Eu creio que o senhor deve procurar saber mais um pouquinho sobre o mundo que nos cerca, tange e solidariza. Afinal de contas, patrão, nem o senhor é à margem do mundo e nem ele é à sua revelia, mas sim, por natureza, cada um de nós é parte do *TUDO*, e o *TUDO*, por sim ou por não, é parte de nós mesmos.

— Essa filosofia vai muito longe, Gumercindo. Pode ser que nalgum outro mundo, ou no Céu, as coisas se passem de outro modo. Aqui na Terra, entretanto, uma luta tremenda se trava entre tudo e todos. E admitir tudo isso como normal e razoável, pelo simples fato de dizerem os credos que Deus assim quer, para mim não serve. Há qualquer coisa de errado em tudo isso... Ou, então, há falta de explicação para isso tudo.

Cravou-me o vaqueiro fuzilante olhar, reptando-me:

— O senhor já, embora tenha de pedir desculpas pela indiscrição, o senhor já leu alguma coisa

sobre Espiritismo? Creio que, se tivesse lido, teria encontrado explicação para os fenômenos de que fala; para o mesmo não existem milagres e nem mistérios, conseqüentemente não havendo que temer o que quer que seja, por desejar saber muito ou pouco de qualquer departamento da Verdade. Antes, segundo o Espiritismo, crime comete aquele que despreza as oportunidades de aprendizado.

— Eu não li coisa alguma sobre Espiritismo, nem sobre outros credos, senão que tenho lido muito sobre filosofia, ou antes, sobre filosofias. Os credos fazem empenho para atrair as criaturas, achando cada qual que é o verdadeiro, enquanto que as correntes filosóficas até mesmo as mais contrárias, toleram-se e até admitem-se. Por isso é que sinto uma certa aversão pelas religiões. Além de se guerrearem umas às outras, que fizeram elas, até hoje, pela melhoria do homem? Os que esposam credos são iguais ou piores do que aqueles que os não esposam, e os que vivem à custa dos credos, esses, então, pelo menos para mim, são muito piores do que...

Justino deu um brado, lá da porta de sua casa, fazendo voltar os cães que vinham latindo e em correrias contra nós. Com isso, terminamos o colóquio, ficando o vaqueiro com direito à réplica.

Como não havia luar à noite, pois findava-se a minguante, só saindo a lua em tarda hora, depois de entregue o gado, e tomado um succulento lanche, demos com os cavalos na estrada. Menos a marcha compassada e dolente dos bois, em pouco atingimos a fazenda. Ao nos despedirmos, para que Gumercingo não pensasse mal de minha urbanidade, e muito menos calculasse em contrário minha disposição mental para com a questão em vista, convidei-o:

— Gumercingo, a nossa discussão ficou em caminho, não é? Pois venha amanhã, à noite, tomar um café e prosseguir no debate. Hoje não, que me sinto triste e moído. E esteja certo de que saberei respeitar qualquer verdade, desde que se apresente de modo racional...

Ele nada disse, mas sorriu, quando falei em ‘modo racional’. E como eu estava, a falar verdade, encantado com as suas teorias e modos, interpelei-o sobre o sorriso, tendo ele se explicado:

— Patrão, o conceito de racional varia de tempo para tempo e fase para fase. A máxima hipótese intuitiva de hoje, por certo que será racional amanhã, quando outros forem os alcances evolutivos da humanidade ou do indivíduo em particular. Por isso mesmo, penso ser devido, a quem procura cogitar das questões do espírito, admitir como normal e necessário o processo hipotético ou para-racional. E o senhor, que dá preferência aos filósofos profanos, tanto mais deve admitir esta norma de conduta intelectual.

Apanhado em cheio, concordei:

— Muito bem. Não deixa de ser verdadeiro, que muito das realidades de hoje foram sonhos e quimeras no passado. Realmente, sem a utopia nunca teria havido um verdadeiro idealista, um precursor de fato. Venha, portanto, para um café e um troco de prosa. Se não der certo, claro que continuaremos amigos... Cada qual ficará no seu barranco e o mundo continuará, com os seus altos e baixos, com as suas lágrimas e os seus sorrisos.

A questão, porém, é que não suportei aguardar a hora marcada. Quando foi pela tarde seguinte, passando Gumercendo pela frente da chamada ‘Casa Grande’, que era onde eu morava, trazendo no colo um bezerrinho recém-nascido, que nascera com um defeito, chamei-o para dentro, depois de fazê-lo entregar o animal a outro empregado.

— Vamos conversar um pouco, que fazendas havia quando nascemos e fazendas restarão quando morreremos.

— O senhor é que manda, patrão. Eu, de minha parte, em se tratando de coisas boas, fico com o pouco que posso. E se é como o senhor diz, muito gostaria de trocar ideias com o seu compadre, o senhor Santelmo, de quem muito ouço falar, mas a quem não tenho a felicidade de conhecer.

Notifiquei-o, então:

— Santelmo casou-se com uma moça filha de portugueses. Como tenha falecido o progenitor, lá foram tratar do inventário e tomada de posse. Estamos aguardando cartas, pois se tudo sair bem, isto é, se as posses derem, Santelmo comprará a fazenda ao lado com o produto da venda. Porque é intento seu vender a herança.

— Assim o permita Deus! — interveio minha esposa — Nora, a comadre, muita falta me faz. Acima de tudo, é mulher inteligente, e com alguma instrução, pessoa com quem se ganha em falar, alma com quem se aproveita em ter contacto...

Atirou ela seu olhar para o campo indecifrável da saudade, suspirou tristemente e num gemido balbuciou:

— Como ela teria valido um pouco!...

Seus olhos se encheram de lágrimas. Foi então que medi a extensão dos sentimentos do vaqueiro Gumercindo. Aquele homem rústico de físico, bem maduro de idade e armazenado de bons conhecimentos, era antes de tudo uma alma simples e dócil, um coração afeito às dores e às lágrimas. Curvou a cabeça e deixou que uns filetes cristalinos lhe rolassem pelas faces. Quando, depois de limpar o rosto, olhou-me de frente, pausadamente confidenciou:

— Eu também perdi... Mas perdi tudo quanto tinha...

Intimei-o, então, a falar. E ele contou-nos, cheio de tristeza:

— Nasci no sertão baiano, em lugar de muita seca,

onde até a miséria ganhava foros de fartura. Onde ter um pouco era possuir bastante. Meu pai não queria vender as terras, e nem sei quem as compraria, sendo como eram, tão sujeitas à falta de chuvas. Oh! Mas se não fosse isso! Quanta prodigalidade nos anos bons!...

Depois de uma fugaz alegria, retrovisão de alguns dias melhormente vividos, o vaqueiro tornou à fala e à tristeza:

— ... Mas o tempo da seca veio, nenhuma nuvem no céu, nem para os lados do mar... Tudo foi secando, mirrando, virando palha e pó. Meu pai dizia que ainda era tempo de se salvar alguma coisa, que um dia Deus se lembraria de nós, de toda aquela gente, dos animais e das plantas. Mas as chuvas não vieram em tempo... E quando deixamos o sertão, eu que havia por lá conhecido uma cabocla, com ela casando e tendo uma filhinha, quando de lá saí foi em companhia de meu pai e de uma irmã. Os mais lá ficaram... A Terra está lá, e lá estão, devem estar, os ossos de minha gente...

O homem chorava copiosamente e repetia:

— Eu os trago comigo... A saudade que sinto os atrai a mim... Vejo-os sempre...

Condoído, compungido, fiz-lhe a oferta que me estava ao alcance e no dever:

— Gumercindo, nesta casa pode você contar com a familiaridade de que necessita. Não pense em sair daqui, menos que seja por motivo superior à sua vontade e à nossa obrigação de solidariedade. Vamos dar um jeito na sua vida, criar um modo para que possa levantar a cabeça e enfrentar o mundo.

O vaqueiro agradeceu, limpou os olhos e fez menção de sair. Não o deixei. Uma empregadinha o levou a banhar o rosto, e, quando voltou, tomou parte no café, passando em seguida a conversar sobre a Doutrina que com tanto respeito e carinho admitira.

— Então, — lembrei-o, — você costuma ver os seus parentes já mortos?

— Sim. Mas convenhamos com o Cristo, que morto ninguém é e todos vivem para Deus e para si mesmos. No tempo de Jesus, como viesse Ele fazendo espiritismo, com ou sem endossos filológicos e históricos, mas fazendo mesmo, pois expelia os maus, confabulava com os bons, aplicava passes; enfim, como viesse de contínuo em relação com o mundo espiritual, sabendo os clérigos que assim fazia, ou que por esse processo operava maravilhas,

logo passaram a lançar-Lhe culpas, a imprecá-Lo, lembrando-Lhe textos proibitivos. Mas o Divino Mestre, que vinha para ser acima de todas as velhas Revelações, porque vinha tornar franca a verdade revelacionista, respondia-lhes que a morte só existe no conceito dos tolos e daqueles que procuram ignorar a fim de continuar negando. Toda vez que alguém Lhe dizia ser proibido manter relação com os mortos, Ele indagava: Quem são os mortos? E quem são os vivos? Por certo que ninguém morre, pois os vossos pais não morreram, nem podiam morrer, porque para Deus ninguém morre. Eu porém faço isto, diante de todos, bem à vista de quantos queiram ver e compreender, porque foi para isso que vim ao mundo. Minha máxima é Batizar no Espírito, como vos disse o Batista, porque assim é da Vontade do Pai. E o Batismo de Espírito é o meu testemunho, para que fique convosco, para que tenhais sempre um aviso e um advogado. Pelo Batismo de Espírito sabereis que de fato o Pai me enviou.

O semblante de Gumercindo se iluminava quando dizia estas coisas. Por isso, vendo-o tão feliz, nós aparteávamos, para que ele falasse mais.

— Então, Gumercindo, Jesus veio para esse fim?

— Veio e fez o que devia. Se o senhor quiser ler

um pouco, eu lhe fornecerei uns tantos livros, onde encontrará os motivos do Espiritismo, que são as promessas do Velho Testamento, cumpridas pelo Cristo através do Seu divino exemplo e do Consolador. O Espiritismo é, a um tempo, tudo quanto foi vindo no decurso das Revelações, e mais aquilo que fará, no domínio das instruções, pelos milênios a fora.

— É bem grande a sua convicção, Gumercindo, — observou-lhe minha esposa.

— É apenas uma fé consciente, que decorre da verdade evangélica. Não há, de fato, na obra do Cristo, lugar para as mistificações chamadas mistério e milagre. Tudo para o Mestre era segundo leis fundamentais, e, conseqüentemente, de conformidade com o Plano Superior as coisas se têm passado e hão de passar. É por isso que o verdadeiro cultor da Doutrina de Kardec concita sempre ao máximo de estudo. Ninguém poderia reconhecer no Espiritismo o Consolador, sem ser por estudá-lo. Bem assim como não lhe poderia aprender as lições, sem estudar. Tudo é por si mesmo concludente, não acham?

— Eu acho formidável, Gumercindo. — disse-lhe eu, pois estava entusiasmado.

Ele repetiu o conceito de Pedro, como se acha no

Capítulo dois do Livro dos Atos dos Apóstolos:

— Assim disse Pedro, quando arguido — “Porque para vós é a promessa, e para vossos filhos, e para todos os que estão longe, quantos chamar a si o Senhor nosso Deus”. — Tudo, portanto, está ao dispor de quem quer que se interesse pelas verdades do Cristo, que devemos tornar nossas, pelo conhecimento e prática. No dia em que Pedro assim se pronunciou, nesse dia, pela grande eclosão mediúnica, consolidou e epilogou Jesus a Sua missão. Estava lavrado o Batismo de Espírito, tornava-se de direito geral o conhecimento e culto da Revelação.

Admirada, minha esposa lhe indagava:

— Mas São Pedro fez Espiritismo?

Primeiramente Gumercindo sentenciou:

— Toda a Bíblia versa sobre a Revelação. Subtraindo-lhe esta, o que restará?

Demorou-se um pouco, mediu-lhe a extensão do interesse e emendou:

— Não só Pedro, mas sim o Colégio Apostolar. O sistema de reunião sempre foi cópia do fenômeno

do Pentecoste. Leia com atenção o Capítulo catorze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios.

Tomou um ar meditativo, sacudiu a cabeça afirmativamente e concluiu:

— Faça-se como o faziam os Apóstolos; isto é, reuniões simples, sem vestes fingidas, sem ídolos, sem cultos exteriores, sem clerezias, enfim, sem paganismos. A chave da questão é a Revelação e, para isso, podem-se dispensar tudo quanto é formal ou inferior, todas as formas obsoletas de culto.

Sofregamente, perguntou-lhe Maria, novamente:

— E como se pode saber quem tem faculdades?

— Experimentando, senhora. Os dons se acham repartidos pela humanidade, assim como o afirma Paulo, na mesma Epístola, Capítulo doze. Ele aponta nove faculdades principais. Todavia, cumpre dizer, um só é o dom, que se manifesta de vários modos pela humanidade. Um dia, quando formos bons, teremos o dom sem medida, como o tinha o Mestre, de conformidade com o que diz a Escritura.

— Isso é maravilhoso! — exclamou minha esposa — Mas a questão é arranjar as coisas como convém.

Haverá aqui na fazenda gente capaz? Seria interessante tentar, não acha o senhor?

— Depende, senhora. — ponderou ele — Depende de vossa vontade. São os proprietários e sabem como agir. Eu, para meu gasto, faço como posso. Tenho por graça um pouco de vidência e para mim é o bastante. Quando através dela posso servir, faço-o como todo o prazer.

Curiosa, minha esposa avançara:

— E poderia ver alguma coisa para nós? Quem sabe, sobre o menino...

Lembrei-me do que ele dissera sobre uma senhora idosa, e da criança, meu filho, que tinha ao colo, propondo-lhe:

— Poderia indagar alguém sobre o menino e a senhora, que disse ter visto?

— Pretender sempre é lícito. — respondeu-me, com bonomia.

— Então, faça-o, por favor. — intimou minha esposa, acomodando-se na poltrona.

Gumercindo, sorrindo, pediu:

— Pretendamos todos, que é o certo.

— Que é preciso fazer? — volveu ela, prontificando-se.

Gumercindo convidou:

— Venha para a mesa e vamos fazer uma prece. Seja o que Deus quiser.

Mais do que pressurosa, Maria veio por-se ao meu lado, agarrando-me pelo braço. Gumercindo balbuciou uma prece, o mesmo fazendo nós. Dentro de um minuto, se tanto, disse ele estar presente a senhora idosa, sustendo ainda o menino ao colo.

— Que nos quer ela dizer? — perguntei.

— Diz ser o seu nome Marília e ser avó do menino. — respondeu.

— Marília era o nome de minha mãe. — informei-o

— Ela diz que sim. E diz que o menino quer falar... Que necessita falar.

Nessa hora eu tremia, por dentro e por fora, de expectante interesse.

— Ela colocou o menino sobre a mesa. — informou o vidente.

— Procure ouvir bem o que ele disser. — recomendei.

— Ele vai falar...

Minha esposa prorrompeu em pranto.

— Diz ele, para que o senhor transforme a fazenda, de pecuária em agrícola. É um crime matar, tudo aquilo que não é dano ao homem. Muito mais crime é criar para matar.

Suspirou o homem profundamente, terminando:

— Foram-se. . . Foram-se.

Eu estava estupefato. Uma ordem dessa monta, para quem vivia, havia anos, de criar gado para corte. Olhei para o semblante de Gumercindo, estando ele em serenidade plena. Parecia um santo. Seus olhos estavam brilhando, felizes, bem se via que gozando uma inefável alegria. Perguntei-lhe, então, mais para

forçar o assunto:

— Que diz, Gumercindo, de tudo isso?

— Nada. Por que?

— Acha pouca coisa transformar uma fazenda de pecuária em agrícola?!

— Não é pouca coisa... Mas é possível. Jesus deu a vida, o que é muito mais, e não fez objeção ao Céu. Pediu a passagem do cálice, por ser dever do espírito combater a dor através de seus motivos. Mas, uma vez sabendo como tinha de ser, isto é, que sem um testemunho de sangue não podia legar o Seu Testamento, imediatamente atendeu ao chamado do Céu. E com o Seu ato, consumou a Sua missão, legando às gerações a Carta de Alforria, encimada a seguir, com o Batismo de Espírito, ou da Revelação tornada livre.

Recordei-me dos relatos sobre o episódio, observando:

— Lembre-se, Gumercindo, de que o Cristo foi assistido por um anjo. Se me não engano, diz Lucas que Lhe enviou Deus um anjo, para O consolar no doloroso transe.

Soltou ele uma verdadeira gargalhada, numa confiante atitude, emendando a seguir:

— E a si enviou Deus dois anjos... Sua mãe e seu filhinho. Que quer mais? E olhe que não é para ser preso, manietado, espancado, cuspidado, dolosamente julgado e por fim crucificado. É apenas para continuar fazendeiro.

— Ele era o Cristo, Gumercindo.

— Nós somos cristãos ou não? Afinal, patrão, um espírito vale pelo seu quantum de pureza e ciência que consegue armazenar e cultivar. Todos sendo iguais em natureza e destino, o mais é desabrochar poderes. O Divino Mestre não se fez por favores do Céu, mas por evoluir, naturalmente, através a esteira das vidas. E assim mesmo com todos os Cristos de todos os mundos, e com aqueles que dirigem as galáxias e as meta-galáxias.

— É duro, então, ser cristão... — murmurou minha esposa.

Quem mete as mãos no arado, que não olhe para trás, disse Ele.

— E se eu não fizer? — redargui.

Gumercindo olhou-me com profunda tristeza, assinalando:

— Não terá feito. Não dará um exemplo ao mundo. O moço rico, conhece o caso do moço rico? Pois ele, tendo sido convidado por Jesus ao apostolado, por amor à riqueza, não aceitou o convite. Todavia, do senhor está sendo solicitado muito menos... E dois mil anos são passados... Temos, pois, evoluído bem pouco, não acha?

— Não seja motejador, Gumercindo. Eu sei o quanto me custou organizar a fazenda, até funcionar como funciona e ser uma fonte certa de renda. Os animais são comidos no mundo inteiro, e desde que existe a humanidade, e eu, justo eu, fui o escolhido para começar a reforma? Que coisa, meu Deus! E se você não viu certo, ou não ouviu bem! Hein, Gumercindo?... Por que havia de ser justo eu?!...

— Eles também o foram... Individualmente o foram, patrão...

— Eles quem?...

— Os Grandes Reveladores. Rama, os Vedas, os oito Budas, Crisna, Zoroastro, Hermes, Apolônio de Tiana, Orfeu; os Patriarcas Hebreus, Moisés, os

Profetas, etc. Todos eles foram individualmente escolhidos e, notemos bem, se fossem discutir a missão, desse modo porque o senhor o faz, nunca viriam a ser o que de fato foram. Os altos investimentos são para os altos espíritos... Isso sim, importa compreender.

— Eu sou de pouco valor, no seu entendimento?

Viu-me ele zangado, razão porque respondeu, títubeante:

— Não tenho certeza, patrão, mas acho bom o senhor esquecer o que houve. Do contrário sofrerá muito... Outros, talvez, deem início a essa obra emancipadora. A carne, um dia, deixará de ser alimento de homens. Nos mundos melhores do que a nossa pobre moradia, ninguém mais a come... A antropofagia terminou, é o caso, e isso concorreu muito para a melhoria em geral. Mas o senhor não precisa deixar de criar gado para o corte... Por que havia de fazê-lo?...

— Como sabe o que aconteceu em outros mundos? — interpeleio-o, com secura.

Agora refeito, simplesmente respondeu:

— Temos informes mediúnicos sobre o que vai pelos mundos vizinhos, patrão.

— E os não vizinhos? E quem pode afirmar a veracidade disso que vocês dizem ser comunicações mediúnicas?

— Uma é a lei de progresso, embora muitas sejam as variantes específicas. De modo que, vizinhos ou não, todas as humanidades devem resolver os seus problemas. Nós devemos querer melhorar sempre, ganhar sublimação, alcançar a melhora geral através da individual. Mas onde os indivíduos não a querem, como haver melhora geral? Quanto ao que sabemos ser comunicações mediúnicas, digo que o tempo, que ora vem perto, fará com que todos as reconheçam. A Terra está atingindo o fim do primeiro ciclo do Cristianismo, devendo ser abalada por cataclismos de toda ordem. A Terra é mesmo o mundo, onde os habitantes não buscam evoluir por inteligência, ou espontaneamente, mas sim pelos chuços da dor. Neste mundinho, patrão, deixa-se o mérito da ciência de lado, e esquece-se da função do amor, para se tecer ladainhas à dor. Triste mundo este! Pobre gente esta! E já não seria hora de por um fim em semelhantes erros?

— Vá dizer que eu sou o responsável por isso. Ou que tenha de consertar essa trambolheira toda. Este mundo sempre foi errado, Gumercendo, e com ou sem o seu Espiritismo, sempre o será. Eu não creio nisso que vocês pregam...

— Parem, por favor! — pediu minha esposa, num repente, e em tom firme.

— Por que, Maria?

— Porque me sinto mal ouvindo isso tudo. Demais, alguma razão há para que Gumercendo fale assim. Um homem de boa idade, melhor índole, e que se vê, fala de um modo estranho, diferente. . .

Gumercendo interferiu, para anunciar:

— A senhora idosa voltou, pousando a mão direita sobre a sua cabeça, senhora Maria. O que sente é dela e não seu. Ela está muito triste; pelo menos, assim se mostra.

Minha esposa caiu em convulsivo pranto. Gumercendo saiu, pedindo desculpas. A mim tocava, por sim ou por não, desculpá-lo de tudo e manter o convite para as trocas de ideias. Saído ele, procurei acalmá-la, o que logo consegui. Quando estava sossegada fiz-lhe perguntas sobre o que sentira, tendo dito que, de um momento para outro, fora apanhada de súbita tristeza tendo vontade de gritar, a fim de que parássemos com a discussão. Dominando-se, não gritara, mas dissera o que sabia devia dizer, embora pouco antes não tivesse a menor ideia sobre o caso.

Gumercindo, de sua vontade, creio que nunca mais viria tratar do assunto. Mas eu fui buscá-lo. Depois de muito matutar, cheguei a uma conclusão — vamos ver até onde a coisa pode atingir.

Entrementes se discutia todo e qualquer assunto, debaixo do caramanchão, para que minha esposa não se impressionasse com os ouvir, eu ia lendo tudo quanto podia. Gumercindo fornecia-me os livros, de variantes autores, alguns ocultistas, outros da codificação kardeciana, outros profanos, mas de fundo altamente cultural. De ler eu gostava muito, mas certas questões me ficavam no tope do bestunto. As questões e as conclusões dos seus argumentadores. Agora sei que estavam certos, e não só certos como até muito aquém do montante devido. Hoje, como todos os estudiosos devem saber, muitos mais

são os informes. E tantos mais a ponto de haver estudiosos da Doutrina que não aceitam o que é mais transcendente, isto é, aquilo que lhes fica um pouco além do conhecimento clássico ou rotineiro. Para alguns irmãos a biblioteca espírita devia ficar em vinte ou trinta livros, e esses, ainda assim, bem rotineiros. Entretanto, podemos afiançar, é bom que tratem de se preparar para muitos outros informes, e muito mais intensivos. O Cristo, do alto de Seu posto de mando, ordena que se instrua ao cidadão, de um modo, porque o tempo cíclico-histórico chegou, de outro modo, porque essa é a função do Consolador. E quem poderia opor-se e vencer?!

De minha mente jamais saiu aquela advertência. Contudo, não podia concordar com a reviravolta. Deixar de ser criador de gado para o corte, e fazer-me agricultor, era questão sem mérito e sem justiça. Se por tantos milênios as gentes vinham de comer carne, e sabia Deus até onde iriam gerações e gerações devorando os irmãos menores em evolução, porque havia de cair sobre mim a responsabilidade de tal iniciativa? De tanto ler fiquei sabendo como vem o espírito subindo na escala das hierarquias. E de como o superior tem obrigação de auxiliar o inferior. Grande noção conquistei, também, sobre a importância da abstinência do uso da carne, quer seja por receber ela cargas de magnetismo inferior, ou animal instintivo, quer seja por representar a eliminação de uma vida. E de uma vida que se esforça por manter, que se defende como pode, que sente o prazer de ser!

Cheguei a sentir bem alto o valor da vida, não a sua importância intelectual, mas sim o seu poder imanente, emotivo e radical. Porém, não era capaz de conceber que eu, justo eu, tivesse de tomar uma tal decisão. Acima dos prejuízos materiais, que diriam de mim os amigos e os familiares?

Lá veio, entretanto, o dia da chegada do compadre Santelmo. Veio com dinheiro suficiente para comprar a fazenda vizinha, como era de seu desejo e como resolveria de pronto. Eu, entretanto, propus-lhe o negócio da minha, depois de lhe expor o motivo.

— Quem diria! — exclamou ele, absorto.

— Por que?

— Você, Flávio, dando atenção a essas coisas. Que maravilha! Um homem que, apesar de respeitar e levar a cabo os deveres de amor à ordem e à justiça, mas que não podia conceber mais do que o valor das coisas do mundo, estar agora envolvido nas dobras do culto espiritual mais intenso! O tempo sabe como operar maravilhas, não há dúvida.

— Não é bem gosto meu. Mas, sabe como é? A coisa pode ser muito séria.

— Quem foi mesmo que lhe transmitiu o recado?

— Gumercindo, em fenômeno de vidência. Acima de tudo, é homem de nobres sentimentos e bons conhecimentos. Virá hoje à noite, podendo você manter com ele a conversação que entender.

— O vaqueiro?

— Sim, o vaqueiro. Vem do nordeste, fugido da seca e com a família toda largada pelos caminhos. Foi o que sobrou de uma família inteira, de uma grande herdade em terras e de muito boas esperanças. Eu o tenho auxiliado, e bem que o merece. É simples, educado, sincero e muito trabalhador.

— E conhece a Doutrina?

— A meu ver, muito bem. Possui dezenas de muitos e bons livros.

— Podíamos tentar uma sessão, não acha? A minha Nora está começando a desenvolver. Se não pudermos fazer aqui, onde iremos? Pode-se admitir gente escolhida de entre os trabalhadores. Com o tempo...

— Primeiro quero resolver o caso da agricultura, compadre.

— Compadre! Tem isso cabimento, agora? Eu batizei seu filhinho, por sua amizade, mas esse sacramento da Igreja Católica não tem mais cabimento, desde que você tenha compreendido o que é, por lei fundamental. As cadeias, os leprosários, os manicômios; por toda parte onde quer esteja a dor presente, criaturas cingidas desses sacramentos formam na coluna dos sofridos. Logo, isso quer dizer que a dor é filha do erro, e por obras deve ser eliminada, não porém à custa de convencionalismos de homens.

— Então, não nos trataremos mais de compadre?

— Eu prefiro, Flávio. E vamos dizer isso a nossas esposas.

— Muito bem. Vamos.

Entrados, encontramos-las na sala, também falando da Doutrina. E ficou combinado que não mais nos trataríamos de compadre ou comadre. Nora assim expressou-se a respeito de sacramentos:

— Os sacramentos que valem, na Terra e no Céu, são a Pureza e a Ciência. Se assim não fora, Jesus, ao invés de afirmar o princípio de libertação pela Verdade, tê-lo-ia feito sobre os formalismos de homens. Verdadeiramente, a humanidade tem vivido

iludida pelos sindicatos exploradores da fé, por essas greis humanas que, dispondo casas de modo próprio, arranjando vestes ou fantasias de impressionar, e estatuinto dogmas, ídolos e gestos supersticiosos, nada mais, nada menos, tudo quanto fazem é procurar viver à farta, à custa da credulidade alheia. E para o serviço de prolongamento dominativo e explorador, dizem ser diabólicos todos os princípios que lhes procuram demonstrar a farsa e dar cabo da corrupção. É mesmo hora de se dar fim a tamanhas absurdidades. Por evolução, ou por honra de suas causas determinantes, que são os verdadeiros valores do espírito, temos por dever sagrado eliminar da Terra a idolatria, seja de que ordem for, mental ou material, porque dela se deriva, desde sempre, tudo quanto tem feito a humanidade não progredir o devido e sofrer continuamente.

Maria observou, consternada:

— Isso, para fazer Espiritismo de verdade. Mas há cada marca de Espiritismo por esse mundo de Cristo!... Pelo menos, espiritistas que se marcam de maneira dolorosa!...

— Infelizmente, assim é. — concordou Nora — Todavia, ninguém, de bom senso, faria da corrupção a regra. Façamos nós como o Mestre quer, ou como

advertiu Ele que a Verdade exige, deixando que a cada um lhe ensine a dura lição da vida.

Maria olhou-a surpresa, sem entender o alcance da expressão. Nora não se fez rogada e explicou:

— É que a Verdade não se ilude com a soma de “boa vontade” posta em função pelo crente. Ou o crente evolui em si, e resolve o problema da espiritualização de fato, ou, com mais boa vontade ou menos, prossegue medíocre. Nas altas esferas da vida, afirmam-nos os mentores espirituais, não se encontram os dotados de boa vontade, mas sim os que realizaram mais em Pureza e em Ciência. É necessário dar cabo dessas expressões manhosas, piegas e tolas, segundo as quais uma vela bem acesa vale mais do que uma concepção superior da Verdade. É doloroso dizer, mas a Terra se prova como um mundo inferior, quando pelos seus religiosos se revela um campo fértil em idolatrias.

— E quando um espiritista se mostra, por insuficiência espiritual, sujeito ainda ao culto dos formalismos, ou dos vícios idólatras da religião provinda?

Nora fez um gesto de descaso, emitindo o seu pensamento:

— Por insuficiência?... Bem, por insuficiência tudo é cabível, pois quem iria fabricar evolução para vendê-la aos espíritos tardos ou pusilânimes? Ao que é fraco por base não se pede capacidade por norma. O Cristo não ensinou assim, ao dizer que se deixasse aos mortos enterrarem os mortos? Logicamente falando, Maria, um absurdo pode ser o ato medíocre de um espírito superior, bem assim como a ação superior o é de um tacanho. Apenas, o superior pode reparar a falta e prosseguir superior, enquanto que ao tacanho falecerão as oportunidades de repetição do feito. É por isso que digo, haver necessidade de esforço realizador; porque, afinal, o que é por base pode se tornar como conduta, norma simples e contínua.

— Então, Nora, — observou minha esposa — pode estar certa de que muito longe vem o tempo em que teremos, na Terra, e em geral, um culto mediúnico em bases evangélicas. Os espíritos tardos formam o grande número, constituem a coluna imensa que se entrega, de boa vontade, aos cultos idólatras mais peçonhentos. Se o grau de felicidade de um mundo, se mede pela soma de espiritualidade superior de seus cidadãos, temos de convir em que a Terra, forçosamente, continuará por séculos a ser um lugar cósmico de sofrimentos e lesões de toda ordem.

Santelmo interveio, blasonando:

— A Terra não é o mundinho, meus amigos, onde os mestres religiosos ensinam a temer a Deus por medo da dor, e a bajular a dor por temer a Deus? Que se pode esperar de quem tanto afronta o bom senso? Verdadeiramente, ou se honra a virtude e a sabedoria, por fazer valer a inteligência, que é a arma e a marca assinalante do poder humano, ou se conspurca esse troféu, tecendolouvaminheiras, àquilo que, para si, ninguém quer! É realmente chocante, massacrante, que depois de tantos milênios, e de assinalados acréscimos revelacionistas, ainda se continue pensando, sobre a dor, como se estivéssemos na era da pedra lascada. Ao homem da caverna ficava bem pensar assim, do mesmo modo como ainda fica bem aos selvagens o pensar que a ira de Tupã se revela pelo trovão. Mas a nós, amigos, isso fica muito mal...

Nora emendou, com ar chistoso:

— O Deus dos hebreus não é ainda racista, carnívoro, idólatra e cruel?...

Pelos estudos que eu fizera, julguei oportuno intervir e esclarecer:

— Creio ser dever de cada um de nós, a bem da

Verdade, pingar certos ii. Ninguém ignora a tremenda divergência que paira entre a Ética do Decálogo e a lei social do Povo de Israel. Pelos Dez Mandamentos todos os homens são iguais perante as leis que regem o Universo. Um Deus, uma Lei e uma só humanidade! No entanto, pelo que se compreende, ou depreende do Código político-social-econômico inserto no Velho Testamento, uma tremenda divergência há, servindo de fronteira entre o Povo de Israel e os demais povos. É de se crer, tenha sido essa fronteira levantada pelos homens, não por Deus. Do contrário, Este seria contraditório, Ele mesmo fazendo e estipulando uma Lei Geral, e Ele mesmo incorporando outra, toda de caráter particular, racista e horrível, feita a contradição da primeira.

Santelmo veio em meu apoio:

— Exatamente. Há um divergência total no velho Testamento, entre os Dez Mandamentos, ou sua moral, e a lei profana do Povo de Israel. Resta saber, é claro, quem seja o responsável por isso. E seria Deus?

Nessa hora entrou Gumerindo, tendo eu feito as devidas apresentações. Depois de prolongada conversa, marcou-se a noite seguinte como sendo aquela em que faríamos uma pequena palestra, seguida de uma tentativa de colóquio com o mundo espiritual.

Gumercindo trouxe, na noite seguinte, três pessoas consigo, dois empregados e a esposa de um deles, dizendo serem conhecedores de alguma coisa, ou possuírem faculdades em desenvolvimento. Apesar de empregados da fazenda, eu não lhes sabia dos pendores e práticas. Eram gente simples e inculta, e quando muito podiam oferecer aquilo que provém de faculdades, não de conhecimentos. E eu estava desejando conhecer, acima de tudo conhecer bastante, ainda que a reunião visasse, também, o contacto prático com o mundo espiritual.

Deliberamos que Gumercindo dirigisse os trabalhos, ficando a cargo de Santelmo a palestra indispensável. É preciso acentuar que, desde os primeiros estudos, compreendi a necessidade de conhecer ao máximo as questões espíritas, por sentir no

Espiritismo a síntese de todas as Revelações e os acréscimos provindos como consequência direta das transposições cíclicas. Conhecer, tal a divisa de ordem superior, a fim de que, pelo conhecimento, pela natural crescente em responsabilidade, pudessem surgir o homem em demanda às melhores e mais enobrecedoras realizações.

Abertos os trabalhos, Gumercindo deu a palavra a Santelmo, havendo este discorrido sobre o nascimento do Cristo, pois este fora o ponto calhado por sorte, ao se abrir o Evangelho. Fez ele um paralelo esplêndido, figurando a hora máxima da noite, aquela em que nasceu Jesus, com a densidade do meio material de onde se vem erguendo o espírito, através de lutas e vitórias, desfalecimentos e quedas, soerguimentos e triunfos.

— Assim como Jesus, — disse ele, — nascendo na mais negra hora da noite, e no seio da condição mais precária, e na situação mais humilde, veio surgindo para a realidade de Sua função capitular, alcançando a principal altitude histórica que, jamais, homem nascido de mulher atingiu, assim mesmo deve acontecer com os espíritos em geral. Todos saímos da mais espessa condição, todos vimos nos erguendo lenta e humildemente, atravessando as gamas da natureza em geral, para um dia

pregarmos a carne numa cruz, fazendo do espírito uma oferta perfeita ao Senhor da Vida. Segundo os Evangelhos, o Mestre nasceu à meia noite e foi pregado na cruz ao meio dia, trinta e três anos mais tarde. Vejamos, portanto, a significação, pelo menos a significação simbólica, desse grande trajeto, dessa imensa jornada compreendida em uma meia noite e um meio dia. No polo mais escuro havia esperança e divinos propósitos, anseio e expectativas de toda ordem. No zênite solar de um dia, trinta e três anos depois, o maior dos homens, o máximo espírito da demografia terrestre, tendo vencido o mundo, estava pronto para cinzelar no corpo histórico do planeta, imprimindo-lhe vida, conferindo-lhe o mágico poder evocativo, a máxima lição de ordem geral, aquela que abrange toda a estrutura funcional do homem, porque, incorporando em Si o Amor e a Ciência, levantou-se acima das gentes, e das suas diretrizes, em fundo de abnegação, de renúncia e de perdão!

Encerrando sua palestra, lembrara:

— Um novo dia surge, no limiar da humanidade futura, do segundo ciclo do Cristianismo. Virá ele, sem dúvida, sob os embalos de tradições de toda ordem, marcado pelos senões pretéritos, cheirando a sangue e a horrores. Mas há de se levan-

tar uma voz, e essa voz dirá ao mundo, às gentes, que bem-aventurada é aquela dor que se levanta da obra fiel a Deus e aos homens. Num extremo está a dor sofrida pelo Divino Mestre, feita de amor e de perdão, servindo de estandarte a todas as gerações. Esta dor, amigos, não pode ser confundida com outras ordens de dores. E lá no outro extremo, distante e coberta de vergonha, está a dor filha do crime, expiatória, o pranto sem conforto moral! Surge, pois, o momento, senhores, em que os homens de critério se devem levantar, para terçar armas contra toda e qualquer conceituação menos feliz, e acima de tudo, contra a dor em geral. Importa, a bem do futuro da humanidade, que se proponham os homens a vencê-la. Ou damos testemunho, em face da Lei de Harmonia, de que somos discípulos Daquele que banhou uma cruz com o Seu sangue inocente, para servir de lição fiel e amorável, ou, então, estaremos seguindo o exemplo de Seus algozes, daqueles que numa infeliz iniciativa, se fizeram sequazes da traição e do assassinio. Já devia não ser mais tempo, a bem de nossos foros de cristandade, de andarmos a louvar aquilo que devêramos combater, por ser a marca exposta de crimes cometidos! Porque, amigos, existem dores e dores, e nem todas elas podem ser bem-aventuradas... Tenhamos a dosagem suficiente em dignidade, a fim de não continuarmos a cobrir o que é vergonhoso,

com o véu enganoso da falsa obediência aos divinos mandamentos. Muito mais digno é se não cometam erros, do que, depois de cometê-los, andar por aí a proclamar a excelência de certas deprimentes posturas. Afinal, onde devemos colocar os inatos poderes de amor e inteligência? No cimo, na crista de nossas demandas sagradas, ou no chão, no sopé, a servir de escabelo ao crime? Se o Céu deseja do homem alguma coisa, nesta época transitória e triste, que faz pensar com seriedade nos avisos do Evangelho, essa coisa é esta — que os homens, pelo menos aqueles que falam em Deus, apresentem mais nobres ações e menos desculpas piegas e repugnantes!

Terminadas as palavras de Santelmo, minha esposa começou a se sentir mal, assim como naquele dia, quando eu e Gumercindo tivemos a primeira discussão. Todos os sintomas eram idênticos, em aflição e até desespero. Gumercindo pôs-lhe a mão sobre a cabeça, convidando todos a uma firme concentração de pensamento, pois devia tratar-se da presença de alguém que não conseguia ver, apesar de estar vendo outras entidades do plano espiritual.

Depois de minutos, estando ela ainda a gemer, foi a esposa daquele trabalhador da fazenda tomada de um espírito, o qual anunciou:

— Estão subtraindo fluidos da irmã, para que um espírito possa se apresentar materializado. Tenham firme desejo nesse sentido, porque, pelo que man-

dam dizer, será o fenômeno muito grato a todos.

O espírito despediu-se e deixou a médium, tendo cada um de nós feito o possível a bem da melhor concentração.

Um minuto depois, se tanto fora o tempo gasto, ouvimos dizer:

— Graças a Deus! Acendam todas as lâmpadas!

Olhamos para o lado de onde vinha a voz, tendo visto perfeitamente o nosso filhinho Teófano, que se sustentava no ar, como que agarrado a alguma coisa, pela disposição dos braços. Inquirido por Gumerindo, respondeu ele que estava no colo da vovó.

Depois de Nora ter aceso as lâmpadas, estando ele sempre na mesma postura, deslocou-se entretanto para o outro lado da mesa, ficando de frente para a sua mãe. Olhou-a com uma ternura indescritível, exclamando com fervor:

— Mamãe! Mamãe! Olhe, eu estou aqui!...

Ele não estava mais doente, seus bracinhos eram alvíssimos e viçosos. Seu semblante irradiava uma felicidade celestial. Pouco depois, tão divinamente co-

movido, derramando copiosas lágrimas, eu não podia mais vê-lo. Curvei-me sobre a mesa, e com o meu coração de homem do mundo, e com a minha mente de homem de trabalho, procurei vislumbrar o Supremo Senhor no âmago de mim mesmo, para em surda linguagem protestar meus agradecimentos. Eu sei que não precisava falar. Minha alma era um discurso sublime, encantada que estava com a oferta do Senhor.

— Téo, — disse-lhe Santelmo, — você veio a nós como mensagem do Céu. Permita o Senhor que se repita isto por toda a nossa vida...

Ele o interrompeu, observando:

— Não, padrinho. Olhe como sofre minha mãe... Eu não quero mais fazer isso.

— Padrinho? Téo, você acha que tem isso importância? Eu creio...

Ele, de novo, interveio:

— Eu sei. Vovó também pensa assim. Os sacramentos que salvam são o Amor e a Ciência. Mas os pensamentos de amor nos alcançam e atraem fortemente. Estou sempre aqui, porque estou bem e porque tenho uma função, como vovó está mandando dizer.

— Uma função?

— Sim. Papai deve transformar a fazenda... Não criar mais gado para matar. Outros farão isso, ainda, por muitos séculos, talvez... Mas o papai deve não fazer mais isso... É Deus quem quer... É Deus...

Eu não o vi mais, desde aquele dia, durante a minha vida. Ele se desfizera e se fora, só vindo, de quando em quando, mas por incorporação. Sua mãe, minha esposa, desenvolvera a mediunidade de incorporação, e era de ver como tinham um só modo de pensar e sentir.

A seguir comunicou-se outro espírito, havendo abordado o tão importante assunto. Com ele mantivemos prolongada conversa, debatendo a questão, não já por oposição minha, mas simplesmente para penetrar a fundo no propósito da ordem vinda.

Fez o espírito o seu paralelo:

— A predestinação tem sua raiz nos motivos preparados pelo espírito no curso das vidas. Num caso de predestinação há sempre a infusão de dois fatores, pelo menos, e que são o mérito do espírito e a ordem administrativa superior. Isto é, o Céu determina um elemento capaz. Esse, pois, o seu caso, nesta conjuntura histórica.

— E se eu não quisesse aceitar o convite ou a ordem?

— Qualquer indivíduo pode falhar e responder pela falha. Outro faria o serviço, porque vasta é a seara do Senhor. Como eu dizia, são necessários trabalhadores múltiplos, para múltiplos serviços e em variantes tonalidades intensivas. A sua função, agora, é dar cabo da ordem e vencer.

— Receio das vantagens do ato, como exemplo a ser seguido. A humanidade continuará criando para matar e comer. A antropofagia ainda perdurará muito. . .

Ele avançou, dizendo-me:

— Não convém pensar assim, porque assim não pensaram os Grandes Reveladores, aqueles que em tempos primevos deram exemplos de fidelidade ao Céu.

— A humanidade ainda está embrutecida.

— Mas eles venceram. Faça cada um a sua parte, assim como possa e deva, que a Justiça Suprema se impõe devidamente. Os precursores não devem discutir ordem recebida, conscientes que devem es-

tar do mandado celestial. O reino do Céu é ordem geral, mas para efeito de gozo, compreenda-se bem, é de ordem pessoal. Está escrito, com palavras de Lei, na estrutura fundamental de cada um, que por suas obras poderá gozá-lo ou não. E quem poderia desfazer semelhante determinação?

— Estou apenas discutindo, mas é meu intento cumprir a ordem.

— É um exemplo. No curso da história fará efeito e produzirá bens imorredouros. É como o espírito em face do reino do Céu — chega a crescer tanto, que se vem a tornar útil a quantos dele quiserem se valer. Não é o reino do Céu que cresce, que ele é fundamental, imutável e completo; é o espírito que cresce para ele, por desdobrar seus poderes latentes. Uma vez desperto, torna-se poder e filtro da Soberana Vontade. Quem cresce para a Lei, a seguir, em ações, vale pela Lei. É o caso dos Cristos Planetários, que por se unirem à Lei, valem por ela e a executam. Eis porque digo, que vos cumpre agir, não com os olhos fitos nas cogitações humanas, e sim com a certeza do apoio superior. Largai a semente na terra que o Céu dela há de cuidar. Longe estão ainda os bons dias da humanidade terrícola, mas é certo que virão. Sendo assim, portanto, bem-aventurados aqueles que lhes emprestam valores e esforços.

— Qual o vosso nome?

— Sou apenas um irmão, que trabalha e quer trabalhar, que serve e ama o ato de servir. Até um dia, quando o Senhor dos Mundos determinar. Deus vos cobrirá de bênçãos, assim como acatardes os Seus Mandamentos.

Saído esse, deu entrada minha mãe, que disse ser ele uma “Luz do Senhor”, assim como os chamavam na sua esfera de vida, aos elevados mentores.

Consultei a opinião de minha mãe sobre a questão:

— Que pensa a senhora, mamãe, sobre o caso?

Ela sorriu e respondeu:

— Eu não penso, quando a ordem vem de tão alto. Faço apenas questão de cumpri-la, como melhor possa. Sei que é o primórdio de uma reforma, ou da reforma de costumes, pois em muito há que haver transformação na face da Terra e no caráter do homem. Mas, é necessário começar. E não tenha receio do que possam dizer os homens, pois há os sempre dispostos a tudo menosprezar e criticar. Lembre-se disto — se o Divino Mestre voltasse, para cumprir nova missão, e o fizesse no seio de

um povo agora dito cristão, por certo que não seria aceito e, eivado de apupos, passaria a vida. Os que se dizem cristãos, convém lembrar, são-no de modo superficial, contemplativo quando muito. Em obras, pouca coisa se salva na Terra! Infelizmente, meus amigos, é assim.

— Verdadeiramente, estamos longe do modelo enviado pelo Céu.

— Em obras, sim. Em fantasias, não. Sobram os formalismos por toda parte, não havendo tempo para o curso das obras dignificantes. E como já o disse elevado irmão, cada qual crendo no seu próprio modo de crer, pensa estar completamente certo, desprezando melhores aprendizados e mais sublimes aplicações. Seria hora de lembrar aos homens, que deixar sectarismos é a melhor divisa de ordem auto-administrativa. Quem livra é a Verdade. A ela se pode ir pelos caminhos do Amor e da Ciência. E quem se fanatiza, ou até mesmo quem se entusiasma, não pode vasculhar à vontade esses maravilhosos caminhos. Somos forçados a dizer, encarando o problema espiritualista em geral, ou qualquer das chamadas Grandes Revelações, que a religião fez mais fanáticos do que libertos. E por quê? Apenas porque há falta de senso crítico na criatura. Apenas por involução. Apenas porque o homem deste sécu-

lo, ainda transporta consigo lastros de superstição, cheiro de lama e tendências primitivas e idólatras. Seu muito olhar para trás, por certo que o inibi de olhar para a frente, naturalmente o torna espiritualmente recalcitrante e obsoleto.

— Reconhecemos, — interveio Santelmo, — que há muito primitivismo no modo de conceituar as verdades espirituais. Num tempo em que as maravilhas do Céu se fazem manifestas, por real atavismo, e por vício adquirido, o homem olha para a furna, encara amedrontado a idolatria, curva-se ao imperativo do que é retrógrado, julgando mal ao que é superior. Se o natural é ascender, é subir, é vencer a inferioridade, é sair da lapa, em matéria de religião o homem ainda crê e confia nos ídolos em geral e nas formas grosseiras em particular. Sentir Deus presente, saber-se uma partícula divina, e realizar em si os naturais desabrochamentos, isso é para poucos. O grande número pensa de maneira primitiva; para ele Deus está longe, mostra-se através de formas inferiores, faz-se valer por farândolas de homens e condena quem busca, pelo conhecimento saber, crer e cultivar os altos ideais, as nobres virtudes despertadas. Para um homem com lastros primitivos, quando o ídolo deixa de ser um planeta, ou uma árvore, ou um animal, ou um amuleto, passa a ser uma sentença, um livro, uma forma de fé. Por isso mesmo, temos

o mundo religioso eivado de fanatismos, de entusiasmos, contando com pouco ou nada de elevação espiritual de fato. O Cristo diria, de novo, que as coisas formais foram feitas para o homem, e não o homem para as coisas formais.

— Entretanto, meus queridos, aí está o tempo em que os dois planos da vida se hão de penetrar, de modo cada vez mais intenso, fazendo saber de uma vez por todas, que o Céu a ser cuidado é o interior, aquele que se erguerá em fundo de Amor e de Ciência, isto é, de Paz e de Autoridade. E como vimos de transmitir a um servo do trabalho e do bem, uma ordem no sentido de iniciativa feliz, lembramos a necessidade de reforma de fato, em pensamentos, palavras e atos. Quem neste mundo reencarna, ou lhe é pertence demográfico, por razão de escala hierárquica o faz. Comprova-se com isso inferior em evolução, demonstra ser falho, carente de progressos reais. É alguém que ainda cria para matar e mata para comer, portando-se para com os irmãos inferiores, daquele modo que não é devido a um filho regularmente conscientizado das elevadas finalidades do espírito. Cumpre, portanto, entendamos a vasta caminhada que ainda nos resta, nos rumos da espiritualidade superior. E para entendermos assim, antes de mais nada devemos considerar o valor da vida, seja a dos seres humanizados, seja a daqueles

de nossos irmãos, que ainda mundeiam pelas esferas animais inferiores. Distingo bem, no âmbito da questão, a luta que o homem deve travar contra os assaltos à sua faina. Neste caso, que é ou compreende a luta contra os animais daninhos, e quando não sejam de uso alimentício, matar não é crime. A ordem, pelo menos por ora, não encerra esse preceito, não proíbe a defesa do que é assegurado ao homem.

Santelmo voltou à fala, para argumentar:

— Muito há que fazer o homem, para vencer tamanha luta. Suprir-se em alimentos sem a contribuição das carnes é para a sociedade contemporânea um problema profundamente sério.

— Nos mundos superiores ninguém pensa em alimentar-se à custa do sacrifício alheio. Em nossas esferas de vida, jamais se pensaria em comer carne, sendo exato que se faz exercício de abstenção em geral, a fim de alcançar mais em forças espirituais. Portanto, como já vem de longos milênios a convicção de que as carnes são prejudiciais, não é muito pedir a alguém, que se lance ao respeito pela vida dos menos evoluídos. E como quereríeis lutar contra a dor, sem ser lutando contra os desejos assassinos? Ou, por que sofrem tanto os cidadãos deste mundo? Julgais, porventura, que viver bajulando a

dor possa resolver alguma coisa? Pensais, então, que mentir à própria consciência venha a se tornar um ato de triunfo contra o maior dos fenômenos com que se defronta o homem? Sabei, de uma vez por todas, que os sofrimentos do homem são na razão direta daquela dor que a outros impõem!

Pareceu ter ouvido alguém, que lhe lembrara alguma coisa, para a seguir recitar o texto bíblico:

— No Velho Testamento está dito — “Quando fordes mansos e humildes, increparei os animais daninhos e retirarei do vosso meio os espíritos imundos” — Creio que fala por si o grande aviso, pois não?

— Não deixa de ser excelsa a advertência. — respondeu Nora.

Em tom meigo, volveu minha mãe:

— Tenho que vos deixar, meus queridos. Outros afazeres me estão afetos. Lembrai-vos, entretanto, que sem amar a vida ninguém chega a ser vitorioso e feliz. E não digais que é tradição, que o mundo sempre foi assim, ou que Deus tenha deixado uns para serem devorados pelos outros. Todos vêm surgindo das gamas inferiores da vida, e cada qual, à medida que se torna mais consciente, deve empreender a luta contra

a inferioridade. É para a frente que se deve olhar, não para trás. As glórias finais são psíquicas e não instintivas. Compreenda cada qual o que tem, e aquilo que lhe falta, sopesando severamente a necessidade de amar cada vez mais, porque fora do amor não há vitória de fato. Antes de elogiar a dor, faça-se alguma coisa por eliminá-la. Uma nova era surge para a humanidade, reclamando mais Amor, mais Ciência, muito mais sinceridade do homem para consigo mesmo. Desculpas falazes não levantam o reino de Deus no íntimo do homem! Ou se arranca o mal desde a sua raiz, ou se faz obra de tolo encobrindo-o com dísticos piegas e desculpas de falsa observância. Não se teçam elogios às punições, que isso significa ignorância ou covardia; antes meus amigos, procuremos sondar-lhes as causas, descobrir-lhes os motivos, encetando luta fundamental a fim de liquidá-las pela base. É hora de darmos conta, também, e acima de tudo, daquilo que os milênios de fé viciosa erigiram! Enfrentar a realidade, face a face, e reconhecer tão profundos e recalcados erros, e terçar as armas do espírito com o fito de vencer, pode ser porventura deprimente para alguém?

— Não, está visto. — dissemos.

— Pois então, queridos, fazei o máximo bem e evitai todo e qualquer mal. Que os nossos irmãozinhos, aqueles transeuntes dos reinos inferiores, vos

mereçam amparo. Até breve, se Deus quiser. Sereis abençoados, assim como abençoardes. São os foros da Lei que assim determinam.

Fizemos uma prece pelos espíritos sofredores, e outra agradecendo aos Poderes Superiores da Vida, pela oportunidade tão grata que se nos deparara, de manter colação com o mundo espiritual.

Uma vez encerrada a sessão, Gumercindo observou:

— É fácil compreender, depois de um contacto destes, a importância do Batismo de Espírito, daquele grandioso fenômeno do Pentecostes, marco inicial de uma nova fase histórica, de um tempo de franquias gloriosas entre os dois planos da vida.

Pela nossa mente perpassou, então, tudo quanto se dera em seguida ao grande evento, até o quarto século, quando Roma surgiu, liquidando a Revelação, truncando o Batismo de Espírito, a fim de impor toda sorte de idolatrias, de paganismo mercantilista, despótico e propulsor de ignorantismos sem conta.

Depois de tomarmos um café reforçado, cada qual tomou seu rumo. Viam-se, nos semblantes, as marcas de uma felicidade ímpar. Daquela infusão com o Céu, restavam esplêndidos fulgores espirituais.

— Quando teremos mais dessas bem-aventuranças? — indagou Nora

Pensei um pouco, tomei íntima deliberação e respondi:

— Não antes de cumprir a ordem. Fica assim combinado. Na próxima vez, tudo estará em condições ideais, porque nenhum animal da fazenda estará votado a ser comido.

Nora olhou-me com surpresa, inquirindo:

— Não comerá mais carnes de hoje em diante?

Sopesei as circunstâncias, e para não prometer muito, respondi:

— Não matarei para comer. Pode ser que venha a comer, mas não tirarei a vida para fazê-lo. Se outros matarem, e conforme o caso, talvez coma, talvez não. Prometo o que posso, apenas.

Gumercindo e Santelmo endossaram minha proposição, afirmando segui-la. E foi assim que terminamos a tarefa, daquele adorável dia, naquela memorável noite.

Aos trinta dias daquela enunciação, nem mais uma rês havia na fazenda, cuja vida estivesse hipotecada ao desejo de repasto humano. Tudo fora vendido e negociado, havendo com isso amealhado o numerário suficiente, para dar início a uma nova fonte de recursos. Pelo cálculo feito, a extração de madeiras daria para suprir-nos um largo tempo. Dentre outros recursos, em boa hora nos procurara uma família de japoneses, propondo o estabelecimento de uma granja. Esta, um ano e meio mais tarde, fora por mim incorporada totalmente. Eu não havia pensado e aguardado tanto de uma simples granja, mas é forçoso dizer que em tudo ela se excedeu, cobrindo despesas e deixando boa margem de lucros. O estrume, com o que eu não contara, e que fora sendo vendido aos arrendatários da imensa várzea, na qual radicaram a maior

cultura vista por mim de tomates, por si só valeria como fonte de cobertura, dado a experiênciã de certo empregado.

Com muito trabalho, é certo, mas aos dois anos estãvamos emancipados. Santelmo comprara a fazenda ao lado, dedicando-se à cultura do café, elemento com que eu nunca simpatizara. Fora ele muito bem sucedido, não há dúvida. Quanto a Gu-mercindo, dei-lhe a mão em iniciativa feliz, plantando-lhe uma vinha. No quarto ano de arrendamento, fizera ele proposta de compra, não concordando eu, pois implicava em retalhar as terras, o que não me era do plano de propósitos. Ao afirmar a sua disposição de ir-se, fiz-lhe oferta paternal, pelo que ele me disse:

— Senhor Flávio, o senhor é mais do que um homem de bem. É um pai!

— Estimo em extremo a sua companhia, Gu-mercindo.

— Mas eu desejava casar-me novamente....

Queria uma fonte certa de recursos.

— Eu lhe garantirei essa fonte, homem. Vã bus-

car a mulher que sonha por esposa, que o mais tudo se fará, como Deus queira e nós possamos. Aqueles que vivem da jornada, como simples colonos, não se mantêm? Ou é que você já está rico e quer ser também fazendeiro? Se é isso, pode estar certo de que o auxiliarei como melhor possa. Gosto de gente que faz por subir à custa de trabalho honesto.

— Conto com o seu favor, mas não era para ser fazendeiro. A vinha dá muito trabalho, o senhor sabe.

— Apresente-nos a futura esposa, — disse-lhe eu, — que hoje mesmo vou tratar do assunto com Maria. Tudo há de sair bem, e nós ainda faremos aqui qualquer coisa de grande em matéria de religião.

— Eu tenho tratos com a Eugênia, senhor Flávio. Em matéria de religião, tudo parece estar muito bem talhado e posto em ação. Viver na fé de Deus, em pensamentos, palavras e obras, eis o que se deve fazer. Quanto ao mais, a humanidade não se irá modificar assim tão de pronto. Muitos milhares de anos serão necessários, para que ela se compenetre de que para sofrer menos é preciso pôr em função as melhores qualidades despertas. As gentes costumam pensar, e é quase regra geral, que da parte de Deus não há melhor assistência. Entretanto, poucos fazem por cometer atos menos infelizes.

O egoísmo humano ainda não concebeu a riqueza do espírito. Do contrário, ao menos por egoísmo havia de produzir um pouco mais e melhor.

— Bem, eu penso do mesmo modo. Mas a ideia do abrigo não me sai da mente. Todavia você falou na Eugênia? É a ela que quer por esposa?

— É, uma viúva com dois filhos, e parece ser uma mulher de valor.

— Antes de ser um bom casamento, que é, sem dúvida, é graça de Deus para ela e para os dois meninos. Se isso der certo, Gumercindo, faremos estudar um pouco os rapazinhos. Que acha?

Feliz, com os olhos brilhantes, Gumercindo respondeu:

— Já estou vivendo essa grande realidade!... Um dia serão homens cultos e darão de si bons exemplos ao mundo. Como ela se irá sentir feliz. Hoje mesmo hei de lhe dar a notícia.

— Traga-a para a minha casa. Você sabe o quanto Maria faz empenho em meter as mãos nessas coisas, não sabe? E eu quero vê-la servindo, dando uma ajuda no que é agradável aos outros.

— Eu sei que dona Maria fará o possível por nós. Ela já é, desde a morte do Téo, a alma bem-aventurada que aparece nos lares na hora certa. Quando a tormenta ataca, quando a dor eclode, quando a lágrima aflora, pode-se estar certo de que dona Maria surge e aplaca o quanto lhe está ao alcance. Agora fico sabendo, também, que atrás dela está o seu apoio, a sua vontade de homem fiel a Deus...

— Lutando contra a dor, apenas, Gumercindo. Isto nos foi recomendado.

— Muito bem. Então, sendo assim, que dor poderá contra o espírito? Ou seria possível melhor obra da parte de um cristão? Francamente, creio que para vencê-la se faz mister aplicação no bem. Avanço mesmo um pouco mais, afirmando que no dia em que haja mais noção da Verdade nos homens, poder-se-á, tecendo muito menos cantilenas nauseantes à mesma, produzir muito mais pela sua liquidação. Vencer a dor é vencer a própria morte!...

— Não nos esqueçamos de que existem mundos felizes onde a morte não sabe a dor. A Terra, segundo informes superiores, está votada a ser um mundo assim. Logo, não pensemos em vencer a morte, mas sim em eliminar a dor. Sabendo eu que só se pode vencê-la pelo culto do bem, e bem que

avança pelo respeito à vida dos próprios irmãos inferiores em evolução, por que não hei de fazê-lo? A princípio parece ser obra de favor, em vista dos recalques grosseiros que arrastamos conosco. Aos poucos, porém, sentimos ser apenas dever, e dever assaz elementar. Esta conduta, entretanto, garante-nos um gozo tal de espírito, que só aquele que o experimentou pode conceber. É a paga, já, da renúncia a certos outros prazeres e facilidades.

— Mas podemos admitir o quanto o plano é quase insuportável ao maior número de cidadãos deste planeta. Não eliminar vidas que não sejam as reconhecidamente daninhas, não viver sem ser para fazer o bem, ir até ao sacrifício pelo bem dos semelhantes... É muito vasto o plano, sem dúvida, para uma humanidade que ainda ontem deixou a fumaça e a pelúcia irracional.

— Qual é a hora que serve para se iniciar uma boa norma de vida?

— Toda e qualquer hora, senhor Flávio.

— Então, Gumercindo, que não percam tempo aqueles que possam, desde já, reconhecer chegada a sua hora de reforma. Que ninguém se dê ao nefando gesto de apontar terceiros, como sendo os

responsáveis pelos seus delitos. Em meio de uma turba fera, o Cristo assumiu a Sua responsabilidade e venceu o mundo! Tivesse tido medo ou apontasse terceiros como sendo também fracos, e teria fracassado. Tenhamos, então, a suficiente dose de coragem; já não é necessário enfrentar uma cruz, mas simplesmente amar o quanto possível a vida, e ampará-la em suas expoenças preliminares. De algozes, passemos a protetores. De vampiros e devoradores, passemos a fiéis exemplificadores. Pelo quanto nos fizermos bons, estaremos escapando ao império da dor, sem a necessidade de gastarmos tempo e de comprometermos a integridade moral com a aplicação de desculpas esfarrapadas. Menos do que isso, seria increpar a Deus, por julgá-lo inibidor dos poderes libertadores do espírito.

— Realmente, senhor Flávio, chega a hora, para todo o espírito em particular, de assumir um pouco mais de responsabilidade. Ou se compenetra do que lhe convém de fato, ou fica marcando passos nos planos de dor.

— O pior, Gumercendo, é que o dolo entra sorrateiramente pelos meandros do caráter humano. Uma vez presa o homem do erro, ou da fraqueza, que o inibi de triunfar, automaticamente lhe vem dos fundos do caráter viciado um amontoado de

infelizes desculpas. Então, qual criança manhosa, sopesa suas falsas razões, valoriza ao extremo suas dores, faz alarde de suas mínimas vantagens. Se chega a ser um homem culto, capaz de trançar ideias, de alinhar concepções, então, por força do peso moral que não tem, em virtude do lastro de erros que representa, tudo faz para que o tomem como vítima do mundo e talvez como um santo. No fundo, entretanto, é apenas uma vazante dos erros antanho cometidos, das superstições recalcadas, dos idolatrismos milenarmente vividos. Apenas, para diferenciar, apresenta suas falhas de modo mais técnico, escalonando teorias, números e fórmulas que nada provam, por não se verem nelas refletidas as contingências do homem ou da humanidade.

— O senhor vive a pensar nessas questões?

— Sim. Para não valorizar em demasia os próprios feitos. Com um pouco menos de auto-policiamento, o homem vive uma vida comum, na altitude de suas concepções, pelos estudos que pode adquirir, e entretanto se julga mais e melhor do que o seu próximo. Nasceu, cresceu, estudou, aprendeu, lecionou. Casou, teve sua mulher e seus filhos. Viveu, sofreu e gozou, retalhando e distribuindo normalmente a quantia de seus dias sobre a Terra. Tudo comum, tudo normal, enquanto não se lhe

meter na mente que é uma vítima do mundo e dos companheiros de jornada; se isto lhe ocorrer, ou lhe fizerem ocorrer, então passará a se julgar um missionário, um meio-cristo, um sofredor da causa humana. Repare que disso há muito...

Veio Santelmo e arrancou-nos da prosa, convidando-nos ao acompanhamento de um enterro. Havia falecido, em desastre de trem, o filho de um seu fiscal, estando o féretro marcado para as quatro horas da tarde. Como fosse domingo, arrolamos um bom número, uns a pé, outros a cavalo e outros de trole. No interior, onde a rotina envolve a vida em seus aranzéis monótonos, tudo pode servir de motivo de gozo, seja um nascimento, uma morte ou um casamento. Para os mais velhos, ou aqueles mais curtidos pela idade e provanças da vida, mas desprovidos de notícias sobre a majestade da morte, um enterro se faz veículo de trânsito para o enfarruscado de mil e uma cogitações supersticiosas. Sei-o por mim, pois também vazei, nos dias de menos consciência da realidade espiritual, todo um roldão piegas e mentiroso, temeroso e blasfemo, por assacar a Deus os institutos do favor ou da ira!

Naquele dia, à hora de saída do féretro, pediram-nos o pai do jovem uma prece à espírita, encomendando o espírito de seu filho, um rapaz sabidamen-

te correto e trabalhador. Foi então que, chamando a atenção de todos, pedimos uma prece em solilóquio, a fim de, embora havendo divergência em algum particular, houvesse, ao menos, harmonia no plano geral, tendo cada qual oportunidade de pedir, a seu modo e gosto, para ofertar ao amigo de além do véu, como bem entendesse, o produto de sua colheita na cornucópia do Céu.

A seguir, tecemos as nossas considerações em torno da jornada evolutiva do espírito, fazendo saber àquela gente toda, que muito mais lágrimas poderíamos estar merecendo nós, os chamados vivos, pela inconsciência em que vivíamos, pouco ou nada fazendo para mais e melhor conhecer as coisas do espírito. A morte, lhes foi lembrado, necessita ser cultivada com todo o poder do coração e toda a capacidade de vivência do cérebro. Quase a totalidade dos que deixam o plano carnal, o faz em condições de cegueira espiritual, por se haver tributado na vida, aos zelos de interesses passageiros. É comum à maioria, tornar subalterno o problema magno do espírito. E isto, por julgar a morte como se fosse um enigma, sujeito integralmente aos foros de um Deus sem justiça, um Deus de mistérios e de milagres, de favores e de iras, tal como O concebem as religiões dogmáticas, os credos que se levantaram no mundo, em

nome do Cristo, mas que, por infeliz interpretação da finalidade da obra do Cristo, se afastaram da Revelação, do Batismo de Espírito, cultivando, bem por isso e quando muito, uma fé contemplativa e idólatra, formal e enganosa.

— A Igreja ensina o erro?! — indagou-nos um senhor, encanecido e encarquilhado, feito o espanto em pessoa.

Para não interromper o curso da palestra, pretendi a princípio não lhe dar imediata resposta; como, porém, me veio à lembrança o poder falar a muitos, completei o pensamento e dei-lhe a devida atenção.

— Meu senhor. O Divino Modelo, em caráter geral, civil e religiosamente, não é Jesus Cristo?

Meio basbaque, o velhinho respondeu:

— Pois é...

— Então, senhor, uma vez que a Lei já estava dada, cumpria fosse tornado público o direito de culto revelacionista. Ou poderá alguém afirmar, não ter sido para batizar no Espírito que o Mestre encarnara? Que estava prometido no Velho Tes-

tamento? Não era um derrame de Espírito sobre a carne? E que veio fazer João Batista, o Elias, que viria na frente, sem ser anunciar a presença na Terra, ou na carne, do Missionário da libertação revelacionista? Ou não foi para o grande fenômeno do Pentecostes que Jesus se manifestou aos Apóstolos e marcou-lhes a data do imediato acontecimento? Que valem, os avisos do primeiro capítulo do Livro dos Atos, ou a consumação do feito, tal como se lê no capítulo dois? E que diremos da Igreja Apostolar? Como se reuniam seus componentes em seguida ao grande mandado epilogado pelo Mestre? Não foi Paulo a ensinar, como sistema de reunião e culto, a observância do grande acontecimento? Que se lê no capítulo quatorze da primeira Carta aos Coríntios?

— Mas a Igreja não ensina os ensinamentos de Jesus?
— tornou o velhinho.

— Senhor! Falar em Jesus é uma coisa; seguir-lhe os exemplos é outra; e procurar avançar em conhecimentos, à custa do Consolador, ou da Revelação, representa o máximo respeito às duas primeiras obrigações. Quem é em atos contra a Revelação, quem através de rigores preceituais se lança contra o Batismo de Espírito, por certo não faz Cristianismo! Tomar o nome de Deus, valer-se

da influência retumbante do Cristo, para levantar clerezia pagã, forrada de vestes fingidas, armada de ídolos em geral, feita ela mesma uma fonte de renda e desmandos políticos, para com isso se lançar contra o motivo da vinda do Cristo à carne, pode por ventura ser Cristianismo?

Aturdido, o velhinho disse:

— Não é agora o momento para se empatar tempo com outras perguntas; mas desejo saber isso de modo mais explícito. O senhor me promete acesso no círculo de suas reuniões?

— Depende, meu senhor.

— Por que? — fez ele, em tom humilde.

— O Cristo ensinou que se deve amar a Deus com todas as forças do cérebro e do coração. Portanto, eu só aceito em minhas reuniões, aqueles que buscam saber cada vez mais e melhor. Quem não pode ler aprende pelos ouvidos; quem pode ler, por ambos sentidos. Porque, de modo geral, não se pode admitir para a cultura espiritual, menos zelo, menos atenção, do que empregamos para as boas colheitas terrenas. Para tratar do reino do Céu, não existe o meio-termo; ou se é dele

ou se é contra ele!

— Aceito! — afirmou ele, como quem aceita um repto.

— Compareça às nossas reuniões, quando quiser. — propus-lhe.

A seguir, fizemos ligeira recapitulação do anteriormente tratado, avisando sobre a necessidade de mais cultivo espiritual da parte de todos. Tornar um corpo ao cadinho terreno, e um espírito ao seio da vida espiritual, não deve impressionar a quem quer, embora fira em cheio os laços de amizade e apego consanguíneo. O que deve calar fundo no campo intelectual, e mais penetrante ainda no mundo das emoções, é o estado de inconsciência em que possa fazê-lo. O grande problema não é o da morte em si, mas sim dos seus preparatórios.

A voz da circunstância ordenou: segue o enterro! E o enterro seguiu, em parte ligeiro e banhado em lágrimas, em parte lento e versado em ditos e lembretes costumeiros. Quanto às lágrimas, não adianta dizer, afirmar, quase exigir, como o fazem muitos doutrinadores, a maioria para efeito apenas de exportação, que elas não devem ser derramadas, por tais e quais razões. Uma só morte, convenhamos, é como um livro que se divide em muitos capítulos. Repontam, dele, elementos de ordem variada, para as verdades do cérebro, do coração, e das leis profundas que exortam aos problemas de pré-morte e post-morte, desdobrando-se ainda para as esferas de mil e uma tonalidades concepcionais e emotivas. Quando dizemos que outros tempos reclamam, para o fenômeno dor, considerações mais específicas, e bem mais moralizantes, estamos sem dúvida afirmando,

concomitante e severamente, que a tese é por demais séria, para ser assim jogada sem o amparo da mais sólida e venerável intenção. Não se pretenda proibir a quem quer, que derrame suas lágrimas pelos seus entes queridos. Há que chorar e chorar, senhores! E nós também choramos, também sofremos, também perlustramos a vastidão da escala emotiva. Apenas, em virtude do respeito que se deve às determinâcias superiores, sopesamos o poder da lágrima, e nunca fazemos dela uma obra de escandalização. Falo dos planos de luz, não das zonas inferiores. Os inferiores pensam e sentem inferiormente.

Muito respeito deve merecer de todos, aquele fenômeno que a um tempo faz vibrar o cérebro e tinir as cordas sentimentais. Muito estudo deve ser aplicado, a bem do destrinçamento da tese, por parte daqueles que ficam. Porque aqueles que partem, esses já se encontram nos mealhos adrede preparados e recolhidos, não podendo mais do que aguardar o pronunciamento da Lei, que do imo surte e torna feliz ou não. Senhores! A dor é por demais respeitável, para ser tão pobremente aceita ou renegada. Afirmamos que, apesar das boas intenções, com muito pouco ficamos, da imensidade de tratos que lhe hão dado, até hoje, pensadores antigos, modernos e moderníssimos. Ordenam, de mais alto, que o homem se erga, se ponha de pé,

a fim de aceitá-la para combate. Melopeias piegas, conceitos eivados de misticismos negativos, filtros de recalques doentios, não a combaterão jamais! Amando, porém, com vigor a vida; rumando a passos largos em demanda aos saberes superiores, eis aí como tratar do mais empolgante dos fenômenos espirituais. Enquanto, porém, os comentadores do grande e voraz monstro, pensando estar certos, tecerem-lhe, odes melosas, e por certo capciosas, porque os louvores teóricos não correspondem à aceitação prática, enquanto assim for para com ela procedido, naturalmente a Terra será um vale de lágrimas. Não é necessário lembrar o assassínio dos inferiores em evolução, o prejuízo das insinceridades, as lesões da mentira, as cicatrizes do egoísmo, as manchas dos excedentes sensuais e sexuais, etc. É do alcance geral saber de onde surgem as procelas infernais. E não deixa de ser elementar, também, qualificar os remédios de fato, não fazendo confusão com os paliativos secularmente aplicados.

Alípio o velhinho, arrastou consigo, no curso dos dias, muita gente para as nossas reuniões. De “rato-de-igreja” passou a estudioso atento, devorador de livros, constatador de fenômenos e analisador sincero e arguto. Superou, de muito, o seu antigo conceituismo, idólatra e formal, soterrando-o sob o maciço de um vasto cabedal de conhecimentos. Leu tudo quanto se pode a respeito da Sabedoria Antiga, de Esoterismos e Ocultismos, vindo um dia a afirmar:

— Sinto-me feliz pelo que alcancei. Acima de tudo, compreendo a finalidade da vinda de Jesus à carne, que foi para tornar de uso franco e universal o culto da Revelação. Se a Sabedoria Antiga determinava a necessidade de círculos fechados, de ocultismos, de secretismos, o Cristo veio no momento

exato, no vértice da hora cíclica, a fim de operar a promessa do derrame de Espírito sobre a carne, tornando a humanidade toda herdeira do direito de livre culto revelacionista. É necessário que os responsáveis pelos ensinamentos religiosos, se compenetrem da extensão do culto Apostolar, nas bases do Batismo de Espírito. Não fosse de capital importância a reforma, e o Cristo não teria, com a vida, preparado o acontecimento do Pentecoste. Não compreendessem a longanimidade do fenômeno social-religioso, e os Apóstolos não teriam deixado o Templo e suas tradições, a fim de prosseguir naquele padrão, como nô-lo indica perfeitamente o capítulo quatorze da primeira carta aos Coríntios. Para continuarem as idolatrias formais, as clerezias extorsivas, o ignorantismo das gentes, não havia necessidade de vir Jesus ao mundo, para saldar a promessa do Batismo de Espírito, legado celeste que é a súpula de todas as Revelações e o veículo de tudo quanto tenha de vir, no curso dos tempos.

O velhinho, de fato, lia, estudava e punha em prática os ensinamentos. Com a sua alma sincera, presa de uma fé consciente, tornara-se um passista de escol; a sua valência, como médium curador, chegou a ser respeitável. E por que, Aquele Senhor que encheu de graças mediúnicas a ação apostolar daqueles gloriosos dias, como

proclamam todos os capítulos do Livro dos Atos, não devia semear de matizes consoladores a reta final daquela vida fiel e feita a imagem da mais intensa dedicação? Ele não era apenas um crente, mas sim um profundo conhecedor!

Vinte e dois anos depois, quando um longo escalão de confrades e amigos já nos havia precedido no passo feliz, integrando a falange dos obreiros do plano espiritual, e deixando em nós as marcas de uma saudade imensa, fomos também convocados pela lei, largando o fardo carnal, entregando à mãe-terra o que lhe devíamos desde o berço. Como ninguém morre de saúde, caímos doente, presa de uma febre pertinaz, que um dia nos fez, sem saber como, vagar por entre campinas floridas, cujo ar sabia a perfumes os mais variados, cuja aragem mantinha a leveza de sopros os mais embaladores. Tudo era ali em vivência de sonho e ternura, enlevos e doces evocações.

Ao atingir o ápice de um monte, vimos na planície, além, uma cidade-jardim, mas de tal modo

ampla, que uma exclamação nos borborejou nos lábios, fazendo vibrar a atmosfera. Naquela hora, como que acordando de sono prolongado e morno, perguntei a mim mesmo onde poderia ser aquilo, e como teria comparecido à presença daquela paragem deslumbrantemente encantadora.

Qual acorde musical, uma sonoridade sublime nos penetrou, como não sei, vindo permanecer em nosso íntimo, e íntimo tão profundo, fazendo eclodir um sentimento de paz que é impossível de ser relatado em palavras. Eu era a paz! E uma paz de caráter infinito, em espaço, em tempo, em não sei que, a ponto de me parecer confundido com o Espírito Divino, com a Primeira Essência do Universo. Meu primeiro ímpeto foi o de cair de joelhos e orar... Mas ouvi, a seguir, uma voz ao meu redor, ensinando:

— Meu filho, ora em espírito, que isso já é do teu conhecimento. Para que, o Senhor nos que-
reria de joelhos?...

Estaquei e deixei corressem lágrimas quentes pelas faces abaixo. Todo eu vivia um momento de prece, que parecia ser a própria eternidade feita em oração. E que oração! Naquela circunstância, vivendo aquela paz, ouvir a voz de minha

mãe através daquelas sonoridades! Só Deus poderia, em ciência, saber o grau de minha emoção espiritual. Eu a vivia, mas não poderia medir-lhe a extensão. Eu a sentia fulgurar divinalmente no meu íntimo, mas não lhe poderia sondar o imo de onde provinha. Estacado, de olhos fechados, cresci em espírito e me senti transportado. Eu sabia que deslizava através de um éter sublimado, cantante, absorvente ao extremo. Quando senti parar aquele carrocel bendito, aquela eté-rica e divinal viatura, procurei abrir os olhos e ver, para saber onde estava. Vi, então, ao redor de mim, uma centena de criaturas amigas, minha mãe pela frente, e dezenas de amigos e confrades que me haviam precedido na passagem de plano.

Eu sei que a morte, diremos assim, é para cada um a seu próprio modo, pois é a Lei que confere a cada qual tecer esse modo. O Apocalipse fala em uma segunda morte, e muitos são os que a experimentam, infelizmente. São os que saem da vala carnal e chafurdam nos abismos de treva! Como lembrete, apenas como lembrete, afirmo que muito podem certos pequeninos esforços em prol do bem e da sabedoria. O Céu não quer dores, mas sim obras decentes. Não quer sacrifícios, e sim caridade, deixou explícito o Divino Modelo. Eu apelo no sentido de que se façam

esforços pelo bem e pela sabedoria, pois apelar para a dor é obra que só cumpre levar a cabo em extremos de situação, sendo respeitável apenas quando em tempo de missão. De outro modo, convém apelar para outros meios, que os há e bastante. É suficiente, para tanto, se apele aos melhores galardões da inteligência e do amor, do que se façam ainda concessões aos sistemas viciosos, antiquados e comprometedores, capciosos e detratores da Ordem Superior. O homem foi emitido do Supremo Espírito, a fim de atingir o marco final da plenitude espiritual, fazendo escalas intermediárias nos portos do bem e da sabedoria. Apelar para a dor só é nobre em certos casos, sendo em outros apenas ação deprimente, quando acontece de não haver aceitação prática para aquilo mesmo que se tecem louvores teóricos. Isso é coisa muito triste, porque revela falta de sinceridade!

Minha mãe, abraçando-me e derramando felizes lágrimas, tecendo comentários lavrou sentença de ordem moral:

— Meu filho, você trilhou o caminho do bem e dos aprendizados sadios. Não tivesse feito isso e estaria, a estas horas, em lugar trevoso, quem sabe de muito sofrimento. Quanto me compra-

zo na sua obra, meu querido, por haver semeado o bem, por haver deixado no mundo uma colméia de felizes obreiros... Há de ver, a receber as bênçãos que lhe enviam os que lá ficaram... São preces, são pensamentos de gratidão, são amores que se chegam pelos caminhos do éter... Não é mais e melhor do que aquilo que vem das tramas do erro, da negação, do egoísmo, da inveja, da mentira, das sanhas mundanas em geral?...

— Compreendo, mamãe. A paz e a sabedoria se convertem em aumentos de paz e de sabedoria. E Deus não teria feito coisa alguma para o mal. Logo, algumas convenções ditas religiosas devem andar em erro há milhares de anos... Mas eu sinto um sono impossível... Eu necessito dormir...

Aquela sonolência me invadia por completo e eu não via porque não me entregar a ela. Num lance venturoso, senti-me alçado ao espaço e flutuando como se fosse um floco de aragem divinizada. E foi só o que pude saber de mim, naquele dia. Quando acordei, no dia seguinte, estava levíssimo, são e feliz.

Que se deu comigo, a seguir? Compenetrei-me, e nada mais, das leis que regem as vidas e seus fenômenos, que as fazem livres, ou que as tornam agrilhoadas a mil e uma contingências, quando ignorantes de que sagradas são as finalidades de que maravilhosas são as colheitas do bem.

Muitos outros me precederam nos relatos, sendo esta série, que é a maior havida no mundo até ao dia de hoje, constituída de muitos livros. Quem quiser saber do que tratei a seguir, dos meandros a que me entreguei, a fim de saber e me aplicar nos serviços de solidariedade, entre um plano e outro, busque ler aquilo que outros vazaram nessas obras. O Céu, até certo ponto, já foi bem exposto. Resta é saber, de fato, até onde quererão os nossos amigos da Terra, os encarnados, atender aos

seus apelos. Não pensem por ventura, que estes escritos tenham saído de nossos direitos de velei-
dade, apenas, ou das tendências literárias de que os tornou apresentáveis em formas de livros. Há que saber entrever, nestas obras, o mandado superior, a determinância da Diretoria Planetária. É hora, e na hora tudo foi programado, articulado e vazado, para que as profecias do Cristo, feitas há dois mil anos, não ficassem esquecidas, sem efetivação. Depois de avolumadas revelações, e de se terem repetido vezes sem conta os mesmos ensinamentos, variando de eras, de continentes, de raças, de povos, cumpria fossem reveladas as verdades de aquém túmulo. Isso é que se fez, até onde se pode, até onde houve ordem de se fazer...

Não foram buscados, para os relatos, se não homens do povo aqui dos países da morte. O alto e o baixo foram expostos ao natural. O que mais há, e é muito, em matéria de altos e baixos, em tempo virá, como em tempo veio isto. Cumpre, a cada um em particular, e a todos em geral, a compenetração da Verdade. Pela pobreza do homem, em provisões de ordem espiritual, não responde o Céu. Ele é o Mestre que aparece, assim se revele pronto o discípulo...

Atendam bem para isto — não falamos em

nome de seita qualquer, que não as esposamos; nem para tanto foi-nos lembrado o quer seja; falamos em nome da Verdade, que nos brandões de si mesma paira acima de cogitações divisionistas. O Cristo, em sua função de obreiro do Batismo de Espírito, veio lançar o gérmen da unificação religiosa, em torno da Verdade, e no âmago dela, não em conciliábulos de homens facciosos, que procuram fazer da fé um meio de rendimentos profanos, uma força de eternização conchavista e amoral. As forças orgânicas do Universo serão abaladas, a fim de que suas células o sejam. As células que importam ao Céu, quem são? São os espíritos. São as criaturas. E as criaturas saíram do Espírito Total, de Deus, da UNIDADE SAGRADA! Não saíram de mil e um divisionismos...

Pela ordem, falando do Céu e da Terra, falamos do homem e de todos os seus direitos e deveres. Nesta época transitiva, repetimos a palavra-prece de um obreiro humilde; e a repetimos, porque lembra ela as três forças superiores do homem — a natureza divina, o poder mental e a consciência espiritual. Ei-la:

“Sagrado Princípio do Universo, fundamento de tudo e todos. Pela lei profunda do pensamento, a Ti nos dirigimos, no templo sagrado da cons-

ciência, a fim de que, unidos em anseios de paz e justiça, possamos merecer a assistência espiritual de que carecemos.

Graças a Jesus Cristo, Medianeiro Divino, queremos ser dos serviços de fraternidade entre encarnados e desencarnados, entre os que têm para dar e os que necessitam receber. Dá-nos, Senhor, acesso às fontes do Amor e da Sabedoria, para que possamos, sabendo, sentir, e sentindo agir. Queremos ser Teus apóstolos, desejamos ser úteis aos serviços de construtividade espiritual.

Inspira-nos, Senhor Jesus, uma vida de paz, de sabedoria, de perdão e de tolerância. Dá-nos a oportunidade de conhecer e sentir o sentido moral da vida! Dirige nossos passos às fontes dos eternos bens! Fazei, Senhor, que as falanges do Bem nos assistam, a venham em demanda de nossas aspirações venturosas! Seus ensinamentos se converterão, em nossos imos, em elementos de superior consciência intuitiva dos deveres.

Nesta hora cíclico-histórica, quando o mundo mental humano transita de um tempo-civilização para outro, fazei que os sinais do Consolador espraíem por sobre toda a humanidade, a fim de que ela saiba, creia e se melhore nas obras de cada

dia. É chegada a hora histórica, Senhor, de uma renovação cíclica. É de Teus amorosos Mensageiros que necessitamos a presença benfazeja. Consoante Tua promessa, através deles teremos fiel testemunho da Verdade que livra!

Fazei, Senhor, que pelas bênçãos do Batismo de Espírito, a humanidade se transforme num reinado de paz e ventura. Se um dia, para solver a celeste promessa, banhaste com Teu sangue inocente um madeiro crucial, em outros dias, nos tempos da confirmação, permiti aos homens de bem, aos continuadores de Tua Obra, o poder concretizador, a assistência dos obreiros do Amor e do Saber”.

Deus é a UNIDADE ORIGINÁRIA, assim como os Cristos Planetários são a UNIDADE ADMINISTRATIVA dos mundos. Se o Cristo deste planeta, vindo como homem, se valeu de poderes internos desabrochados, para sintonizar com a UNIDADE SAGRADA, ou Pai, como a chamava, e vazar-lhe a realidade, que devem fazer os homens, Seus discípulos?

FIM

A SÉRIE DO CÉU

Que é morrer? Como se prolonga a vida nos planos erráticos? Qual a estrutura da vida além do túmulo? Que é o Céu? Que são as zonas de trevas? Como agem as falanges socorristas? Que serviços prestam os Centros e Grupos que trabalham conscientemente?

A chamada SÉRIE DO CÉU, constituída de mais de vinte e cinco livros ou narrativas sobre a continuidade da vida além do túmulo, tem muito a dizer a respeito das questões acima expostas, e miríades de assuntos correlatos, tudo focalizado através de casos individuais, verdadeiros romances vividos, onde seus personagens demonstram que o Céu a ninguém é dado de graça, de favor, mas sim oferecido em potencial, em elementos, e que à custa de esforços deve ser edificado na intimidade. Essa a razão de ser chamada a SÉRIE DO CÉU, pois trata de ambos, do interior e do exterior, da complementação. Jamais o mundo teve revelação como essa, retrato fiel tão vivo e amplo das verdades astrais.

Não bastasse a essência de tão vasta e penetrante obra, ainda restaria a vantagem de estarem presentes, relatando feitos, alguns dos algozes do Calvária-

rio, de elementos que tomaram parte no martírio de João Huss, e outros que estiveram presentes aos trabalhos preparativos da Codificação, durante a vida de Kardec.

UM ATEU ALÉM DO TÚMULO
REENCONTRO NO CÉU
A CAMINHO DO CÉU
QUE FIZESTE DO BATISMO
ÀS MARGENS DO MAR MORTO
CONFISSÕES DE UM PADRE MORTO
CONSIDERAÇÕES DE UM ANJO DA GUARDA
UM MÉDIUM DE TRANSPORTES
CARLITO NO CÉU
ASPECTOS ERRÁTICOS
UM PROFETA DE ISRAEL
CONSOLADOR, O UNIFICADOR RELIGIOSO
RÉUS DO CALVÁRIO
NAS REGIÕES INFERIORES DO ASTRAL
ROMANCE NO CÉU
ESCALANDO A GLÓRIA

VERDADE E NÃO FANATISMO
REMORSOS E EXPIAÇÕES
O GRANDE SINAL
COM OS OLHOS DA ALMA
UMA VISÃO DO CRISTO
SEMPRE A LEI
JUSTIÇA DIVINA
LEIS, CAMINHOS e VIGILIAS, ETC.

São essas obras, caro leitor, que cumpre serem lidas, a fim de que os planos erráticos te sejam do conhecimento, preparando-te para aquele dia, que por certo virá, quando deixares a Terra das formas densas e dos pensamentos obstrusos, dos conceitos rampeiros e das vivências animalizadas.

LIVROS INDISPENSÁVEIS

EVANGELHO ETERNO E ORAÇÕES PRODIGIOSAS

Sendo o Livro Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas a Bíblia Final, prometida em Apocalipse 14, 1 a 6, por Deus, é evidente que contenha, de Sabedoria Divina e Orações Prodigiosas, aquilo que não podem ter as montanhas de bibliotecas metidas a doutrinadoras. O rigor da Justiça Divina, tal como Jesus e o Apocalipse anunciam, provará aos que vierem a merecer os Ciclos Evolutivos, apontados no capítulo 21 do Apocalipse.

A BÍBLIA DOS ESPÍRITAS

Este livro de Osvaldo Polidoro é um livro imortal. Ele contém o extrato das oito Bíblias da Humanidade e encerra o Espírito da própria Verdade. Quem tiver a oportunidade de manuseá-lo, certamente saberá como pensaram os trinta e tantos Budas, os quatro Vedas, os Hermes, os Zoroastros, Crisna, Apolo, Orfeu, os Patriarcas, os Profetas e o Cristo Inconfundível. Depois de escrever algumas dezenas de livros, Osvaldo Polidoro enfeixa, nesta obra, o Espírito da Verdade, a História do Consolador Eterno, a Palavra dos Mensageiros do Senhor, a Instrução Básica, o Evangelho do Cósmos e da Humanidade Cósmica. Sendo o extrato da BÍBLIA e de OS GRANDES INICIADOS, contém explicações que somente agora poderiam ser feitas. É o livro das Humanidades, porque é acima de religiões e de sectarismos, por ser O LIVRO DA VERDADE! Faça dele, filho de Deus, o teu livro de cabeceira.

O NOVO TESTAMENTO DOS ESPÍRITAS

Uma abordagem do Novo Testamento com versículos comentados, apresentando o Divino Documentário Bíblico Profético, que não entrou na Codificação do Espiritismo no século XIX.

Uma obra de consulta para quem quer se despojar dos dogmatismos e sectarismos, estribados em estatutos humanos.

Dos Evangelistas ao Apocalipse, o leitor é levado a conhecer o espírito e a inteligência das palavras, acabando com o conceito de que a Bíblia é um livro difícil ou enigmático.

EVANGELHO ETERNO (Apocalipse, 14,6)

PRINCÍPIO OU DEUS - Essência Divina Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo origina, sustenta e destina, e cujo destino é a Reintegração Total. O Espírito e a Matéria, os Mundos e as Humanidades, e as Leis Relativas, retornarão à Unidade Essencial, ou Espírito e Verdade. Se deixasse de Emanar, Manifestar ou Criar, nada haveria sem ser Ele, Princípio Onipresente. Como o Princípio é Integral, não crescendo nem diminuindo, tudo gira em torno de ser Manifestador e Manifestação, tudo Manifestando e tudo Reintegrando. Eis o Divino Monismo.

ESPÍRITO FILHO - As centelhas emanadas, não criadas, contêm TODAS AS VIRTUDES DIVINAS EM POTENCIAL, devendo desabrochá-las no seio dos Mundos, das encarnações e desencarnações, até retornarem ao Seio Divino, como Unas ou Espírito e Verdade. Ninguém será eternamente filho de Deus, tudo voltará a ser Deus em Deus. Esta sabedoria foi ensinada por Hermes, Crisna e Pitágoras. Jesus viveu o Personagem Inconfundível de VERBO EXEMPLAR, de tudo que deriva do UM ESSENCIAL e a Ele retorna como UNO TOTAL. O Túmulo Vazio é mais do que a Manjedoura. (Entendam bem).

CARRO DA ALMA OU PERISPÍRITO - Ele se forma para o espírito filho ter meios de agir no Cosmo, ou Matéria. Com a autodivinização do espírito, ao atingir a União Divina, ou Reintegração, finda a tarefa do perispírito. Lentíssima é a autodivinização, isto é, o desabrochamento das Latentes Virtudes Divinas. Tudo vai aumentando em Luz e Glória, até vir a ser Divindade Total, União Total, isto é, perdendo em RELATIVIDADE, para ganhar em DIVINDADE.

MATÉRIA OU COSMO - A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

ISBN: 978-65-993307-1-1

